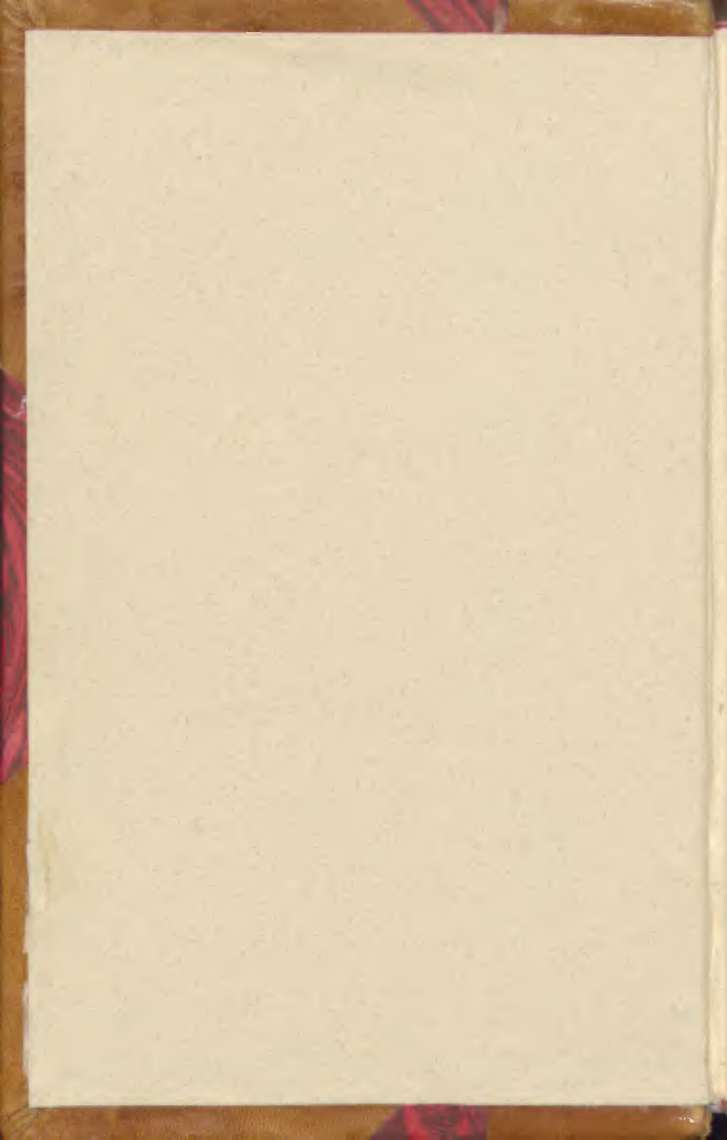






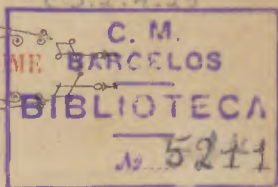


ARNALDO GAMA

O SARGENTO-MÓR DE VILLAR

(EPISODIOS DA INVASÃO DOS FRANCEZES EM 1809)

SEGUNDA EDIÇÃO REVISTA
E ILLUSTRADA



PORTO

LIVRARIA CIVILISAÇÃO
DE

EDUARDO DA COSTA SANTOS — EDITOR

4 — RUA DE SANTO ILDEFONSO — 6

1886

Porto — Typ. Occidental, rua da Fabrica, 66



0434

O SARGENTO-MOR DE VILLAR

X

Este de um pau tostado armado vinha,
De um roliço bastão vinha este armado,
Cada qual com as armas que á mão linha,
E lhe dava o furor desalinado.

BARRETO. ENEIDA. LIV. VII EST. 119.

A partida de Bernardim Freire para o Carvalho d'Este tinha desalentado temporariamente a excitação tumultuosa, que principiára, no dia 16, a reserver em Braga. O resto do dia passou-se mais socegado; mas ainda assim de modo que bem se percebia que a febre tinha apenas remittido, mas não acalmado de todo. Ao mais somenos motivo de descontentamento, aquelle incendio mal sopitado

principiou a acommetter esta e aquella casa, a prender e a insultar, e até a assassinar aquelles que mais inimigos tinham. Bastava um dicto, uma palavra sahida do meio dos differentes bandos amotinados, para perder um homem por mais pacífico que fosse, e por mais descuidado que se achasse em sua casa. Por mais de uma vez a população dementada arrancou até do proprio seio uma victima. Era ás vezes o mais feroz e o mais desvairado do rancho, aquelle a cujos brados a multidão obedecia, e tumultuava cegamente. Mas um inimigo, que se reuníra acaso ao mesmo bando, aproveitava um segundo de enfraquecimento ou de compaixão que elle tivesse, soltava a voz de *traidor* e *jacobino*, e o que pouco antes era ídolo da turba-multa, apparecia de repente na reçaça d'ella, reduzido a cadáver informe e mutilado, por cima do qual a multidão enfurecida

passava com raiva e com desprezo. Aqui ardia uma casa, alli um bando de revoltosos arremettia a um palácio com infernal alarido, acolá no meio de outro bando redemoinhava um desgraçado coberto de sangue e de lama, e victima de insultos e de impropérios atrocissimos. O contínuo tanger dos sinos a rebate e o infernal troar da vozzeria espavoriam medonhamente a cidade.

A's oito horas da manhã a anarchia tocou o extremo. A essa hora soube-se que a caixa militar e a secretaria tinham partido de noite para o Porto. A multidão soltou um brado pavoroso, e rolou-se com a ferocidade selvagem, que inspira o povo allucinado, para o campo de Sant'Anna, onde era o quartel-general.

Pouco tempo antes, passava-se a scena seguinte na sala do conselho do quartel-general, entre Ayres Pinto de Sousa, Luiz Vasques de Encourados e João Pe-

res de Villalobos. Todos tres deixavam ver claramente nos rostos e nos gestos a maior anciedade e a mais viva consternação.

—E estes malditos sem acabarem de chegar! E estes ladroens d'estes almoceves sem virem! — dizia Ayres Pinto, torcendo as mãos com desesperação — Os infames atraçoaram-nos de certo, e esta desgraçada familia está perdida!

Luiz Vasques nem respondeu, nem se mexeu da posição em que estava — de pé, encostado ao punho da espada, com o sobreceño sombrio e cuidadoso, e os olhos scintillantes de anciedade e ao mesmo tempo da resolução do homem destemido, que se vê face a face com a morte.

—Deviam aqui estar ás seis horas — continuou Ayres Pinto momentos depois. — São oito e ainda não chegaram! Não vêem de certo, não vêem de certo,

meu Deus! Como lhes disse que era para levarem a familia do general para o Porto, não véem de certo, foram-nos denunciar á canalha... Está tudo perdido... está tudo perdido...

— Snr. Ayres Pinto, é preciso não desanimar, é preciso ter coragem! — disse emfim Luiz Vasques.

— Eu não desanimo, snr. Luiz Vasques! — respondeu orgulhosamente o ajudante general — Nunca em minha vida tive medo, nem ha quem seja capaz de dizer que me viu perder a coragem, por maior que fosse o perigo! Não é por mim que temo, tenha a certeza d'isso. Se de mim se tratasse unicamente, riame d'esses entonos da canalha. Mas não posso ver a sangue frio o risco a que está exposta esta pobre senhora, estas pobres meninas e estas infelizes creancinhas...

— A população não ousará vir até nós,

snr. Ayres Pinto. Que tem esta senhora e seus filhos com os acontecimentos que naturalmente se vão succedendo uns aos outros?

— Que tem? Tem o mesmo que tem o nosso pobre general, snr. Luiz Vasques. A canalha amotinada não pergunta a razão dos factos; para ella a razão está na ferocidade da allucinação que a domina. Que tem, diz v. s.^a! Pois assim esqueceu tão depressa a apupada d'esta noute, e os insultos e as palavras descompostas, com que ainda ha pouco vieram tumultuar debaixo d'essas janelas?

Luiz Vasques não respondeu, e Ayres Pinto continuou alguns minutos mais a passear agitado em todo o comprimento da sala, do lado opposto áquelle em que o sargento-mór de Villar passeava tambem, com os olhos e as faces incendiadas, e regougando de espaço a espaço

palavras inintelligiveis e entoadas com supremo enfurecimento.

— Não chegam, decididamente não vêem! — exclamou enfim Ayres Pinto com verdadeira angustia — E agora que se ha-de fazer. . . que se ha-de fazer, se a canalha invadir esta casa? . .

— Que se ha-de fazer? — bradou em voz de trovão o sargento-mór de Villar, parando e batendo com o pé na casa tal patada que o soálho estremeceu — Que se ha-de fazer? Por alma de meu pai! Se ha seis homens esforçados dentro d'esta casa, pelo inferno! não entra cá um, entende? Pela minha parte não ar-reio, e só ou acompanhado, entende? para entrarem cá dentro, hão-de primeiro fazerem-me em postas na soleira d'aquella porta! Por alma de meu pai! Um velho soldado de Belver e de Puig-Cerdá não morre de abafas, e nunca se dirá d'elle que voltou cara ao inimigo, ainda

que fosse satanaz á frente de uma legião de diabos...

Aqui a porta da sala abriu-se de repente, e Gonçalo Barba Alardo arrojou-se por ella dentro, pálido, esbaforido e coberto de lama.

— Ayres Pinto, é preciso fugir immediatamente, sem perder um momento! — balbuciou elle, mal podendo fazer passar a palavra atravez da respiração apressada.

— Que aconteceu, Gonçalo? D'onde vens? Onde está o general?

— O general está preso. O povo está em anarchia. E' preciso fugir immediatamente!

— O general preso! Mas quem o prendeu? Onde é que está?

Gonçalo Alardo, depois de dar tempo a que a respiração se lhe regularisasse, respondeu:

— Depois que Luiz Vasques partiu

com o bilhete que o general lhe deu para te entregar, mandou este ordem aos commandantes da Ponte do Porto e da Falperra para retirarem sobre o Porto. Isto produziu geral descontentamento. Ao romper do dia o acampamento estava em perfeita anarchia. O povo dava morras e gritos sediciosos, rasgava as participações, abria os officios, e até assassinou alguns correios, gritando e berrando que tudo era entrega, que tudo era traição. O general, vendo então que já não era obedecido, resolveu-se a sair d'alli, como Villasboas e nós todos lhe aconselhávamos. Montamos então a cavallo, entre morras e pedradas, e tomamos a estrada real do Porto; mas ao chegar a Carapôa, encontramos a ordenança de Vimieiro, que nos cercou, appellidando-nos de jacobinos e dando morras ao general e a todo o estado-maior. Felizmente chegou n'essa occa-

sião uma outra brigada commandada pelo Antonio Bernardo da Silva, o qual, vendo-nos em tal apuro, começou a reprehender aquella gente, e, auxiliado pela que trazia, conseguiu arrastal-a na direcção do Carvalho d'Este, para onde o general lhe deu ordem que marchasse, dizendo que não tardava lá. O Bernardo deu-nos então vinte homens para nos acompanharem, e escoltados por elles continuamos o nosso caminho.

— Ah! snr. ajudante, — interrompeu aqui o sargento-mór — o tal Bernardo não é um homem reforçado, d'estes de pellos nos dedos, um homem cá d'esta feição, entende? um homem como eu?

Gonçalo Alardo relanceou o sargento-mór, e respondeu:

— E' um homem valente como poucos, e que deve possuir grandes forças, que bem o demonstrou n'aquelle lance. Porque pergunta vocemecê isso?

— Valente homem, por alma de meu pai! — bradou o sargento-mór — Conheço-o muito bem. E' um cá dos de Belver e de Puig-Cerdá, entende? Um d'estes que não voltam a cara nem ao proprio belzebú! Vá por diante, snr. ajudante, vá por diante.

Gonçalo Alardo voltou-se para Ayres Pinto, e continuou:

— Como te dizia, seguimos para a frente acompanhados pelos vinte homens que nos deu o Bernardo; porém logo adiante encontramos a ordenança de Tebósa, que, reconhecendo-nos, cercou-nos de repente, dando morras e voz de preso ao general e a todos nós. Quize-mos resistir, mas os vinte homens do Bernardo uniram-se logo á população, e foram os piores...

— Ah! marinellos! — interrompeu em voz de trovão João Peres, erguendo ao

ar o punho hercúleo cerrado convulsamente.

— O general, — continuou Gonçalo Alardo — vendo isto, gritou-nos que era preciso fugir, e metteu esporas ao cavallo. Fizemos todos o mesmo. O Villasboas, o D. João e o Sarmento, que estavam menos rodeados, conseguiram facilmente desembaraçar-se, atropellando os que lhe ficavam mais próximos. Em quanto a mim, achei-me de repente com o cavallo soffreado pela brida, e eu próprio agarrado de uma perna por um homem, que me aferrou com toda a força. Desfechei a pistola, que tinha empunhada, na cabeça do canalha que se me agarrára ao cavallo; atordoei o que me segurava, batendo-lhe com a coronha em cheio no cráneo, depois desembainhei a espada, e abri caminho por meio d'aquella infame população, que mandou apoz de mim algumas balas, de que felizmente

só uma me feriu ao de leve, aqui, no braço esquerdo. O general e o Malheiro não foram tão felizes. Eram os que estavam mais cercados. O Malheiro nem mesmo pôde mexer-se; o general esse lançaram-no do cavallo abaixo, e ainda o vi barafustar no meio da multidão...

— Então mataram-no? — exclamaram á uma Luiz Vasques e Ayres Pinto.

— Não sei, mas creio que não. Aquella canalha gritava que o queriam trazer a esse infame barão d'Eben... Mas tu... como é que estás ainda aqui? O general suppunha-te já caminho do Porto...

— O snr. Luiz Vasques chegou ás dez horas da noite. A's onze e meia fiz partir a secretaria e a caixa militar...

— E a familia do general?

— Só se arranjarem almoceves com recovagem para as seis horas. Mas os infames faltaram! A familia do nosso general ainda não partiu.

— Oh! que desgraça! — exclamou Gonçalo Alardo, levando com desespero as mãos á cabeça.

N'esta occasião é que a população se lançou furiosa no campo de Sant'Anna, e rolou como vagalhão de mar em tempestade de encontro ás portas do quartel-general. As rijas portas de castanho, chapeadas de laminas de ferro com forte cravação do mesmo metal, rangeram nos gonzos robustos, mas resistiram ao primeiro rolar da terrivel vaga popular. Mais uma, mais duas vezes — e não puderam resistir mais. Estouraram por fim com terrivel fragor. A multidão allucinada arremessou-se então por ellas dentro, soltando um brado temeroso.

Ao primeiro embate do povo de encontro ás portas, Ayres Pinto e os que estavam com elle recuaram como assombrados pelo estampido de um trovão inesperado. O sargento-mór foi o pri-

meiro que correu ao patamar da escada; os outros puzeram-se n'um momento ao lado d'elle. N'isto as portas arrebentaram, e os amotinados lançaram-se em alarido pela escada acima. Os quatro, auxiliados por alguns soldados e criados que pertenciam á familia de Bernardim Freire, esperaram-nos no alto da escada. A consciencia de que lhes era impossivel resistir pela força, inspirou-lhes a prudencia de quererem resistir pela persuasão. O unico, que vociferava, espumando de raiva e brandindo a histórica espada de Bolver, era o sargento-mór. Por fortuna a maior parte dos que vinham na frente dos revoltosos, pertenciam á ordenança do couto de Villar. A cólera, que cegava João Peres, não lh'os deixava reconhecer; mas elles conheceram-n'o bem, e apesar da má vontade que lhe tinham, recuaram instinctivamente diante do seu terrivel sargento mór.

Mas n'isto, a esposa e os filhos do general, espavoridos de terror, entraram na sala, procurando instinctivamente o unico amparo, a que n'essa occasião se podiam acolher. Era alli que sabiam que estava Ayres Pinto, n'aquelle momento o seu unico amigo, o seu para assim dizer legítimo defensor. Ao entrarem na sala, a populaça avistou-os. Soltou um grito pavoroso, e arremessou-se pela escada acima. O sargento-mór perdeu de todo a cabeça, e acutilou os primeiros que d'elle se aproximaram.

— O' snr. sargento-mór que nos perde! — gritou Ayres Pinto, dependurando-se-lhe do braço, que brandia a espada.

Mas n'isto Ayres Pinto, João Peres, Luiz Vasques, todos emfim os que abar-reiravam o topo da escada, vieram parar ao meio da sala, envoltos no capello d'aquella temerosa onda de povo, que para dentro d'ella se arrojára. A esposa

do general cahiu logo por terra esbofetada por uma virágo furiosa, que primeiro lhe cuspiu no rosto; as filhas, quasi senhoras, e dous meninos de pouco mais de nove annos fugiram espavoridos para dentro da sala contigua.

—Morra a jacobina, morra! — gritou a multidão enfurecida, tentando passar por cima dos quatro amigos e dos criados de Bernardim Freire, que se tinham collocado em parede diante do corpo, quasi inanimado, da pobre senhora.

—E' tempo de morrer com honra! — bradou Luiz Vasques, desembanhandô a espada.

Mas aqui o sargento-mór soltou um brado pavoroso, abriu com força os braços hercúleos, e, abrindo-os, atirou de repellão para longe de si os que lhe ficavam mais a geito. Depois parou com os punhos cerrados estendidos para a turba-multa e os olhos chammejantes fitos

n'ella. Tinha reconhecido que a maior parte dos amotinados pertenciam á ordenança do seu couto, que tão covardemente o abandonára.

— Ah! Thadeu Capote... pois és tu, alma de cantaro! — balbuciou por entre os dentes cerrados — E tu tambem, Zé do Rio!.. E tu, Zé Perpetuo!.. Ah! ladrões!

Assim dizendo, arremessou-se enfurecido sobre elles, nomeando muitos outros nomes, e distribuindo sôccos monumentaes, porque a espada tinha-lhe fugido das mãos, na occasião da arremetida da população para dentro da sala.

Este incidente foi causa da multidão recuar de novo até á escada, porque os homens do couto, ao ouvirem-se nomear individualmente pelo seu sargento-mór, espavoriam, e lançaram-se de repellão sobre a massa dos amotinados que tinham na retaguarda, fazendo-os

recuar com a força d'aquelle impeto para assim dizer machinal.

Luiz Vasques concebeu a ideia de aproveitar aquella occasião para salvar a esposa de Bernardim Freire. Tomou-a de repente nos braços, e lançou-se com ella para dentro da sala contigua. Apenas dentro, as creanças rodearam-n'o, e aferraram-n'o espavoridas. O pobre moço não sabia o que havia de fazer. N'isto abriu-se a porta que dava para os quartos interiores, e no limiar della appareceu um homem roto e esfarrapado, com uma espada velha na mão. Luiz Vasques sentiu pela primeira vez o que era o verdadeiro terror; mas de subito as feições reluziram-lhe cheias de esperança.

Tinha reconhecido o roto. Era *De profundis*.

— Luiz, Luiz! — disse o pobre idiôta, correndo para elle, com as feições ani-

madras pelo brilho da intelligencia, que relampejava momentâneamente n'elle, despertada pela solemnidade d'aquella occasião—foge por aqui... vai ter ao páteo... e de lá á rua. Está tudo deserto... Foge... foge...

—Ajuda-me a conduzir esta senhora—disse-lhe Luiz Vasques, apontando para a esposa do general.

—Tu... tu primeiro! Segue-me... foge...

—Se me estimas, Francisco, ajuda-me a salvar esta mulher!—exclamou Luiz Vasques com desespero, ouvindo troar na sala um novo grito enfurecido.

—*De profundis clamavi... Requiem eternum*—entou o idiôta, apurando o ouvido.

Depois lançou n'um relance sobre os hombros o corpo desanimado da esposa de Bernardim Freire, e deitou a correr, gritando:

—Segue-me... Foge, Luiz! O Braz anda em tua busca... Foge... foge...
Requiem eternum.

Luiz Vasques arremessou-se atraz d'elle, seguido pelos filhos do general, que foram apoz o corpo da mãe, e apoz do homem em quem achavam protecção.

De profundis e Luiz desceram por uma escada que conduzia ás lógeas da casa. Por fim pararam n'uma quadra meia subterrânea, que servia de armazem, e para dentro da qual entrava a luz por um postigo resguardado por fortes varoens de ferro e pelas fendas da rija porta de castanho, que se abria sobre o pátio das trazeiras do edificio.

O idiôta depoz o corpo sobre os últimos degraus da escada de pedra, por onde se descia para a lógea, e depois de o contemplar um minuto, fez sobre elle o signal da cruz, e entoou um cantochão funerario:

— *De profundis clamavi . . . Requiem eternum.*

As pobres creanças, encolhidas umas contra as outras, olhavam espavoridas para aquelle espectro coberto de andrajos, que psalmeáva fúnebremente sobre a sua pobre mãe. Luiz Vasques aproximou-se d'ella, e poz-lhe a mão sobre o coração. O rosto do moço senhor de Encourados demonstrou bem ao vivo que aquelle coração ainda batia, e que em logar de um cadaver, havia alli apenas uma mulher desmaiada.

— Francisco, — disse então Luiz Vasques — fica tu aqui de vigia, que eu vou ver se posso salvar o sargento-mór de Villar.

— E' verdade . . . é verdade — balbuciou o idiôta, passando a mão pela fronte. — E eu que me não lembrava . . . que me não lembrava! João Peres não deve

morrer... não deve morrer... não deve morrer...

E dizendo, galgou de um só pulo quatro degraus da escada, e desapareceu logo por ella acima; entoando o seu cantochão favorito.

N'este intervallo um incidente tão repentino, como imprevisto, tinha salvado o sargento-mór e todos os outros defensores da familia de Bernardim Freire.

Ao mesmo tempo que *De profundis* appareceu a Luiz Vasques, troou na praça um brado pavoroso de entoação entre a raiva e a acclamação festival.

—Morram os jacobinos!

—Viva o barão d'Eben!

—Viva o nosso general em chefe!

—Vivam os verdadeiros amantes da pátria!

Taes eram os brados que atroavam em vozeria a vasta explanada do campo de Sant'Anna, e que, chegando emfim á

população que estava tumultuando dentro do quartel-general, arrancou-lhe aquelle terrível brado, que apavorou Luiz Vazquez e *De profundis*.

Ao soltar-o, a multidão arremessou-se de roldão pela porta fóra, e lançou-se em onda sobre a turba-multa que estava no campo.

—Pelo inferno, que será isto? — gritou o sargento-mór, correndo a uma janella.

Mas Ayres Pinto e Gonçalo Alardo tratavam já de as fechar.

—Então, por vida minha!... — exclamou João Peres entre suspenso e contrariado.

—Subamos ao andar de cima, snr. sargento-mór; — disse Ayres Pinto — lá temos lugar mais azado para podermos vigiar sem perigo.

Ao ouvir estas palavras Gonçalo Alardo deitou a correr pelas escadas do se-

gundo andar acima. Ayres Pinto e o sargento-mór seguiram apoz elle. Quando chegaram, acharam-n'o já de pé sobre uma cadeira, espreitando por um postigo dos que havia nas portadas das janellas, o qual conservava cautellosamente entre-aberto. Todas as outras janellas tinham sido fechadas pelos criados.

—Sabem o que é?—bradou Gonçalo Alardo, mal os dous entraram na sala —E' o Eben, a cavallo, cercado de população a gritar amotinadamente. Ouvem? Acclamam-n'o general. Elle lá falla. Silencio! Mas que estará dizendo aquelle maroto?... Lá o acclamam de novo. Oh! que excellente general! Lá se dirige para casa...

Aqui Gonçalo Alardo interrompeu-se, soltando um grito pavoroso, e estirando-se pelo postigo fóra com os olhos brilhantes de afflicção.

—Que é? que aconteceu?—excla-

mou Ayres Pinto, mal podendo conter o sargento-mór, que queria á fina força trepar também acima da cadeira.

— O general... o general... — balbuciou por fim Gonçalo Alardo — sem espada, sem chapéu, roto, ensanguentado...

— Pelo inferno! — rugiu João Peres, procurando uma cadeira.

Ayres Pinto correu para Gonçalo Alardo, e exclamou:

— Por Deus, Gonçalo, o que vês?... Deixa-me ver...

— O general — continuou o ajudante de campo em voz angustiada — entre a população... Dous rotos seguram-no pelos braços... Oh! canalha infernal, lá lhe dão com um animal morto na cara, lá o esbofeteiam... Está perdido! está perdido!... Vem desorientado, com os olhos espantados.

— E Eben?... e Eben?...

— Está fallando á gentilha. Traidor! que dirá elle? A plebe escuta-o, mas elle falla como por demais. Lá desmonta. O general dirige-lhe a palavra... Villão! infame! Lá entrou em casa, lá o deixa só e entregue á populaça... Ah!...

E aqui Gonçalo Alardo soltou novo grito.

— Por Deus, Gonçalo, por Deus!...

— balbuciou Ayres Pinto.

— Um roto atirou uma estocada ao general. Este fugiu para dentro da casa do barão d'Eben. A populaça arremessou-se enfurecida apoz elle. Canalha!... canalha!...

— Por alma de meu pai! — bramiu o sargento-mór, e lançou-se a correr pela escada abaixo, levando na mão empunhada a espada de Belver, que apanhára do chão, antes de subir com Ayres Pinto ao segundo andar.

A cólera inflammára a coragem e o

carácter generoso do sargento-mór de Villar. Aquelle enfurecimento levava-o cegamente ao meio da população, entre a qual se ia arremessar ás cutiladas, e pela qual seria infallivelmente despedaçado. A Providencia valeu-lhe, embaraçando-lhe o caminho desatinado, da maneira que vou dizer.

Mas antes é preciso que o leitor saiba o que aconteceu a Bernardim Freire, depois que se refugiou dentro da casa do barão d'Eben. Este, que fôra um dos mais activos provocadores d'aquellas scenas anárchicas, em que a vida do general em chefe redemoinhava sem esperança de salvação, tomára por fim medo á propria obra. Como todos os revolucionarios, achava-se dominado pela revolução. Por um lado não tinha a coragem precisa para arriscar a popularidade, que o abroquelava a elle, no empenho de acalmar a vertigem da plebe; por

outro a ambição e o odio auxiliavam-lhe o medo, que o persuadia a deixar Bernardim Freire entregue ao furor da allucinação do povo, que já ninguém podia affrontar sem perigo.

Quando Bernardim Freire entrou, fugindo, para dentro da casa do barão, o povo arrojou-se apoz elle, e com elle chegou até á sala, onde Eben, para assim dizer, se refugiára tambem. O alarido era infernal, e o populacho tumultuava feroz e desenfreado de todo.

— Salve-me! salve-me! — exclamou Bernardim Freire, correndo para elle.

— Deixe-me! — bradou Eben quasi espavorido — Não me sacrifique tambem aos resultados do seu procedimento desatinado!

— Salve-me! salve-me! — continuou o general, inteiramente dementado pelo terror.

O barão quiz soltar-se da preza, com

que Bernardim Freire o aferrára. Não pôde porém. N'isto o povo invadiu medonhamente a sala, onde elles estavam, dando morras em voz entoada por ferocidade verdadeiramente selvagem.

A este alarido, Eben tornou sobre si, e conseguiu apparentar serenidade.

— Amigos, já mandei tocar os sinos a rebate, para reunir toda a gente — bradou em voz trémula — A ordenança que forme toda em linha na praça, para irmos para o Carvalho d'Este, esperar os francezes...

— Morra o traidor!

— Morra o jacobino!

A estes brados, soltados ferozmente pela população, que estava dentro da sala, correspondeu casualmente o estrondo de muitos tiros disparados da parte de fóra; e ao mesmo tempo algumas balas penetraram pelas táboas das adufas. O povo soltou um uivo pavoroso, e rolou-

se contra Bernardim Freire, que n'um momento se anteparou por traz do barão.

Este deu dous passos á frente, abriu os braços como que para suster a turba-multa, e bradou que o ouvissem. Estava pálido como um cadaver, e tinha a vista desvairada pelo terror, muito natural em lance tão apertado e medonho.

— Senhores, — exclamou em algara-via, mixto de bretão e portuguez mascavado — este homem deve ser julgado antes de ser castigado. O povo não deve fazer justiça por suas mãos. Os grandes crimes devem ser punidos pela vara da justiça. Levem-n'o preso para o aljube, para ser processado como a lei manda.

— Muito bem, muito bem! — bradou a populaça — Viva o snr. barão d'Eben! Viva o nosso general! Vá para o aljube! Seja julgado o jacobino!

Eben arredou-se então para o lado, e

a multidão apoderou-se do general, que a fitava com olhar espavorido, automaticamente e como homem assombrado pelo raio. Depois empurrou-o para a escada, e sahiu com elle para a praça, onde já se tinha espalhado a noticia de que o barão mandára prender o general no aljube. ¹

Entretanto, o sargento-mór, ao correr para o patamar, que da sala do conselho dava para a escadaria do palacio, achou *De profundis* entre si e a porta.

— Por alli, por alli! — bradou o idiota, segurando-o por um braço, e apontando para a sala, para onde Luiz Vasques fugira com o corpo desanimado da esposa de Bernardim Freire, quando a população invadiu o quartel-general.

João Peres desembaraçou-se-lhe com

1 Vid. nota x.

força da preza, e voltou-se furioso para elle.

— *De profundis clamavi* — entoou o idiota, sem se desviar, e encarando-o com o olhar vago e tímido que lhe era natural.

João Peres cahiu em si, e reconheceu-o.

— Onde está o morgado! — bradou rijamente.

— Por alli... por alli... E' fugir... é fugir, senão... *Requiem eternum*.

O sargento-mór seguiu *De profundis*, que, ao dizer aquellas palavras, o tornára a empolgar pela manga. Em poucos segundos achou-se junto de Luiz Vasques.

— Pelo inferno! — bradou João Peres ao pôr os olhos n'elle e sem reparar na companhia, em que o encontrava — Lá está o general preso; matam-n'o de certo!

— Snr. João Peres! — exclamou Luiz Vasques, fazendo-lhe signal para que reparasse na esposa de Bernardim Freire, que já tinha voltado a si, e que estava sentada a seu lado, rodeada pelos filhos e com a cabeça mergulhada entre as mãos.

— Matam-n'o, pelo inferno! matam-n'o, aquelles bargantaços! — continuou o sargento-mór sem attender — Matam o mais valente soldado de Belver e de Puig-Cerdá, entende?

— Vamos ver se o salvamos! — bradou Luiz Vasques, para desviar João Peres para fora d'ali.

Mas ao dar dous passos para a escada, que levava ao andar superior, a esposa de Bernardim Freire ergueu-se, e tomou-o pelo braço.

— Snr. Luiz Vasques, — disse serenamente — não nos abandone! Fique, peço-lhe pelo amor de Deus que fique!

— Porém, minha senhora, seu marido corre grande perigo, é preciso ver se o podemos salvar!

— Meu marido! — disse tristemente a pobre senhora — Meu marido está morto! A vontade de Deus seja feita! Peço-lhe pela amizade que lhe tinha, que veja se póde salvar meus filhos!

— V. exc.^a illude-se minha senhora; talvez que ainda seja possível salvar o general.

— Meu marido morreu! Não abandone meus filhos!

Estas palavras foram ditas em tom tão supplicante e tão triste, que o sargento-mór sentiu os olhos cheios de água, e pareceu-lhe que lhe queria arrebentar o coração.

— Raios de diabos! — bradou, correndo para junto da escada — Eu não saího d'aqui... d'aqui não sahe ninguem,

entende? E se cá vierem, por alma de meu pai!...

— *De profundis clamavi...* *Requiem eternum* — entoou funebremente o idiota.

E n'isto ouviu-se um brado pavoroso e muitos tiros disparados na praça.

— *De profundis*, corre, vai ver o que é! — exclamou Luiz Vasques.

A esposa do general soltou um grito, e escondeu a cabeça entre as mãos; os filhos apertaram-se com ella a gemer e a soluçar.

— *De profundis clamavi* — entoou de novo o idiota, e lançou-se a correr pela escada acima.

Depois que elle sahio, tudo alli ficou em silencio, e como espiando os acontecimentos pelos differentes sons que vinham da parte de fóra. Primeiro ouviram uma vozeria infernal, o alarido da allucinação da plebe, entremeada com o

som de muitos tiros de espingarda. Depois aquelle alarido foi pouco e pouco diminuindo, como que retirando para longe. Assim estiveram um longo espaço de tempo sem sentir outra cousa mais que o contínuo rebate dos sinos e o surdo rugir d'aquella tempestade. Por fim ouviram o rufar de tambores, o vozear de muita gente, e pouco depois um alarido medonho, tiros, brados de ferocidade selvagem, e por ultimo o tropel de muita gente que de novo invadia o quartel-general. N'este momento até o proprio sargento-mór sentiu treparem-lhe pelas costas acima os calafrios do medo. Passados alguns minutos, aquelle tropel de gente diminuiu, diminuiu, até que se desvaneceu totalmente. Os tambores principiaram a tocar em tom de marcha; sentiu-se o som de passos ordenados de muita gente, e por fim tudo voltou ao inalteravel e surdo borborinhar da revol-

ta. Um quarto de hora depois, *De profundis* tornou a apparecer.

— Que foi o que aconteceu? — exclamou Luiz Vasques, correndo para elle.

— *De profundis clamavi... Requiem eternum!* — respondeu *De profundis* em cantochão, e traçando no ar uma grande cruz com o braço estendido e a mão espalmada.

— Que aconteceu por Deus! que aconteceu? — bradou Luiz Vasques, sacudindo-o pelo braço que aferrára.

— O povo... o povo... — disse o idiota, encaminhando-se, torto para um lado, para o meio da quadra — foi buscar a Tibaens o engenheiro, o Villasboas... Dizem que os frades o não queriam dar... Fortes parvos! Depois trouxe-o para aqui... para aqui... e depois *De profundis clamavi... Requiem eternum...*

— Mataram-n'o!?

— Deram-lhe uns tiros, deram-lhe

uns tiros... e depois... e depois, atacaram-no com espadas e chuços... fura-ram-n'ó de banda a banda; e depois puzeram-lhe uma corda aos pés, e depois... *De profundis*... *De profundis!* e depois, zás, lá o levaram arrastando para onde estava o outro, para o monturo...

— O outro! Mas que outro?

— Ah! sim... o tal... o tal general. Era homem alto, grosso, — continuou *De profundis*, coçando por cima da orelha — assim como vocemecê, snr. Villalobos. A-dei pegaram d'elle, e foram-se com elle aos encontroens, e, aos apupos, e ás pedradas, cuspindo-lhe, e dando-lhe com um gato morto, atirando-lhe lama... e, assim como lhes digo, levaram-n'ó ao aljube. A-dei, senhores, depois, e depois, vão-lhe buscar um padre. O pobre... o pobre... coitadito! pediu que o não matassem sem confissão...

— Francisco, por Deus, calla-te! — exclamou Luiz Vasques.

— Deixe-o fallar! — disse a viuva de Bernardim Freire em voz medonhamente entoada, mas firme e serena como se sahida de dentro de uma estátua de bronze.

— A-dei, senhores, — continuou o idiota — a-dei, logo que o padre o confessou, deitaram-se a elle ás chuçadas, e depois... atiraram-n'o pela escada abaixo. O povo aferra-o, despedaça-o, e depois... e depois... *De profundis clamavi... Requiem eternum... Zás*, e com elle na *estriqueira* da prisão...

Aqui a esposa do general soltou um gemido, e cahiu como morta. Luiz Vasques levantou-a, contemplou-a tristemente por alguns minutos, depois deixou-a com a cabeça no regaço da filha mais velha, e dirigiu-se para onde estava

o sargento-mór, que a tristeza d'aquella scena havia tornado mudo.

—Snr. João Peres,—disse-lhe, apartando-o a um lado—é preciso salvar esta desgraçada familia!

—Por alma de meu pai! Isso nem se pergunta, entende?—exclamou o sargento-mór.

—Mas para a salvar é necessario procurar os meios. Vou sahir para dar as providencias precisas. Rogo-lhe que fique com ella, entretanto que eu vou...

—Isso não, por satanaz!—bradou o sargento mór—Eu é que vou sahir. Por alma de meu pai! Nunca se dirá que um velho soldado de Belver e de Puig-Cerdá ficou á lareira, e deixou ir outro correr o perigo...

—Snr. João Peres, volte a si. Não temos tempo a perder. E' preciso ser rasoavel. Vocemecê bem vê que o tempo aperta...

— Quem vai sou eu! — gritou rija-mente o sargento-mór — quem vai sou eu, e tenho dito! Entende? E não me diga que não, pelo inferno! Sei o que faço! Quem vai sou eu. Dentro em poucas horas, snr. Luizinho, darei rumor de mim. Até então não se bula d'aqui, entende? Sei o que faço!

Assim dizendo, encaminhou direito á escada.

— *De profundis*, anda, meu homem — disse então — vai tu adiante á descoberta. Vê em que força está o inimigo ahí fóra no campo.

O idiota subiu vagarosamente a escada.

— Anda, prestes, homem, anda ligeiro, entendes? — bradou-lhe João Peres.

Depois voltou dous passos atraz, aproximou-se de Luiz Vasques, e disse-lhe commovido e com intimativa:

—Não a deixe, coitadinha! Não a deixe, pelo inferno! Eu darei conta de mim, entende? Sei o que faço.

Assim dizendo, subiu a escada, e desapareceu precedido por *De profundis*.

Uma hora depois o idiota tornou a apparecer, trazendo consigo um bilhete do sargento-mór, que aquietou a impaciencia e o quasi desespero, em que aquella tardança puzera o moço senhor de Encourados. No bilhete João Peres escrevera em letra garrafal, mas que bem demonstrava a sua primitiva educação fradesca, as palavras seguintes:

—Perca o cuidado; tudo vai bem. A's nove horas da noite eu e o meu amigo José Anastácio, coronel das milicias de Penafiel, iremos ahi ter pela porta das trazeiras. O signal são tres pancadas com os nós dos dedos

na porta, e o santo — Encourados. —
Estão tomadas todas as providencias
para sairmos sem perigo para fóra da
cidade.

XI

Vi nuvens de paus alçados
Pelos cumes dos outeiros...

.....
Vi os campos inundados
De gentes vagas incertas,
Vi as estradas cobertas
De cacheiras e cajados.

N. TOLENTINO.

Batiam dez horas da noite no relógio da Sé de Braga, quando o coronel das milícias de Penafiel sahia para fóra da cidade com a familia do desgraçado Bernardim Freire. Acompanhavam-n'o, a pé, o sargento-mór de Villar e Luiz Vasques de Encourados.

A par de Tebósa, até onde tinham caminhado por desvios e travessos co-

nhecidos pelo almocreve, em cuja réco-va cavalgava a triste comitiva, o sargento-mór e Luiz Vasques pararam para tomar o caminho que levava a Villar, e que ali se bifurcava com a estrada real do Porto, para onde os outros se dirigiam.

A despedida foi dolorosa. As lágrimas e os soluços abafavam as sentidas expressoens da gratidão da triste viuva. O próprio João Peres sentiu os olhos húmidos de lágrimas, e, para desentalar-se da commoção, jurou enérgicamente que havia de vingar bem vingada a morte do seu velho camarada de Puig-Cerdá e de Béiver.

Por fim partiram. Luiz Vasques, immovel e com os olhos fitos n'aquella infeliz familia, viu-a alongar pela estrada fóra e por fim desaparecer n'uma das voltas d'ella. O moço senhor de Encourados estava mergulhado em íntimo pen-

samento, que de todo se assenhoreára d'elle. Ainda um certo tempo depois de os viajantes terem desaparecido, continuou immovel e com o olhar fitado na estrada, abstracto, alheio de si e de tudo o que o rodeava. João Peres comia-se de impaciencia por aquella demora; mas no olhar e no porte do companheiro luzia um certo quê de tristeza e de melancolia, que lhe embargava a palavra, e lhe continha, a pesar seu, os impetos do agastamento. A julgar pelo rosto de Luiz Vasques, dir-se-ia que toda aquella gente ia caminho do cadafalso. Seria a compaixão que assim o animava, ou seria o presentimento, de que, d'ahi por tres dias, aquella pobre senhora e aquellas pobres creanças, que tinham visto despedaçar o esposo e o pai, e que, sem saber pelo quê, tinham sido, por tantas horas, o alvo do furor vertiginoso da população, haviam de ser de novo detidas

na passagem do Souza, e conduzidas entre apupos e insultos ao Porto, onde por novo milagre foram salvas pela influencia do bispo D. Antonio de Castro?

Depois de longo espaço de total alheamento de si, Luiz Vasques acordou.

—Vamos, snr. João Peres;—disse elle— aqui já nada nos resta a fazer. Veja em que estado se acha a provincia! E isto com o inimigo peito a peito! Olhe o que lá vai para o lado do Carvalho d'Este!

De facto, do lado, para onde apontava Luiz Vasques, ouviam-se descargas e descargas de fuzilaria, e o surdo mas continuado alarido de uma batalha ao longe. Os dous dirigiram-se ao cabeço de uma collina, d'onde se avistava grande tracto de território, e olharam n'aquella direcção. Por entre a nebrina condensada pela fumaceira, fuzilava quasi que ininterrompido o clarão da fuzilaria, cujo estampido se ouvia distinctamente em

razão do vento soprar d'aquelle lado. A linha do fogo, apesar de extensa, semelhava apenas uma nesga no vasto espaço que a vista abarcava do alto d'aquella collina. O resto porém não contrastava pelo socego com aquelle ruído. Por toda a parte a desordem se manifestava plenamente. Os sinos tocavam sem cessar a rebate, aqui e alli ardia uma casa, acolá queimava-se em vasto incendio uma matta, d'aquelle ponto subia confuso e medonho borborinho, e no todo serpeavam milhares de lumes, que iam e vinham, cruzavam-se, apagavam-se e reviviam, correndo, detendo-se e luzindo na escuridão como as estrellas cadentes luzem, chispando, no céu em noite calmosa de estio.

— Veja em que estado está a provincia, snr. João Peres; — repetiu Luiz Vazques — olhe até onde a allucinação arrasta a populaça! Ali — continuou, apontan-

do para o Carvalho d'Este — combate-se o inimigo peito a peito; e em derredor — espectáculo pasmoso! — o povo tumultua desenfreado, despedaçando os meios de defeza e auxiliando com o furor vertiginoso os próprios inimigos! Isto é que é a realidade da loucura das naçoens! Quando chegam a este ponto, a destruição é inevitavel. Luctar contra ella, é luctar contra Deus, que a decretou! Estes loucos estão arrancando com as proprias mãos as entranhas, por que Deus quer que se lhes affigure que é d'esta fórma que se remedeiam contra o mal que os acossa!

— Por vida minha! — rosnou João Peres, compenetrado da verdade das palavras do moço senhor de Encourados e sentindo instinctivamente a impossibilidade de resistir ao turbilhão, que cava a voragem, onde a população sumia um a um os escassos recursos, que ti-

nha então Portugal para resistir á invasão.

Os dous continuaram então a caminhar silenciosos em direcção a Villar. Por toda a parte se desenrolava diante d'elles a realidade medonha do quadro, que do lado da collina tinham presenciado em globo. Era um estado de confusão e desordem indiziveis. Aos furores da anarchia acrescia o terror e o estonteamento da população. Pelos campos e pelas estradas vagavam homens e mulheres perdidos e como dementados. Uns corriam enfurecidos e terríveis, outros conduziam as familias e os haveres, que pretendiam transportar d'este para aquelle ponto. A cada passo se encontravam carros cheios de bagagens, uns roubados e com roupas e ricos fatos espalhados em derredor, outros guiados ainda por carreteiros e escoltados pelos donos, mas correndo risco imminente de serem

assaltados pelos bandos de furiosos, que por toda a parte divagavam. Não era raro encontrar cadáveres de assassinados, nem também cavalgadas mettidas ferozmente a sacco e a insulto pelo populo. Era, n'uma palavra, uma confusão e uma anarchia medonha e aterradora, a refterver de tal fórma no espirito popular, que nem a própria noite fôra capaz de a serenar um momento.

O morgado e João Peres caminharam por atalhos e desviando-se d'onde viam mais enfuriado o tumulto, até que entraram em Encourados. Ahi separaram-se, e João Peres tomou o caminho da sua casa, que, como o leitor já sabe, era em S. João de Areias.

Luiz Vasques ficou como suspenso na resolução que devia tomar, mas por fim começou a subir a montanha, na direcção á planura. Quasi no alto, viu passar a curta distancia de si um homem a

correr. Reparou, e conheceu o idiota, que em Braga se tinha separado d'elle, logo depois que lhe levou o bilhete do sargento-mór.

— Francisco, Francisco — gritou Luiz — para que vaes correndo assim?

O louco parou.

— *De profundis clamavi* — entoou, reconhecendo-o; e estendeu o braço descarnado na direcção de S. João de Areias.

Depois continuou a correr, e em breve desapareceu no alto da planura.

A's palavras e ao gesto do louco, Luiz Vasques voltou-se na direcção para onde elle apontára, e olhou abalado por certo sentimento de terror e de anciedade, que de subito o assenhoreára. Aquella era a direcção da casa de João Peres de Villalobos, da casa onde vivia Camilla. Via-se ella branquejando tibiamente, ao longe, á baça claridade do luar. Nada

mais se podia enxergar atravez d'aquelle claro-escuro nebrinoso, do meio do qual se destacava a casa. Pareceu-lhe porém que d'aquelle ponto subia ruido mais que vulgar, alarido que assemelhava o tumultuar da anarchia, a que em Braga tinha assistido. Estremeceu com este pensamento. Apurou o ouvido, affirmou-se mais; mas ora lhe parecia arruido mais que natural, ora se lhe affigurava que nada mais ouvia que o surdo rugir da tempestade, que agitava todo o território comprehendido entre o Déste e o Cáva-do. A aragem do leste frigidissimo passava de quando em quando, e, sussurrando por entre as folhas do arvoredor, truncava-lhe e confundia-lhe o fito da perspicacia, em que o ouvido ás vezes se lhe ia de grau em grau apurando, a ponto de o esperarçar de que poderia por fim estremar o som do que se passava n'aquelle ponto, e o que nascia do ar-

ruido da confusão geral. Estas intermitencias de contratempos e de esperanças mallogradas desesperavam-n'o. Hesitou no que tinha a fazer, mas por fim decidiu-se a subir para o alto da planura e a dirigir-se á ermida, onde Fernão Sylvestre habitava, como o leitor já viu n'outro capitulo.

Entretanto João Peres tinha ido ávante em direcção da casa. Ao descer de Encourados para S. João de Areias, deu com os olhos na casa da sua habitação, e affigurou-se-lhe o mesmo que a Luiz Vasques se tinha affigurado, porém a elle mais distinctamente, em razão de ser mais curta a distancia. Apressou o passo, affirmando o ouvido, e quanto mais se aproximava, mais se certificava de que junto da casa onde habitava, havia, pelo menos, grande tumulto e alarido. A lembrança da filha dava-lhe azas. Chegou por fim, e viu o que era.

A casa estava cercada por uma multidão de furiosos, que, a altos brados lhe davam morras, appellidando-o de jacobino, de traidor e de amigo do jacobino de Encourados. Mas não era só em vozes descompostas, que a allucinação ran-corosa do povo se despeitorava. Havia um perfeito cêrco e um assalto completo, repellido da parte de dentro com energia e coragem, mas que por fim de contas ameaçava desfechar em desastre, em razão da multidão do povo.

Havia mais de uma hora que aquella gente se conglobára alli. Ao chegar, achou o Trinta e tres prevenido. Avisára-se a tempo, e trancára, e aferrolhára as grossas portas de castanho acouraçadas de lâminas de ferro. Depois distribuía em logares convenientes os criados armados de espingardas; fizera recolher Camilla e as criadas ao logar mais seguro da casa, e sahira a rondar os pon-

tos de defeza, assegurando ás mulheres de que nem o próprio satanaz lhe entraria á força em casa, e depois asseverando a cada um dos defensores que fuzilaria, em processo summarissimo, o primeiro que dêsse signal de medo.

— Façam o que eu fizer, — assim concluiu a allocução bellicosa — e quem me vir ter medo, com trezentos diabos! dê-me um tiro, que d'aqui para todo o sempre lhe perdão a morte!

N'este intervallo a multidão atroava o páteo com alarido infernal de morras e de vitupérios. De repente houve silencio, e do meio dos assaltantes sahiu em alto brado uma voz, que chamava o Trinta e tres pelo nome. Chamou uma e muitas vezes, e já ia enrouquecendo de berrear, quando se abriu o postigo da portada de uma das janellas, e se ouviu a voz do Trinta e tres, que bradava:

— Quem me chama, com trezentos diabos?

— Sou eu, snr. Rodrigues.

— Quem é você?

— Amigo. Preciso fallar-lhe.

— De noute não conheço flamengos! Adeus, meu amigo. Temos conversado! Retire-se para lá, senão arrumo-lhe um tiro!

— Da parte do principe regente nosso senhor — disse então o parlamentar — ordeno-lhe que abra as portas. Temos ordem de conduzir preso para Braga o dono d'esta casa, accusado de inconfidente, hereje e jacobino!

A resposta foi fechar-se de repente o postigo. Ao mesmo tempo ouviu-se da parte de dentro a voz de fogo, e partiram seis tiros, disparados atravez dos buracos, que ainda ha pouco era de uso haverem nas portas e janellas das casas ricas do Minho, para se poder fazer fogo

em caso de salteadores. Estes buracos, redondos e feitos á broca em toda a espessura das grossas portas de castanho, eram, e ainda são hoje, do adarme do cano de um bom esmerilhão.

A esta provocação, de que cahiram feridos dois amotinados, o povo soltou um brado ferocissimo, e rolou-se de encontro á casa do sargento-mór. Mas outros seis ou oito tiros, e algumas pedras despedidas de cima dos telhados, estenderam por terra uns poucos de homens, e fizeram recuar a multidão a uivar como fera irritada. As balas e as pedras choviam nas janellas e nas portas. Tentaram algumas vezes pegar fogo ao portão principal, mas de todas o atrevido que se aproximou ou ficou sem vida, ou cahiu mal ferido por terra. O povo estava louco de furor. O aßalto tornou-se geral por todo o edificio; mas por toda a parte a resistencia era igual. De dentro

d'aquella casa não sahia um só grito, uma só voz; sahiam unicamente balas, e despediam-se pedras e trastes do alto dos telhados, quando menos se esperava, e quando faziam maior damno. A confusão era horrivel, e a briga tornára-se capricho, fizera-se instincto de vingança, e da vingança de que é capaz a gente das margens do Cávado. Sobre a casa choviam as balas, as pedras, e grandes tiçoens arrancados das fogueiras, que ardiam no páteo. Tudo porém parecia inutil, porque as portas não se abriam, e o fogo não pegava lançado d'aquella fórma.

Entretanto dentro da casa a confusão não era menor, em razão do medo das mulheres. Logo aos primeiros tiros Camilla desmaiára. A pobre menina, cuja sensibilidade e doçura de espirito desharmonisavam com tudo que não fosse o perfume das flores, o azul mavioso do

céu, e a poesia do amor-sensitiva, cahira logo aos primeiros rumores do arruido, como cahe a flor esmagada pelo pé grosseiro e brutal do cegador, que passa sem attentar para a frescura e para a graça, com que as flores aprumam as coróllas e expandem os aromas aos primeiros raios do sol. Assim cahira aquella pobre e franzina innocente. Primeiro tremera, depois desmaiára; primeiro sentira entibiar a frescura, depois emmurhecera — como as flores esmagadas. Ao sentil-a em delíquio, as mulheres levantaram pavoroso berreiro; vendo-a pállida como um cadáver, e sem acudir aos tratos brutaes, que lhe davam para lhe despertarem o sentir, perderam a cabeça, e algumas correram como loucas em busca do Trinta e tres.

O veterano commandava com todo o sangue frio a defeza, quando o arruido

do mulhierio invadiu a sala, e fez estremecer os defensores.

—Fogo!—bradou o velho soldado —firmes, com trezentos diabos! O' Charnisco, se te mexes, racho-te! Estás com trombas de medo, alma de diabo! Fogo!.. Que me querem vocês, feiticeiras? Fogo, pelo inferno! fogo!

E, soltando-se das mulheres, correu ás outras salas, voou ás aguas-furtadas, dando ordens, e providenciando convenientemente. As mulheres porém não o largavam; seguiam-n'o dando berros e gritos desentoados. O Trinta e tres teve tentações de as enfileirar n'um relance, e n'um relance despachal-as tambem de um só tiro. Mas por fim percebeu as vozes que davam, e que se cifravam em gritar que a menina estava morta. O pobre soldado sentiu estacarem-se-lhe os cabellos; olhou como louco em volta de

si, e estendeu a sôco por terra as tres endemoninhadas que o perseguiam. N'isto um brado mais atroador da multidão, e ao mesmo tempo uma formidavel marada na porta de entrada, fizeram-lhe dar um salto sobre si mesmo.

N'um momento reconheceu o perigo em que se achava. Os amotinados tinham ido buscar uma trave, e faziam d'ella vai-vem para arrombar a porta.

—Aqui, Chancudo ; aqui, Chanisco; aqui, almas do diabo!—gritou o veterano, mettendo a espingarda por uma das setteiras da porta, que já dava de si.

Os tres criados, que acudiram, fizeram o mesmo, e, á voz de fogo, os quatro tiros partiram ao mesmo tempo. Apoz elles ouviu-se um brado pavoroso, gritos de dôr, e o som da trave, que rolava pela terra.

—Estes ladroens vão começar outra vez!—disse então o Trinta e tres, pálli-

do mas impávido—A porta não poderá resistir muito tempo. Aqui os esperaremos, rapazes! O' Chancudo, aqui é que te quero ver, homem! Se eu morrer, é correrem para o quarto da menina, e, pelo inferno! se me deixam chegar a quem a ella, racho-os!

O veterano, no ardor do enthusiasmo, esquecia a circumstancia de não poder realisar a ameaça depois de morto. Ao desfechar n'ella o discurso, sentiu-se nova marrada na porta, e novo grito da turba-multa.

—Fogo!—bradou elle, mettendo pela setteira a espingarda outra vez carregada.

Apoz os tiros, ouviu-se novo brado, mas apoz o brado soou nova pancada do vai-vem de encontro á porta, que d'esta vez estoirou, e quasi ficou arruinada de todo. Mais outra marrada, e tudo estava perdido.

Mas n'isto ouviu-se grande alarido no páteo, e vozes de quem pelejava no terreiro; sentiu-se o som do vai-vem cahindo por terra, e logo o tumultuar confuso de gente que fugia.

Seria porventura alguma das proezas de Roldão realisada pelo sargento-mór de Villar?

João Peres chegára na occasião em que o vai-vem batera pela primeira vez na porta. Ao ver cercada a sua propriedade e ameaçada a sua querida Camilla pelo furor da turba-multa, João Peres sentiu-se assenhoreado pelo terror. E não era para menos. Que valia um homem só contra tantos? Sem saber o que fizesse, poz-se a olhar um momento para aquillo que estava diante d'elle. Ao ver marrar pela segunda vez o vai-vem, levou com desespero as mãos á cabeça, depois puxou da espada, e ia a arremessar-se para o seio da multidão, quando sentiu tropel

de muitos cavallos, correndo a trote rasgado pela estrada de Encourados. Aquella cavalleria, em numero ao todo de dezeseis homens, entrou de repellão pela porta da quinta, e arremessou-se de subito sobre os amotinados. Minutos depois appareceu tambem, correndo pelo caminho fóra, uma vintena de aldeoens armados de espingardas, de chugos e de foices roçadoiras, que entraram o portão, aos brados de —

— Viva o sargento-mór de Villar!

— Morram os ladroens!

João Peres achou-se então em campo de amigos. Empunhou a espada, e na frente do soccorro de pé arremessou-se, como um toiro sobre a turba-multa.

Esta começava já a debandar em fugida, saltando por cima do muro e espalhando-se em differentes direcçoens. E não era para menos, que os de cavallo acutilavam sem dôr nem consciencia, e

de cada cutilada era homem inutilisado por terra.

—A elles, rapazes, a elles! — Não escape um só! — gritava em voz estentória o mais dianteiro dos cavalleiros, que pela voz, pelos gestos e pela corporatura affigurava Fernão Silvestre de Encourados — A elles; a cutello, a cutello! Que não escape um só!

Pelejai, verdadeiros portuguezes!

Ah! ladroens! Ah! salteadores! (E a cada imprecação uma cutilada) Como... diz... o poeta:

Cabeças... pelo campo... vão saltando...

Braços... pernas...

(E a cada reticencia era uma cutilada de bota abaixo) Ah! ladroens! Ah! covardes! A galope! Que não escape um só! Mata, mata...

E assim dizendo, arremessou o cavallo para sobre a turba dos amotinados, que fugiam, não podendo resistir ao estrago que faziam n'elles Fernão Silvestre e a cavalleria por um lado, e pelo outro João Peres e os peoens de soccorro.

Por fim o eirado ficou varrido de inimigos, que deixaram dezeseis homens no campo, dos quaes tres já mortos e alguns quasi a expirar. Apenas de todo cessou o combate, João Peres correu com os braços abertos para Fernão Silvestre, que havia descavalgado.

—Ah! Fernão... ah! meu compadre!—exclamou, arrochando-o entre os braços e entalado pela gratidão.

—Eu bem t'o dizia, casmurro!—resmungou Fernão Silvestre, alludindo ao conselho que de antemão lhe tinha dado.

—Sou um alarve, sou um pedaço de asno, entendes?—replicou em tom de convencido o sargento-mór. Depois, re-

parando ao lado, exclamou: — V. s.^a aqui, snr. Luizinho! Como, senhor?..

— Nada mais simples, snr. João Peres — replicou, sorrindo Luiz Vasques — Quando nos separamos, como era já tarde, para não pôr em alarme o solar, resolvi ir ficar com meu tio. Achei-o já a cavallo com estes amigos. Tinha sido avisado por *De profundis*...

— Por *De profundis*! Valente caso, por vida minha! — exclamou o sargento-mór — Mas onde está elle?

— *De profundis clamavi... Requiem eternum* — ouviu-se então do lado do portão.

Fernão Silvestre estendeu a cabeça por cima da turba que o cercava, e que a este movimento do seu capitão abriu immediatamente aos lados.

De profundis estava parado e em pé no limiar da porta. Tinha atravessado sobre o hombro um homem inanimado,

e lançava gravemente largas bençãos sobre os outros mortos, e sobre aquelles que ainda se revolviam nas derradeiras vascas da morte.

Luiz Vasques correu immediatamente para elle.

—Francisco, onde levas esse cadáver?—exclamou aterrado.

—Não te chegues, Luiz Vasques, não te chegues!—bradou o idiota, com os olhos incendiados como os de uma fera irritada, e estendendo para elle o braço nervoso, hirtó e empunhando na mão uma espada.

—Mas quem é esse homem?... por Deus!...

—E' Braz... é o filho de meu pai...

—Francisco... Francisco!—exclamou Luiz Vasques, juntando as mãos e olhando com terror o rosto do louco, que brilhava animado da raiva e da ferocidade selvagem — Francisco... ami-

go... escuta, sou eu, é o teu Luiz que te falla... Francisco, attende... que é teu irmão...

O braço do idiota descahiu então, como desanimado, ao longo do corpo, e a cabeça pendeu-lhe de repente sobre o peito. Esteve assim um momento; depois ergueu-se com bem differente aspecto de semblante. A' raiva satânica tinha succedido a expressão acanhada e semi-plangente, com que as creanças se desculpam, quando são apanhadas em flagrante travessura.

— Luiz... Luiz... — balbuciou — eu não lhe quero fazer mal. Braz ainda vive. Vou leval-o á porta dos pais d'elle. Bato lá, e deixo-o. Que o curem... que o curem, senão... *De profundis clamavi... Requiem eternum!*

E dizendo, partiu com Braz de Paiva atravessado sobre o hombro. Este tinha sido passado por uma bala. A voz do

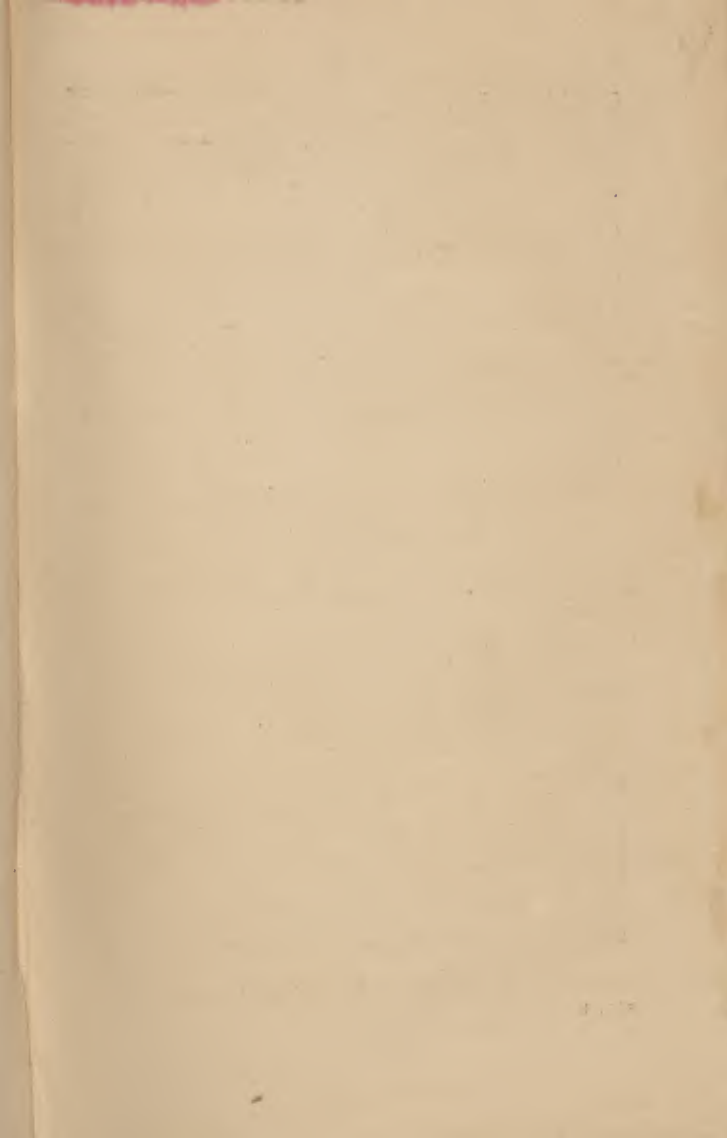
idiota ouviu-se ainda alguns minutos, entoando funebremente o seu cantochão favorito.

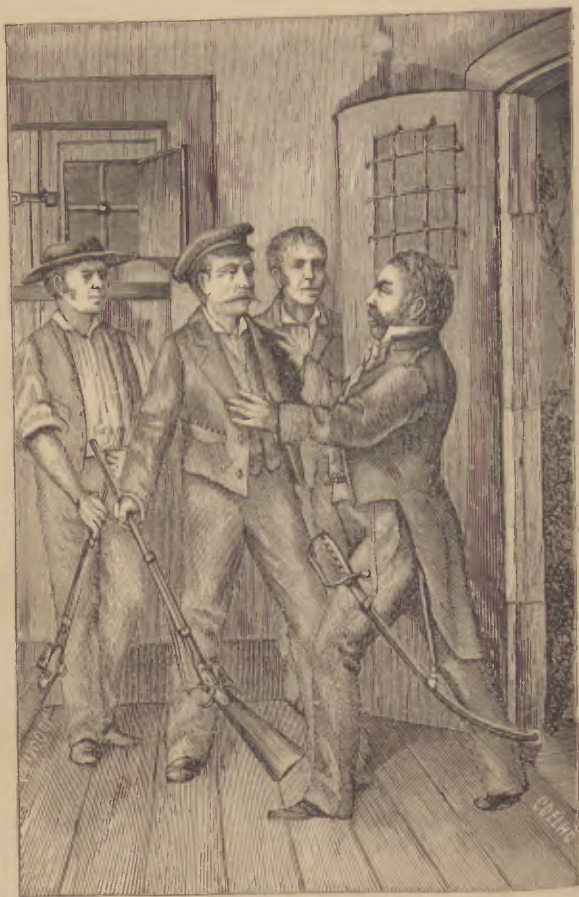
Entretanto João Peres parlamentava com o veterano, que atordoado pelos ressaivos do perigo que correra, e desconfiado, como capitão prudente, de que aquella transfiguração de scena fosse ardil do inimigo, recusava tenazmente reconhecer o amo, e ameaçava fazer-lhe fogo, sem comtudo se atrever a realisar a ameaça, suspeito da identidade da pessoa.

— Mas abre, Trinta e tres, abre, com um milheiro...

— Mas quem é você?

— Sou eu, homem, pois não me conheces? Sou eu, entendes? Sou eu João Peres de Villalobos, capitão dó segundo regimento do Porto, sargento-mór dos coutos de Villar e de Manhente, dono d'esta casa... Vê, homem repara;





Valente defeza, entendes ?

sou eu. Pois não me conheces, Trinta e tres?

— Ah! sempre é vme.^e? Agora caiho no caso! Ora aguarde. Deixe ver se posso desenhencilhar a porta, que esses almas do diabo pozeram-na para nunca mais!

O veterano, auxiliado pelo Chanisco, conseguiu finalmente desengastar as trancas de ferro, que se tinham retorcido ás marradas do vai-vem, e abriu finalmente a porta.

João Peres arremessou-se por ella dentro, levando de repellão o velho soldado nos braços.

— Ah! por alma de meu pai! — bradava — Valente defeza, entendes? Bem mostras que estiveste em Belver e em Puig-Cerdá.

Depois, reparando nos criados, que não tinham ousado mexer-se das suas respectivas posiçoens da defeza, bradou:

— Nunca as mãos vos doam, rapazes! Por oito dias ninguem trabalha n'esta casa! Quem trabalhar, racho-o, entendem? O' Trinta e tres, desce lá á adega, abre uma pipa, e deita-te á salga-deira, e, com mil diabos! entendes? que lhe cheguem com o dedo, que lhe cheguem com o dedo! — berrava no ímpeto do entusiasmo, batendo com o dedo na guéla, para significar que queria que os criados comessem, a não poderem mais.

— Homem, vmc.^e está louco? — resmungou o velho soldado — E se volta por ahi a canalha?

João Peres bateu uma forte pancada na testa.

— Dizes bem, — exclamou — dizes bem! Nada de vinho! Que vão beber ao inferno! Sou um pedaço de asno, entendes? Sei o que digo!

Depois metteu a mão no peito da casaca, tirou de lá uma bolsa de couro,

cheia de cruzados novos e dinheiro em ouro, abriu-a, e começou a atirar com o dinheiro aos criados, que, esquecendo a disciplina, se lançaram ás rebatinhas por sobre o soalho.

— Ah! vai... que lhes faça bom proveito! — gritava João Peres — Nada de vinho... Vão beber ao inferno, entendem? Quinze dias de folga... Quem trabalhar n'esta casa, racho-o!... E a menina... onde está minha filha?

— A menina... a menina... — balbuciou o Trinta e tres, coçando atraz da orelha.

— Morreu! — exclamaram á uma as criadas, que haviam perseguido o velho soldado.

João Peres deu um salto para traz, fitou os olhos esgazeados no veterano, soltou um grito pavoroso, e arrojou-se como louco pela porta que levava da sala, onde estava, para o interior da casa. Fer-

não Silvestre e Luiz Vasques lançaram-se immediatamente apoz elle.

Chegados ao quarto de Camilla, acharam-n'a ainda desmaiada, por terra e com a cabeça no regaço da velha Jabel, que se arrepelava desesperada, chorando e berrando como uma creança. As outras criadas faziam com ella terribilissimo côro.

Ao dar com os olhos n'esta scena, João Peres parou como fulminado. Luiz Vasques soltou um grito de agonia, e, correndo para junto da pobre menina, tomou-a nos braços, bradando por ella inteiramente fóra de si.

Fernão Silvestre agarrou João Peres pelos hombros, abanou-o rudemente, e gritou-lhe em voz de estentor, fitando-o com os olhos cheios de fogo:

— Volta a ti, homem, volta a ti! Coragem!

Depois voou para junto de Camilla.

Poz-lhe de repente a mão sobre o coração, apalpou-a nos temporaes, tomou-lhe o pulso, e por fim ergueu-se com o rosto carregado mas sereno, e disse em voz agastada e de reprehensão:

—Valentes asnos, por Deus! E' um desmaio! Vão buscar uma pouca de água.

Trazida a água e borrifado o rosto de Camilla, estremeceu ella, deu um gemido, depois as lágrimas começaram a deslizar-se-lhe pelas faces abaixo.

João Peres aproximou-se então da filha, tomou-lhe uma das mãos, e balbuciou, engasgado e como a medo:

—Filha... filha... minha filha!...

—Camilla... minha Camilla!... — dizia do outro lado Luiz Vasques.

Camilla abriu finalmente os olhos. Ao ver-se entre o pai e o amante, encarou-os com pasmo, e como quem não acreditava o que estava vendo.

— Por alma de meu pai, compadre! gritou o sargento-mór, lançando-se nos braços de Fernão Silvestre— tu foste e has-de ser sempre o meu anjo da guarda!

— Vamos, homem, torna a ti;— replicou Fernão Silvestre, desenhencilhando-se-lhe dos braços— é mister resolver já as providencias precisas. Upa, Camilla; vamos, afilhada, cumpre não perder tempo. Toca a emmalar para ir para Encourados...

— Compadre, bem sabes...— acudiu o sargento-mór.

Sei que esperava encontrar-te com mais siso, João!— replicou severamente o velho cavalleiro— Queres sacrificar tua filha aos perigos que lhe arma o teu capricho louco e desatinado? Queres deixar Camilla entregue aos azares de um segundo assalto do populacho? Confias outra vez na fortaleza das portas da

tua casa e na vigilancia de *De profundis?*

Como se aqui os trabalhos se acabassem !

Como se a anarchia não continuasse a reinar desenfreada ! Como se o solar de Encourados não fosse mais capaz de resistir até ás próprias partidas dos francezes, se porventura se roçarem por elle ! João Peres, a culpa tive-a eu, mas foi em ceder da primeira vez ! Bem diz o grande poeta —

Da determinação que tens tomada
Não tornes por detraz; pois é fraqueza
Desistir-se da empreza começada.

Se quando aqui vim ha tres dias, não tivera sahido, sem que primeiro Camilla sahisse para o solar, o que aconteceu não teria acontecido. Braz de Paiva não se atrevia a accommetter o paço de Encourados, como assaltou a tua casa. E' en-

trouzar, e breve. Mulheres, andem-me depressa; e tu, filha, anda, avia-te. Dentro em meia hora é preciso que estejamos a caminho.

João Peres não deu palavra. Diante do tom peremptório de Fernão Silvestre, que o acabava de salvar, e da verdade das razoes por elle allegadas, apenas ousou soltar dous resmungos inintelligiveis, protesto a que o seu genio casmurro se não pôde furtar, apesar de lhe reconhecer a inefficácia. Fernão Silvestre replicou-lhe com medir com ar carregado e resmungador, e repetir a meia voz :

Não teve resistencia; e se a tivera,
Mais damno resistindo recebera.

Depois d'estas palavras, foi examinar o estado em que o assalto deixára a casa. Poucos estragos se notavam. As balas que tinham crivado exteriormente as portadas das janellas, não tinham podido

atravessar para dentro das grossas lâminas de ferro, que as forravam pela parte interna. As percas do sargento-mór a pouco mais montavam que á destruição de algumas caixas velhas e outros utensilios da casa, que por ordem do Trinta e tres tinham sido baldeados do alto das aguas-furtadas em cima dos assaltantes.

Depois de passar esta revista, Fernão Silvestre voltou á sala, onde João Peres o aguardava, convicto do acerto das medidas por elle tomadas, mas fingindo-se amuado, tudo para não mostrar condescendencia.

— Ora bem; — disse Fernão Silvestre — graças a Deus, não ha estragos a lamentar, e a casa ainda ficou em boa defensão para o que cumpre fazer. Vamos a isto, compadre; entretanto que a pequena se arranja, vamos a tomar as providencias convenientes para o que póde acontecer de futuro. Em quanto a ella,

estando em Encourados, não ha pelo
entretanto que receiar; mas aqui te fica
a tua propriedade, aqui te ficam os teus
haveres. E' necessario portanto prevenir
o futuro, porque, como diz o principe dos
poetas, deve o bom capitão —

Voar co'o pensamento a toda a parte,
Adivinhar perigos e evital-os:
Com militar engenho e subtil arte
Entender os inimigos e enganar-os;
Crer tudo enfim ...

Ouves o que te digo, João Peres?

— Ouço, ouço. Faz o que quizeres —
replicou casmurramente o sargento-mór.

— Muito bem. Estou convencido, e
digo tambem —

Que em casos tão estranhos claramente
Mais pejeja o favor de Deus, que a gente.

Comtudo entendo que esta casa não deve
ser abandonada; mas que é de razão que

a fiquem defendendo os teus criados, entretanto que nós não avisamos melhor sobre o caso. As janellas estão seguras e a porta, que arrombaram, fecha-se a pedra e cal. Aqui ha provisoens de bocca, e em tres ou quatro dias, decide-se de certo a questão. Trinta e tres, qual é d'estes homens que entendes mais azado para ficar aqui de commandante?

— Pois eu não fico tambem?

— Não; para ti está reservada missão mais importante, encargo mais arriscado. Tu és homem e homem de lei, conheço-te bem, e, apesar de ser perigosa a empresa que te vou commetter, não a recusarás, por vida minha! Como diz o poeta—

O coração sublime, o regio peito

Nenhum caso possivel tem por grande.

Qual d'estes homens escolhes, amigo?

— Chanisco, sahe á frente!

— Rapaz, — disse então Fernão Silvestre — tu já tiveste medo de alguma cousa?

— Senhor, saiba bossenhoria que nem do diabo em pêllo!

— Viste o que fez o Trinta e tres n'esta assaltada? Atreves-te a defender a casa de teu amo, como elle a defendeu, se essa canalha voltar cá?

— Como diz o oitro, aicho que sim. Cá dentro nom entrom, isso nom. Os diabos me lebem, se forem capazes! Nom é p'ra as barbas d'elles, ou eu nom sou Zé Chanisco!

— Muito bem. Nós vamos levar a menina a Encourados. Fecha-te bem por dentro. A'manhã terás novas nossas. Teu amo fia de ti, e espera que não has-de ficar mal.

N'isto a porta da sala abriu-se, e Camilla pállida, mas animada, entrou para dentro.

— Vamos, — disse então Fernão Silvestre — partamos, que é tempo. Rapaz, não tenhas receio. Defende-te até ás últimas, que eu vélo tambem, e no momento do perigo, serei de novo aqui, como fui d'esta vez.

Assim dizendo, encaminhou-se para a porta.

— Chanisco, alma de cántaro! — bradou o sargento-mór — olha o que fazes, entendes? Se me deixas a alguem pôr pé cá dentro, racho-te, por alma de meu pai! Olho vivo, entendes? E cuidado com o pintasirgo; não se esqueçam de lhe dar de comer;... e a lavagem ao bácoro, entendem? Cuidado... cuidado! Entendem?

Assim dizendo, sahiu pela porta fóra, e lançando uma última olhadella de terna despedida aos lares, cavalgou tambem, e seguiu apoz a cavalgada, a qual era capitaneada por Fernão Silvestre, que ca-

minhava a passo, levando Camilla sentada no arção dianteiro.

Ao cruzar por junto da estrada de Braga, Fernão Silvestre fez parar.

— Trinta e tres, — disse então — aproxima-te.

O veterano que vinha entre os homens de pé, chegou-se a elle.

— Amigo, — disse-lhe o velho cavalleiro — nós vamos recolher-nos no paço de Encourados, onde o meu compadre e a minha Camilla acharão não só a segurança que n'outra parte não podem ter pelo entretanto, mas corações lavados e amigos, que suspiram por elles, e que, mau mez para quem pensar o contrario, desejam mostrar-lhes sempre quanto e quanto os presam e estimam.

São offerecimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, não dobradas.

Mas, nas considerações dos nossos in-

teresses particulares, não devemos esquecer que a nação luta com perigos gravíssimos, não devemos deslembrar-nos de

Que a patria, que de um fraco fio pende,

reclama as attenções e os serviços de todos os seus filhos. Amigo, sentes-te ainda capaz dos grandes feitos que te vi praticar em Banhuls e em Port-Vendres?

— Meu capitão, — replicou gravemente o Trinta e Tres, levando a mão em continencia militar—sou sempre o mesmo. Para cumprir a minha obrigação, não conto os annos que tenho a maior. Eu nunca tive medo, nem sou homem que volte a cara ainda que seja ao proprio diabo.

— Bem dito, meu velho camarada, bem dito ! — exclamou Fernão Silvestre, enthusiasmado — Oh ! que todos os portuguezes fossem assim, fossem como os

que combatemos na campanha passada!

E depois de um momento de silencio, continuou:

— Trinta e tres, tu vaes partir immediatamente para o Carvalho d'Este. Para lá ha fogo, para lá ha resistencia. Aquelle infame inglez deitou tudo a perder com esta fanfarronada. A morte do pobre Bernardim Freire foi uma calamidade. E' preciso valer ao Porto. Tu vaes partir, amigo, vaes observar de perto o que por lá se faz. Leva contigo alguns d'esses homens, e manda-me dizer o que acontecer, todas as vezes que te parecer conveniente, para eu poder avisar a tempo e horas para o Porto, e tomar aqui as providencias precisas para retardar, quanto me for possivel, a marcha dos invasores. E' grande a missão que te incumbo, amigo; vaes outra vez arriscar a vida na guerra e em perigos mais graves que os das grandes batalhas. Vaes lutar

quasi com o impossivel, vaes viver no meio da anarchia. E' grande a empreza; mas é digna de um soldado da campanha de 93. E lá diz o grande Luiz de Camoens, o principe dos poetas:

..... As cousas arduas e lustrosas
Se alcançam com trabalho e com fadiga;
Faz as pessoas altas e famosas
A vida que se perde e que periga;
Que quando ao medo infame não se rende,
Então, se menos dura, mais se estende.

Ouves isto? Grava-o bem na memoria. Parte, e lembra-te bem de que a salvação da nossa patria está mais dependente da tua coragem e da tua actividade, do que te póde parecer á primeira vista.

— Não tenha receio, snr. Fernão Silvestre; — replicou o Trinta e tres — as suas ordens hão-de ser cumpridas á risca?

Depois fez a continencia militar, e deu dous passos á retaguarda. A cavalgada pincipiou outra vez a mover-se.

— Trinta e tres, sentido! — bradou então o sargento-mór — Olha o que fazes, homem; não me deixes ficar mal, entendes?

— Adeus, meu capitão — respondeu o velho soldado. — Se nos não tornarmos a ver, até ao outro mundo! Falle algumas vezes de mim á minha menina... porque o velho Trinta e tres dos grana-deiros do segundo regimento do Porto ainda se não deshabituou do cheiro da polvora! Rapazes, marcha!

Assim dizendo, tomou o caminho de Braga, seguido dos poucos homens armados de espingardas, que tinham acompanhado Fernão Silvestre. Todos elles haviam servido com o velho fidalgo de Encourados na campanha do Roussillon, desde 1793 até 1795.

XII

Parece-lhe que sente perturbar-se
Quanto o pequeno mundo em si comprehende,
Os elementos d'elle contrastar-se,
De que seu individuo vive e pende,
E que do coração o dilatar-se,
De cuja compressão tanto se offende,
Era luz, a que o pábulo faltando,
Que então mais cresce quando está acabando.

ROLIM. *Os novissimos. Cant. I, est. 104.*

O sargento-mór de Villar chegou ao paço de Encourados mal encarado e como a rasto apoz da influencia, que Fernão Silvestre exercia sobre elle. Lembra-se da scena de ha poucos dias, e comia-se de coragem, ao ver que tinha por força de entrar para dentro das portas d'aquella casa, e receber a hospitalidade do dono d'ella. Mas durou-lhe pou-

co aquella repugnancia atrabiliária. O acolhimento carinhoso com que D. Luiza recebeu Camilla, e a sinceridade e franqueza de coração lavado, com que Vasco Mendes o levou nos braços a elle, e lhe chamou amigo, deram-lhe de súbito com toda a máchina do agastamento em terra; e João Peres, revirando-se com rapidez correspondente, começou desde logo a fallar como se nada tivesse havido, e nem por pensamento assombrado aquella provadissima amisade. Gritou, berrou, e espalhafatou ácerca do assalto; contou, praguejando e repraguejando, o assassinato de Bernardim Freire; e jurou, por alma do pai, que os dos coutos de Villar e de Manhente haviam de saber um dia o que eram os figados de um soldado de Belver e de Puig-Cerdá.

Os dias 18 e 19 passaram-se anciosamente no solar. Na noute de 18 chegou o primeiro emissario do Trinta e

tres. A carta do veterano participava que o inimigo tinha atacado o Carvalho d'Este na noute de 17; mas com pouca energia, e como quem esperava não encontrar resistencia. Em consequencia da pouca gente que empenhou na acção, e de não ter artilheria, havia retirado com alguma perda. No dia 18 atacou com mais força, mas ainda sem artilheria. A peleja foi bem ferida de ambos os lados; mas por fim os francezes tinham sido obrigados a retirar, deixando morto no campo o general Carvoisieu, cuja cruz da legião de honra fôra entregue ao barão d'Eben por um soldado da Leal legião lusitana. A' tarde tornou o inimigo a atacar, mas foi de novo repellido. Depois d'este assalto, o general francez mandou um parlamentar ao barão d'Eben, que o reteve prisioneiro, dando ordem aos postos avançados que fizessem fogo sobre qualquer francez, que d'elles se aproximasse.

Por este prisioneiro, e por outros que tinham sido tomados durante a acção, soube-se que os francezes tinham sobre o Carvalho d'Este oito mil homens apenas, incluindo quatro regimentos de cavalleria. As forças do barão d'Eben, em razão dos reforços que n'essa manhã lhe tinham chegado, montavam a mais de vinte mil homens, dos quaes perto de dous mil de tropas de linha, e o resto da ordenança e povo mal armado.

Estas foram as primeiras noticias mandadas pelo Trinta e tres.

Ao arraiar do dia 19 sentiu-se grande fogo de fuzilaria para o lado do Carvalho. A' tarde o fogo augmentou, e sentiu-se pela primeira vez a artilheria. Ao fechar da tarde, principiou a dizer-se na aldeia que os francezes tinham forçado a posição; e á noute chegou o segundo emissario do veterano. As noticias, que trazia, eram pouco agradaveis. Segundo

ellas, os francezes tinham atacado com maior poder e já auxiliados por artilheia. O combate, principiado por um tiroteio sustentado vigorosamente por ambos os lados, desfechou ás quatro horas da tarde em assalto geral. Apesar da resistencia ser pertinaz por toda a parte, o inimigo, á noitinha, havia forçado o posto da Patrulha, d'onde não tinha passado mais ávante talvez por causa do ardil do barão d'Eben, que mandou estender em linha, pelos outeiros circumvisinhos, cincoenta homens da Legião e trinta do regimento de Vianna, que, em razão da noite, illudiram o general francez, fazendo-lhe receiar maior número de gente. A' hora em que o Trinta e tres escrevia, chegava um espião, que participava que Soult fizera reforçar as tropas empregadas contra as linhas do Carvalho d'Este por um grosso corpo de exército, que para ali mandára marchar.

Ao romper do dia 20 os habitantes do paço de Encourados ouviram troar furiosamente a artilheria para os lados do Carvalho, e affigurou-se-lhes que o fogo de fuzilaria se estendia até ás fraldas da Falperra. A's dez horas a artilheria callou-se, e pouco depois cessou tamibem a fuzilaria. Passada meia hora, correu o boato de que os francezes tinham rompido as linhas, e em seguida começaram a chegar soldados e ordenanças fugidas, que asseveravam a verdade do rumor popular. No paço sentiu-se desde o principio os effeitos d'aquella desgraçada nova. Junto dos portoens da quinta tinha-se soltado morras aos jacobinos do solar, havia-se atirado pedradas para dentro, e mesmo disparado alguns tiros de bala. Fernão Silvestre, que assumira o commando n'aquelle lance apertado, ria-se porém d'estas demonstraçoens da canalha. Estava prevenido

para tudo, e até nem dos francezes temia. O solar estava em sufficiente estado de defeza. As grossas e ferradas portas de castanho tinham sido fechadas, e algumas até fortalecidas com enormes pedregallos que a ellas tinham sido encostados; e dentro estavam mettidos vinte homens decididos e provisoens sufficientes para resistir uns poucos de dias.

A's onze horas e meia a tempestade, que se tinha ido conglobando sobre o paço, pareceu dissipada de todo. As imprecaçoens, os insultos e a vozeria da anarchia em comêço tinha inteiramente cessado, e o sino da egreja, que desde as nove e meia tocava sem cessar a rebate, callou-se, e a aldeia ficou silenciosa, e como se nada de extraordinario se estivesse passando nas cercanias d'ella.

Ao meio dia o Trinta e tres appareceu á porta do solar. Cansado de bater ao portão dos muros da quinta, saltou

por um lugar onde elles eram mais baixos, e veio chamar mais de perto. Ainda assim bateu e re-bateu antes de receber resposta. Por fim reconheceram-n'o, e abriram-lhe a porta.

O veterano, affogueado e coberto de suor e de pó, foi conduzido ao salão principal do solar, áquelle que servira de sala de armas aos ricos-homens do seculo xiii; e ahi achou reunidos os tres senhores de Encourados e o sargento-mór, que acabavam de rondar pela centésima vez os postos principaes da defeza. Fernão Silvestre, como o mais acutilado pela experiencia do que eram os furores da anarchia, desconfiava agora mais que nunca das resoluçoens hostis da gentalha, e receiava que da presente quietação surgisse proximamente temerosissima tempestade.

O veterano, mal entrou, relanceou-os com olhar firme e prescrutador, e em

seguida disse em tom peremptório e decidido :

— Está tudo prevenido? Estão tomadas todas as providencias para a defeza d'esta casa?

— Tudo está a póstos, amigo — respondeu com authoridade Fernão Silvestre. — Não ha de que receiar. Se a canalha vier, se vierem os francezes, aqui hão-de encontrar resistencia digna de soldados, aqui hão-de achar o que vale, como diz o grande poeta,

fulgente e armado

O Mavorte feroz dos portuguezes

— Por toda a parte por onde passei, desde Braga até aqui, — volveu o veterano — não se falla n'outra cousa mais do que em vir dar cabo d'este ninho de jacobinos e de traidores, que assim denominam elles o paço de Encourados. Por todas as freguezias dos arredores é

um brado unísono de rancor contra esta casa. Em toda a parte se fazem ajuntamentos e unioens contra ella. Esta noite ou ámanhã pela manhã, a populaça das freguezias circumvisinhas estará aqui reunida em grande força... se os francezes não chegarem primeiro que ella.

— Então está tudo perdido?

— O Trinta e tres atirou-se de puro cansado para cima de uma cadeira.

— Concedam - me licença — disse, meio abafado pelo cansaço e pela agitação em que estava.

Depois limpou com um lenço o suor e o pó, que lhe cobria o rosto, e disse em seguida :

— Está tudo perdido. A gente que defendia o Carvalho d'Este, dispersou em todas as direcçoens, enfurecida pela derrota e pela convicção de que foi atraíçoada pelas manobras d'aquelles que ella appellida jacobinos e traidores. Estão por

ahi a arder muitas casas, e tem sido assassinnada muita gente. Os soldados da Legião e os milicianos reúnem-se em magotes ás turbas furiosas dos ordenanças, e com ellas commettem todos os desacatos imaginaveis, dando ao mesmo tempo certa regularidade aos esforços, que ellas empregam, para levar a cabo os assaltos que tentam. E comtudo, é mistér confessal-o, bateram-se bem, combateram em quanto tiveram pólvora e bala. Na Falperra bateram-se até á bayoneta e á faca! O pomar de a-par do convento custou rios de sangue aos francezes. Foi um assalto em fórma, um combate corpo a corpo, em que se não deu quartel a ninguem, em que se arcou braço a braço a vida sem esperança de misericórdia para o que fosse vencido na lucta! D'aquelles poucos escaparam; e todos cederam por fim, porque era impossivel deixar de ceder. Muito fizeram

elles ; fizeram o que nunca cuidei que fossem capazes de fazer. Povo mal armado raras vezes resiste tanto tempo a soldados disciplinados, e que têm roído muito cartucho em batalhas . . .

— Mas, emfim, forçaram as linhas? . . .

— Esta manhã, ao romper d'alva, os francezes avançaram sobre ellas em tres grossas columnas. Travou-se um combate desesperado. A nossa gente estava muito animada. Comtudo havia pouca pólvora, e parte das ordenanças, que estavam armadas de espingardas, e parte da artilheria, tinham apenas tres cargas. Assim mesmo a resistencia foi tenacissima. A's dez horas estava tudo em completa derrota. Logo o suspeitei, mal vi a decisão e a rapidez com que os francezes avançavam. Conhecia-se logo que vinham resolvidos a vencerem, ou a ficarem todos ali. Não assisti até o fim, porque ás oito horas, o barão d'Eben teve

noticias que havia muito sangue em Braga, e mandou uma porção de ordenanças para a cidade, a fim de ver se aquietava o reboliço. Eu vim com ellas, porque vi desde logo que nada mais fazia ali, e não sei que me chamava o coração para Braga. Ah! senhores, — bradou aqui o veterano — nunca em minha vida pensei ver tal cousa! Quando cheguei, disseram-me que estavam a matar os presos do aljube. Corri lá; já tinham fuzilado sete. A canalha fazia-os sahir um a um para o terreiro; e mal chegavam fuzilava-os logo. Tinham já morto o corregedor de Braga e o de Barcellos, e um tal Thomaz Cabeças e outros emfim. Eu estava pasmado, e sem saber o que fazer, quando n'isto sinto-me puxar para o lado. Olho; quem havia de ser? Era o *De profundis*, com os olhos arregalados e sombrios que não pareciam d'elle. Parecia mesmo que tinha juizo.

— O *De profundis* ! — exclamou Luiz Vasques — Mas como estava elle em Braga?

— Como estava? Eu lhe conto. Hon-tem á noite, o povo foi a Santa Maria de Abbade, a casa do conego Valentim. Quizeram-n'o matar, mas por fim de contas levaram-n'o para Braga preso, a elle e a dous amigos, um dos quaes era o tal Thomaz Cabeças e o outro um tal Azevedo e Mello, que tambem mataram no aljube. O *De profundis* soube-o, e, como tem grande amisade ao cónego, porque sempre foi por elle contra o irmão, foi-se apoz elle para Braga. Como visse a mortandade da cadeia, entendeu que o cónego seria tambem morto; e d'aqui vai o caso.

— E mataram o cónego?

— Não mataram; consegui salvá-o.

— Tu, — gritou João Peres — Nunca as mãos te dêam. O cónego é um grande homem, por alma de meu pai! E tu fi-

zeste o que devias, entendes? Sei o que digo, e vai com esta.

—Pois sim, sim; eu por mim nunca lhe tive grande aquella — replicou casmurramente o Trinta e tres. — Não gósto de homens emproados nem de padres casquilhos. E tenho dito. Mas o *De profundis* estava alli de olho arregalado e como fóra de si, e diz-me:

«—O cónego Valentim está ali preso.

«—E a-dei?

«—Eu espero salvá-lo.

«—Tu!

«—E vocemecê vai ajudar-me a salvá-lo.

«—Eu!

«—E se não vem, vou eu só.

—E dizendo, vai a arremeter por entre a turba. Eu deito-lhe a mão a um braço, e sustenho-o; mas como elle estrebuchava, e eu não queria que o rapaz se fosse deitar a perder, assim como as-

sim decidi-me. Felizmente passava um soldado da Legião, que servira connosco na campanha do Roussillon. Chamo-o, e digo-lhe que estava ali preso por jacobino um grande amigo meu, que era bom e leal portuguez, e que eu queria que o fôssemos salvar. Pergunta-me como; eu digo-lhe que o povo n'aquelle barulho não repararia, e, se alguém reparasse, diríamos que não era dos presos criminosos. Fomos, e... com Deus, tiramol-o para fóra. Mas n'isto um outro soldado acerca-se de nós, e lança-lhe a mão. Dissemos o convencionado; elle insiste, teimamos nós, mas n'isto bumba — um tiro e o homem cahe morto.¹ Foi o *De profundis*, que nos acompanhava, quem despartiu a referta. Sem o eu saber, trazia por dentro do collete uma pistola carregada. Que tal está o maluco?

1 Vid. nol. XI.

Nós não dissemos uma nem duas. Pegamos no padre, e levamol-o d'alli ás Carvalheiras, e puzemol-o na estrada do Porto. Ahi o bom do homem attentou em si. Deu-n'os muitos agradecimentos, e queria dar-n'os dinheiro, que nenhum de nós acceitou. Depois metteu-se pelo pinheiral dentro, porque se começou a sentir grande reboliço de gente. Nós voltamos para Braga, e mal chegamos, eis que entram de roldão os do Carvalho d'Este e alguns soldados da cavalleria franceza, que os acutilavam. Foi por Deus; que se os francezes não entram, não escapava um só dos do aljube, nem uma só pessoa de gravata ao pescoço que estivesse na cidade. N'isto ouvimos um grande estampido para o outro lado. Disseram-n'os que era o barão d'Eben que tinha mandado lançar fogo a quinze barris de polvora, e que tinham morrido oito homens da Legião, que, o foram

lançar. Minutos depois os francezes entraram na cidade, e o Eben fugiu para o Porto, e disseram-me que elle e o estado-maior e vinte dragoens, que o acompanhavam, estiveram quasi pillhados por sessenta hussares, que os perseguiram de perto. Estava tudo acabado. Tratei de me pôr a salvo, e cheguei até aqui, não sem correr bastantes riscos de ser apanhado por esses furiosos. Ora aqui está como findou a obra.

O Trinta e tres acabava de fallar, quando se ouviu bater fortemente na porta principal do solar. Luiz Vasques correu a saber o que era, mas n'isto um dos criados entrou, e disse que o idiota estava ali, e que queria fallar já já com o snr. Fernão Silvestre. Este deu ordem para que se lhe abrisse a porta, e minutos depois *De profundis* entrou na sala, descalço, em cabello, em mangas de camisa, com o peito á mostra e o grosso collete de bae-

tão desabotoado. Era, como o leitor sabe, o seu vestuario habitual.

— Muito povo, muito povo — disse mal entrou, acompanhando estas palavras com um gesto que engrandecia a phrase. — Está tudo em Cabreiros, e dizem que vem cá, e depois... *De profundis clamavi... Requie eternum...*

— Explica-te, homem — disse Fernão Silvestre. — Então está muita gente em Cabreiros, e diz que vem cá assaltar o solar?

— Sim, senhor, é assim mesmo. Diz que estão cá os jacobinos, e que quer deitar fogo ao paço; e muito povo... muito povo, e muitos soldados da Legião e muitos milicianos. Dizem que vem cá esta noite e depois... *Requiem eternum...*

O idiota, segundo o seu costume, entou estas últimas palavras em cantoção funerario e lançando largas benções em todas as direcções do salão. Fernão Sil-

vestre poz-se então a passear distrahido ; alguns minutos depois parou.

— Irmão, — disse, dirigindo-se a Vasco Mendes — é preciso tomar providencias. Quem sabe o que acontecerá? E' necessario pôr as mulheres em segurança. D'aqui por duas horas devem partir para a Villa da Feira. Tu, sobrinho, e tu, João, partireis com ellas para as guardar. Vasco, vou escrever ao nosso primo Abranches.

— Alto ahi, compadre ; — gritou o sargento-mór — isso é de mais, entendes? Eu não sou homem que fuja nem diante do proprio diabo...

— Eu não abandono meu marido — disse docemente D. Luiza.

— Eu não desamparo meu pai na hora do perigo — exclamou rudemente Luiz Vasques.

— Silencio ! — bradou Fernão Silvestre, batendo rijamente com o pé no soa-

lho — Esta não é hora para attender a caprichos desatinados nem para combater imaginárias, que repugnam com a prudencia e com o bom senso. Agora deve-se obrar e não imaginar. Nem eu, nem Vasco Mendes precisamos de ninguém para defendermos o solar de nossos pais ; e convem attender a todas as consequencias da situação em que estamos, e não desperdiçar tempo precioso em provar a necessidade de factos, que a boa razão deve ter feito callar no ânimo de todos. Vasco, hoje manda-se, não se persuade ; e,

Por nos não magoarmos ou mudarmos

Do proposito firme começado—

cumpre não admittir razoens de affeição, cumpre dar ordens, e não affroixar diante de contradicçoens. João Peres, é preciso que partas ; porque, apesar da fortaleza d'esta casa, não se póde prever o que

acontecerá, e Camilla não deve ficar exposta aos azares dos acontecimentos que vão dar-se. E' necessario que tua filha saia d'aqui para logar mais seguro; e a ùm pai é que está incumbido o sagrado dever de acompanhar e defender sua filha. Partirás pois. Luiz, partirás tambem... Partirás, porque é preciso acompanhar tua mãe, que, como senhora, não deve correr os riscos dos resultados do assalto que a população vai dar a esta casa; partirás, porque para defender o solar dos nossos antepassados não precisamos de ti, e, para ficar enterrados debaixo das ruínas d'elle, bastamos eu e teu pai. Tu deves viver para continuares o grande nome dos senhores de Encourados. Partirás pois... partirão dentro em duas horas. Quero-o assim, e vou dar as ordens convenientes para que dentro d'ellas possaes pôr-vos a caminho.

O velho cavalleiro disse estas últimas palavras em voz de entoação tão imperiosa e soberana, que ninguem ousou contrariar-o. Mal elle as disse, voltou as costas, e sahiu, com passo magestoso, da sala.

Durante alguns minutos ninguem teve ânimo para romper aquelle silencio. O próprio João Peres, abalado pela grandeza d'alma do amigo e pela verdade do que elle dissera, sentira recolher-se-lhe lá para dentro, bem fundo, o espirito de contradicção de que era dotado. Em quanto a Vasco Mendes, esse não possuia o espirito heroico do irmão, mas era-lhe rival no valor pessoal e na justeza da apreciação dos acontecimentos. Combatia-o de um lado a viva affeição que o ligava á esposa e ao filho, e do outro a verdade das palavras de Fernão Silvestre, e sobretudo a decidida influencia em que sempre vivera para com elle.

O pobre cavalleiro, encostado ao desvão de uma janella, olhava sem dar palavra e com os olhos afflictos a mágoa silenciosa da esposa e a hesitação, que agitava rudemente o filho.

D. Luiza levantou-se por fim.

— E tu tambem ordenas que eu parta, Vasco? — disse ella em voz angustiada, pousando-lhe a mão sobre o hombro.

— E' preciso, Luiza — balbuciou Vasco Mendes.

— E' preciso separar-me de ti! —olveu ella — é preciso que eu vá morrer longe do meu Vasco! Ha trinta annos que somos casados, esposo, e nunca estivemos um momento longe um do outro. Não consintas que depois de tanto tempo nos desunam. Vasco, se o solar póde resistir ao assalto, não é preciso que eu parta; se não póde... deixa-me morrer onde tu morreres.

— Não partirei, por Deus! não parti-

rei! — bradou aqui enérgicamente Luiz Vasques, batendo com o pé no chão, e parando como tendo vencido a hesitação que o demovia — Não partirei. Só de meu pai recebo ordens. Que parta elle, se acha que na familia dos senhores de Encourados póde haver um covarde que volte as costas ao perigo. Não partirei, por Deus! não partirei...

Vasco Mendes conhecia a fundo a firmeza do character do filho. O tom de voz, em que estas palavras foram ditas e os gestos de que eram acompanhadas, fizeram-n'ó conhecer que era tempo de se vencer, e de dissipar com a propria resolução os obstaculos, que a obstinação de Luiz ia pôr á realisação do pensamento tão sensato de Fernão Silvestre. Desencostou-se, tomou D. Luiza nos braços, e, ameigando-lhe a cabeça de encontro ao peito, disse-lhe em voz doce:

— Luiza... querida esposa, Deus

ha-de permittir que esta separação seja curta. Isto não póde durar muitos dias, e, mal esta tormenta se arrede, corro immediatamente para junto de ti. Agora, bem o vês, é perigoso ficares aqui. A tua presença, o receio de te ver arriscada, entibiar-nos-ia os ánimos. . . . Com a certeza de que estás em segurança, não temeremos cousa alguma, e esta confiança dar-nos-á coragem para resistir a tudo. Não receies por mim; o paço é forte, e os defensores resolutos e valentes. Aqui não entrará ninguém. Mas contigo aqui dentro, querida esposa, com o receio de te poder acontecer alguma cousa, abalado pelo pavor que necessariamente estas scenas te hão-de causar. . . . Luiza, minha esposa adorada, é preciso que par-tas, é forçosa esta separação de poucos dias. . . . Luiz Vasques, — continuou, interrompendo-se de súbito e voltando-se para o filho — ordeno-te que vás imme-

diatamente preparar-te para acompanhares tua mãe a casa dos nossos primos da Villa da Feira.

Ao ouvir estas palavras, Luiz ergueu a fronte, e relanceou o pai com um olhar, em que havia desobediencia; mas Camilla, que tinha entrado, momentos antes, na sala, fitou-o com olhar supplicante e o moço cavalleiro voltou as costas, e sahiu sem dar palavra e com ar descontente a cumprir as ordens do pai.

Duas horas depois D. Luiza, encostada ao esposo e com uma das mãos entre as de Camilla, descia a escadaria do palácio, acompanhada pelo filho e pelo sargento-mór de Villar e seguida das criadas que a serviam. No páteo estava uma liteira, e algumas mulas e cavallos sellados. Fernão Silvestre achava-se tambem ahi, dando ordens e dirigindo com toda a serenidade e attenção o acaba-

mento das obras de defeza d'esse lado do palácio.

Ao ver aproximar D. Luiza para entrar na liteira, o rude cavalleiro chegou-se a ella, abraçou-a, beijou-a na face, e disse-lhe em voz cheia e vigorosa :

— Adeus, cunhada, até d'aqui a poucos dias. Coragem. E' preciso, e está tudo dito. Não tenha receio; eu fico velando por elle, e, se for necessario, sacrificarei a vida para salvar a de seu marido.

Depois ajudou-a a metter na liteira, e deixou-a com o irmão. Dirigiu-se então a Luiz Vasques.

— Sobrinho, — disse-lhe, abanando-o rudemente pela mão — adeus. Um senhor de Encourados não desce á villania de sequer imaginar que o solar de seus paes possa ser calcado pelos pés dos villoens das margens do Cávado. Ver-nos-emos pois outra vez, e em breve; mas se por

acerto alguma bala perdida me encontrar no caminho, se eu morrer, Luiz Vasques, lembra-te bem das derradeiras palavras que ouviste ao homem, que préza a tua glória mais que a sua propria honra; recorda-te dos últimos conselhos que recebeste de teu tio Fernão Silvestre de Encourados. Luiz Vasques, sejam quaes forem as circumstancias em que te venhas a achar de futuro, não deslumbres nem um só momento que á tua guarda está entregue o nome e a honra de uma das familias mais illustres e mais gloriosas d'esta provincia. Quem tem um nome como o nosso, sobrinho, peleja até á última gota de sangue pela independencia e pela glória da terra, onde nasceu. Luiz, combate pela pátria a todo trance e por todos os meios; e se ella morrer, e tu não poderes achar a morte no campo de batalha, onde ella morrer, n'esse caso, abandona esta terra, onde desde então

será impossivel continuar honradamente o nosso nome, e vai para o Brazil, vai para a Italia, vai para outra qualquer parte, por

Que toda a terra é patria para o forte —

e abre lá nova era ao nome illustre dos senhores de Encourados, faz reviver com a glória dos teus feitos a boa fama dos cavalleiros, que deixaste sepultados aqui, na terra escravizada. Grava bem na memoria estas palavras, sobrinho, e, com Judas traidor maldito sejas tu no inferno, Luiz Vasques de Encourados, se d'ellas te deslembrares algum dia. Adeus.

Assim dizendo, voltou-lhe as costas, e tornou para junto dos trabalhadores, com quem continuou serenamente a tractar das obras de fortificação do paço.

Entretanto Vasco e a esposa, com as

mãos unidas com força, fitavam-se com os olhos enxutos, pretendendo animarem-se mutuamente com aquella coragem apparente. Mas, apesar d'aquelle supremo esforço, não podiam dizer palavra um ao outro. Por fim Vasco Mendes curvou-se sobre a mão da esposa, e cobriu-a de beijos.

— Adeus, minha Luiza — balbuciou, tornando a levar a mão d'ella apressadamente aos lábios.

— Adeus, esposo — murmurou ella, não podendo reter as lágrimas, que lhe rebentaram pelos olhos fóra.

Vasco Mendes deu dois passos para traz e a liteira começou a mover-se. O filho aproximou-se então d'elle.

— Luiz Vasques, — disse o nobre cavalleiro — confio-te minha esposa. Vela por tua mãe, Luiz. Emquanto a ti, lembra-te sempre que a honra e a glória foram em todos os séculos o alvo a que

balisaram os nossos illustres antepassados. Ajoelha-te.

Luiz Vasques ajoelhou. Vasco poisou-lhe um momento as mãos sobre a cabeça, ergueu com fogo os olhos para o céu, depois chegou-lhe aos lábios a mão direita, que elle beijou.

— Que Deus te abençoe, filho, — disse então — e que te mate no momento em que te esqueceres da tua própria honra e da glória do nome dos senhores de Encourados. Adeus.

Luiz Vasques cavalgou.

— Meu pai, — disse ao partir — vou, mas vou contra minha vontade.

— Parte: sou eu que t'o ordeno, — respondeu Vasco Mendes, estendendo com auctoridade o braço.

A cavalgada poz-se logo a caminho.

Vasco Mendes, immovel e com os olhos fitos n'ella, seguiu-a com a vista alheadamente alongada pela estrada fó-

ra. Fernão Silvestre aproximou-se então d'elle.

—Vasco,—disse-lhe rudemente, afer-rando-o por um braço—que fazes aqui d'esta maneira? Coragem, irmão; é preciso ser homem. Pensas porventura que os vejo partir indifferente?—bradou de súbito, com os olhos incendiados e levando os dous punhos cerrados de encontro ao peito, com força tal que parecia querer mergulhal-os por elle dentro—Vamos, é preciso ser homem; é necessario que nos não esqueçamos de que este é o solar dos senhores de Encourados, e que nós nascemos dentro d'elle.

Não vos hão-de fallar, gente famosa,
Honra, valor e fama gloriosa.

Não, entretanto que eu viva; não, entretanto que o coração me pulse no peito, entretanto que nas veias me gire este sangue. Vamos, irmão.

E, com estas palavras, os dous recolheram-se para dentro do solar, cuja porta foi logo cerrada e defendida por dentro com grandes penedos, que Fernão Silvestre mandára conduzir para ali.

Entretanto a cavalgada continuava seu caminho pela estrada do Porto fóra. Na frente iam o sargento-mór e o Trinta e tres, a cavallo e armados de clavinas, pistolas e espadas; seguia-se a liteira com D. Luiza e com Camilla, e ao lado d'ella Luiz Vasques, armado e a cavallo. Vinham apoz as criadas, cavalgando em muares, e em seguida dous lacaios e cinco homens de pé, armados de espingardas e facas de matto.

Todo este apparato bellicoso ainda assim era pouco, attendendo ao estado anárchico em que se achava a provincia, e, mais que nenhuma outra parte, o extenso território que se estendia desde as margens do Deste até ás do Douro.

XIII

Ah, cegos, contra vós
Vos leva cruel furor!
Ah, que fartando em nós
E em vosso sangue o ardor,
Que o inimigo tem, fazeil-o vencedor.

A. FERREIRA. *Odes.* I 4.

A cavalgada chegou a casa do fidalgo da Villa da Feira dous dias depois de partir de Encourados. Para esquivar embaraços, tinha passado por longe do Porto, já então em anarchia, e atravessára o Douro em Carvoeiro. Ahi o Trinta e tres separou-se d'ella, e veio metter-se no Porto. Era resolução, que trazia decidida desde que partira do solar, e sobre a qual viera todo o caminho refertan-

do com o sargento-mór, que por fórma alguma queria consentir no alvitre.

— Assim como assim vou-me lá — d'esta fórma fechára o veterano a discussão em Carvoeiro. — Está claro, senhor; tenho de morrer de uma bala. Desde que no Carvalho se me tornou a avivar o gosto pelo cheiro da pólvora, não cabo na pelle. E' pulo que te parto cá dentro. Vou-me lá, com um milheiro d'elles, vou-me lá, ou dou em doido.

E dizendo, poz-se logo a caminho, sem attender ás imprecaçoens de João Peres, nem ás observaçoens, com que Luiz Vasques o quiz demover do propósito.

Os primeiros dias, passados na Villa da Feira, foram para a familia de Encourados de angustioso martirio. Do solar nada se sabia, nem ainda chegára o correio, que para lá haviam despachado em busca de noticias. Era porém geralmen-

te conhecida a anarchia, em que estava a provincia, anarchia que continuava a infernal-a, excepto nos pontos que os francezes tinham occupado e guarnecido.

As saudades e a anciedade pela duvidosa sorte do marido haviam produzido em D. Luiza terrivel abalo. Logo ao segundo dia de caminho principiou a achar-se doente, e a moléstia progrediu tão rapidamente, que já foi preciso tiral-a em braços de dentro da liteira, quando se apeou á porta do fidalgo de Oliveira. No dia seguinte estava peor; e peor se foi achando de dia para dia, a ponto de ao quinto, depois que partiu de Encourados, os medicos dizerem a Luiz Vasques que D. Luiza estava perigosamente doente.

Era n'este quinto dia — 25 de março — ao descahir da tarde. Luiz Vasques estava afflictissimo pelo perigoso estado da mãe e pelas graves apprehensoens que

nutria ácerca da sorte do pai e do tio, quando este chegou inesperadamente.

Luiz e o sargento-mór achavam-se consultando com o fidalgo ácerca de D. Luiza, quando de súbito se abriu a porta da sala, onde estavam, e no limiar appareceu Fernão Silvestre de Encourados, sem que nenhum criado o annunciasse.

Os tres recuaram diante do aspecto do velho cavalleiro. Fernão Silvestre vinha com os vestidos cobertos de pó e o rosto denegrido e com laivos de sangue mal lavado. Trazia um braço ao peito, e a cabeça coberta de pannos recingidos por larga atadura, que lhe occultava a fronte. Em tal occasião e assim de súbito a apparencia miseranda d'aquelle homem veneravel assombrou o sargento-mór e Luiz Vasques.

O velho fidalgo relanceou com vista firme e ardente o sobrinho e o amigo. O rosto tinha-o sereno, mas carregado ;

e nos olhos brilhava-lhe todo o fogo do entusiasmo de que era dotado, de mistura com um certo quê de allucinação, que é propria dos que atravessaram de fresco lances de perigosissimo risco.

Vencido o primeiro ímpeto do assombro, Luiz Vasques, demovido pela agonia da suspeita que a vista do tio lhe fizera conceber, correu direito a elle.

— Meu tio... meu tio, — bradou em voz entoada pela mais funda afflicção — onde está meu pai? que aconteceu em Encourados?

O velho cavalleiro ergueu solemneamente o braço ao alto, e respondeu em voz magestosa e forte:

— Do paço de Encourados restam sómente as ruinas; de teu pai, Luiz Vasques apenas as cinzas. Vasco Mendes morreu como devia morrer; morreu debaixo das ruinas da casa solar de seus paes.

Ao ouvir estas palavras, Luiz Vasques soltou um grito de agonia, deu dous passos para traz, e cobriu com desespero o rosto com as mãos. João Peres, boqui-aberto e assombrado, olhava o amigo com o olhar estúpido e de quem não comprehendia o que ouvira.

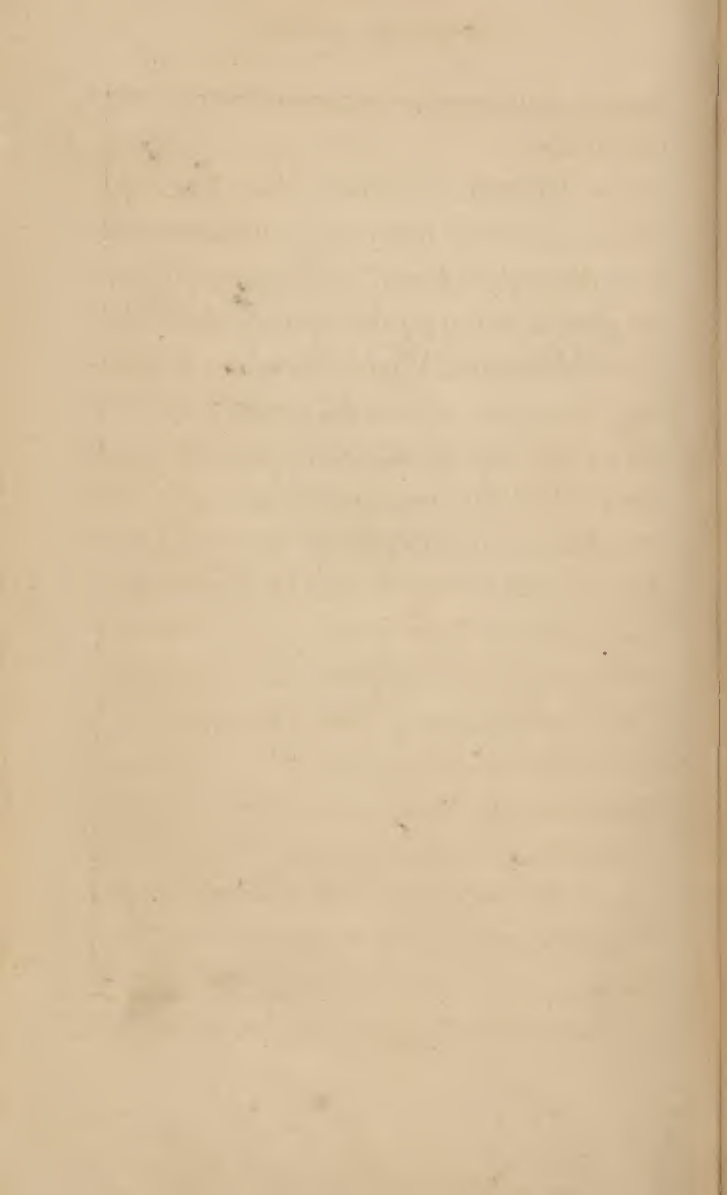
Fernão Silvestre dirigiu-se então a passo cheio ao sobrinho.

— Que é isso, Luiz Vasques? — gritou em voz forte e abanando-o rijamente pelo hombro — que é isso, filho de Vasco Mendes? Nunca na minha familia ninguem succumbiu d'essa fórma. Volta a ti, morgado de Encourados; olha que te estão vendo e podem dizer que és indigno de representar o nome illustre de nossos avós.

Luiz Vasques nem o ouvia. A dôr desalentára-o de fórma, que o obrigára a sentar-se n'uma cadeira, e ahi o rosto descahiu-lhe para sobre o peito, e as lá-



Que é isso Luiz Vasques?



grimas começaram a correr-lhe pelas faces abaixo.

— Morreu o último dos Encourados . . . morreu, morreu ! — bradou então com desespero Fernão Silvestre, erguendo para o alto o punho cerrado e convulso — Morreste, Vasco Mendes, e contigo feneceu a glória da nossa raça. Feliz tu que não ficaste para assistir a esta vergonha ! Some-te bem fundo pela terra abaixo, irmão ; bem fundo . . . bem fundo ; que te não chegue lá alguma d'estas lagrimas que deshonram a tua memoria e o nome glorioso da nossa familia. Tu a chorares, Luiz Vasques ! . . . tu a pranteares como mulher ! . . . Nunca os senhores de Encourados choraram afrontas . . . vingaram-nas.

E dizendo, impelliu o sobrinho pelo hombro, em que tinha poisado a mão direita.

Luiz Vasques ergueu-se de súbito,

com os olhos chammejantes e com os punhos cerrados em convulsão.

— Sr. Fernão Silvestre... sr. Fernão Silvestre!... — bradou em voz terrível, dando dois passos para o velho cavalleiro.

Este mediu-o de alto abaixo com desprezo e com ironia. João Peres metteuse immediatamente entre os dois.

— Vasco Mendes merecia mais nobres funeraes — disse por fim Fernão Silvestre. — A morte de um bravo não se solemnisa com lagrimas. Um morgado de Encourados não chora, Luiz Vasques. Resistimos dois dias, — bradou de repente, batendo de rijo com o pé no chão — dois dias, sem que em nós aquelles villoens conhecessem fraqueza. Ao cabo, conseguiram deitar fogo ao paço. Ao ver as chammas cruzarem-se em todas as direcções, corri para onde estava meu irmão. Os tectos começavam já a tombar,

e os vigamentos incendiados derribavam, ao espedaçarem-se, pannos inteiros das velhas muralhas.

«—Vasco,—bradei-lhe eu—é necessario retirar. A casa arde por todos os quatro cantos.

«—Não—replicou-me serenamente. —O meu logar é aqui.

«—Irmão,—volvi-lhe—a defesa é por mais tempo impossivel.—Retirar não é fugir. Deixarmo-nos aqui matar como feras dentro de covil afumado, é morte sem vingança, é morte de villão.

«—Luiz Vasques nos vingará—respondeu elle. —Foge tu, Fernão. Eu não, mil vezes não. O morgado de Encourados deve morrer debaixo das ruínas do solar de seus paes.

«—Assim, bem hajas tu, nobre chefe da nossa raça—bradei então.

E deitei-me aos pés d'elle, e beijei-lh'os. Aquelle homem tinha a alma de

um heroe, era um verdadeiro senhor de Encourados.

— Ao cahir da noite — continuou Fernão Silvestre, depois de brevissima pausa — restava-nos só a escadaria do palacio, onde nos defendiamos, eu e teu pai e meia duzia dos nossos valentes criados, contra todo o poder da canalha e dos soldados da Legião, que tinham invadido o pátio, depois do fogo ter consumido o portão. Estávamos cercados de chammas por todos os lados; d'aqui tombava, de espaço a espaço, uma viga incendiada, d'alli resvalava um canto da muralha a chispar fogo, que, ao baquear em cima do immenso brazido, erguia polvoreda scintillante, que affogueava de repente a fumaceira que nos envolvia. A' luz de um d'estes enormes fogachos vi cahir teu grande pai. Batera-lhe uma bala no coração; ao cahir, um canto da muralha esmagou-o. Assim morreu o mais nobre

e o mais valente de todos os senhores de Encourados.

Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antigo e no moderno!

Assim dizendo, Fernão Silvestre parou um momento. Depois, fitando a vista luzente no sobrinho, que o escutava com os dentes cerrados e a cólera e a vingança a fusilarem-lhe pelos olhos fóra, continuou!

— Ao ver cahir Vasco Mendes, arremessei-me cego de furor sobre os assaltantes. Não sei como foi aquillo. A' meia noite que se seguiu a essa tarde fatal, eu vi, de cima da planura do Ayró, a casa de meus pais a luzir, no meio das trevas, como a cratéra de um volcão. Vasco... o meu Vasco ardia ali tambem! Digna pyra do cadaver de um grande homem! Que as tuas lágrimas a não apaguem, Luiz; que a raça dos valentes não termi-

ne n'um covarde affeminado; que a grande alma de teu pai se não envergonhe...

N'isto a porta abriu-se de repente, e D. Luiza entrou allucinada para dentro da sala. O rosto da pobre senhora mostrava bem ao vivo os estragos da terrível molestia que a estava minando. Morria de agonia moral, morria de saudades, morria da tortura da anciedade:

— O meu Vasco... onde está o meu Vasco? bradou ella, correndo para Fernão Silvestre.

— Morreu, — respondeu rudemente o velho cavalleiro — morreu como devia morrer o chefe de uma raça de heroes. Glorie-se da morte de seu marido, cunhada; repita diante de todos com orgulho que é viuva de Vasco Mendes de Encourados.

Ao ouvir estas palavras, D. Luiza juntou as mãos com desespero, e deu dous passos atraz, fitando com olhar es-

pantado o cunhado. Assim esteve um momento; ao cabo d'elle soltou um grito dilacerante, e cahiu.

Camilla respondeu áquelle grito com um brado de angústia e de pavor. Quando Luiz Vasques tomou a mãe entre os braços, já a pobre menina estava desmaiada ao lado d'ella.

D. Luiza estava morta. A rudeza das palavras do velho cavalleiro tinha sido buídisimo punhal, que fôra direito ao coração da esposa querida do irmão, que elle tanto admirava.

.....

.....

Na manhã do segundo dia da chegada de Fernão Silvestre — 27 de março — Luiz Vasques foi ajoelhar ao lado do leito, em que elle jazia, com a cabeça aberta por uma cutilada, o corpo esburacado por bayonetadas e o braço esquerdo atravessado por uma bala.

— Meu tio, abençoe-me ; — disse Luiz Vasques — vou partir para o Porto.

O velho cavalleiro levantou-se de um salto para cima. O rosto irradiava-lhe todo o prazer que lhe causavam aquellas palavras.

— Vai, sobrinho, e que Deus te abençoe — respondeu, poisando-lhe a mão sobre a cabeça. — Lembra-te que és filho de Vasco Mendes, e se a morte se apresentar diante de ti, recorda-te d'aquelle grande homem, e morrerás como heroe.

A estas palavras callou-se, mas não lhe soltou a mão que tinha tomado, e fitou n'elle os olhos luzentes de enthusiasmo. Assim o teve fito alguns segundos; por fim rompeu de novo :

— Luiz Vasques grava na memoria as palavras que vou dizer-te. Foram inspiradas pelo amor da glória e pelo mais acrisolado patriotismo ao maior e ao mais nobre de todos os poetas do mundo :

Aquelles sós direi que aventuraram
Por seu Deus, por seu rei a amada vida,
Onde, perdendo-a, em fama a dilataram
Tão bem de suas obras merecida.

Sobrinho, aquellos que se sacrificam pela glória e pela honra do seu nome, esses não morrem; porque a fama que apoz elles fica do feito, na memoria dos homens lhes dilata a vida por espaço de annos tão longo, tão longo, que as naçoens morrem séculos e séculos primeiro do que elles. Cahiu o império grego, mas o nome de Alexandre vive ainda; cahiu Roma, mas Scipião e Julio Cesar ainda existem, apesar dos muitos séculos que já passaram depois que o império romano desabou. Cahirá Portugal, deixará de ser nação, porque as naçoens morrem como morrem os homens, mas o nome do condestavel, o de Vasco da Gama, o de Affonso de Albuquerque e outros,

Por quem no stygio lago jura a fama
De mais não celebrar nenhum de Roma,

não morrerão, porque n'elles não tem poder a morte, porque viverão perpétua-mente na recordação dos grandes feitos, que inspiraram os cantos immortaes de Camoens. Luiz Vasques, parte, vae conquistar a glória que deves ao teu próprio brio e ao nome illustre, de que és hoje representante. Entre a morte gloriosa e a vida infame ou mesmo obscura, prefere a morte, porque por meio d'ella—sublime contradicção!—conseguirás viver eternamente na memória do universo. Adeus, sobrinho.

Ao dizer estas palavras chegou-lhe aos lábios a mão, que elle beijou. N'isto entrou para dentro do quarto o sargento-mór de Villar. Vinha de espora no pé e com a espada de Belver á cinta.

—Venho dizer-te adeus, compadre
—disse, aproximando-se de Fernão Sil-

vestre. Se eu tivesse no corpo os buracos que tens no teu, ficava, entendes? Assim, vou, e tenho dito. Não hei-de ficar aqui a envergonhar as barbas dos valentes de Belver e de Puig-Cerdá, que me deviam dar com um gato morto na cara, entendes? se, sã e escorreito como estou, me deixasse ficar aqui, á lareira, a ver os touros de palanque.

—E Camilla?—disse Fernão Silvestre, fitando-o com intenção.

O sargento-mór deu um pulo.

—Camilla... — balbuciou pondo-se a esfregar na testa — Aqui não ha perigo, com seiscentos diabos! entendes? E ademais ali ficas tu, que és padrinho d'ella, e tens tanta obrigação, como eu, de a defenderes. Além d'isso, entendes? tu precisas de quem trate de ti... Sim, e isto não póde durar muito. Os francezes retiram de certo, entendes? Vai com isto que te digo... E... e... Com um mi-

lheiro de diabos! eu vou para o Porto, e tenho dito.

—Vai, vai, João — disse gravemente Fernão Silvestre.— Bem hajás tu que não deixas envergonhar as tradiçõens gloriosas da guerra passada. Deus fadoute feliz, compadre; o teu destino é bem outro que o meu. Vai, vai; que o perro de mim não tem remédio senão ficar aqui á espera que Deus o mate, como velha rabujenta, na cama. Parte sem cuidado; eu velarei por Camilla, visto que já para nada mais presto que para guardar mulheres.

—Homem, por Deus! Pois ainda agora chegas da guerra, e já bradas! Isso é tentar a Deus, entendes? é querer atracar o céu com as pernas.

Fernão Silvestre sorriu-se.

—Vão os annos descendo e já do estio

—disse, abanando pausadamente a cabeça—

Ha pouco que passar até o outomno
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno somno—

Interrompeu-se então de repente, puxou João Peres para si, e disse-lhe a meia voz, apertando-lhe a mão.

—Toma-me conta em Luiz.

—Como se fôra meu filho, entendes?

—replicou o sargento-mór no mesmo tom e correspondendo ao aperto da mão do amigo.

D'ahi a um quarto de hora, João Peres de Villalobos e Luiz Vasques encaminhavam-se para o portão do palacio, onde os esperavam dois cavallos. João Peres espalhafatava meio engasgado, para atalhar ás lágrimas de Camilla, que caminhava abraçada a elle a chorar e soluçando. O bom do sargento-mór queria

desvairar-se e ensurdecer-se para lhe não ver o choro nem ouvir os gemidos. Ao chegar ao patamar da vasta escadaria, pararam. João Peres redobrou os espalhafatos. Era aqui onde havia de dizer a última despedida á filha, lance difficillimo que não sabia como havia de commetter. Luiz Vasques tirou-o d'estes apertos. Chegou-se a Camilla, tomou-lhe uma das mãos nas suas, e disse-lhe em voz maviosa, mas firme:

— Adeus, Camilla, coragem. Havemos de voltar em breve. Tu ficas para, entretanto que eu não chego, cobrires de saudades e de flores o túmulo de nossa mãe.

Este *nossa* foi pronunciado de maneira que o sargento-mór deu um pulo e callou-se, fitando o moço com o mais profundo affecto. Camilla, no primeiro impulso do sentimento suavissimo, que aquella palavra lhe fizera vibrar na alma,

soltou-se do pai, e lançou-se nos braços de Luiz. Este, sem attender á presença de João Peres, apertou-a com fogo contra o coração, e cobriu-lhe de beijos as faces.

Os olhos do rude sargento-mór de Villar arrazaram-se de lágrimas de felicidade. Levantou os braços, poisou as mãos sobre as cabeças da filha e de Luiz, e ergueu fervorosamente os olhos para o céu.

—Deus vos abençoe... Deus vos abençoe... Deus vos abençoe—tarta-mudeou elle.

Depois, revirando-se por um d'aquelles impulsos rapidos que lhe eram tão próprios, bradou, batendo com o pé no chão:

—Então, com mil diabos! Que estás tu a choramingar, rapariga? De que tens medo? Eu vou com elle, entendes?

E, interrompendo-se rápidamentee,

tomou a filha nos braços, apertou-a com fogo contra o peito, e cobriu-a de beijos soffregos e apressados.

— Adeus, Camilla, adeus, filha, até breve — disse por fim: e partiu de esfuçada pela escada abaixo.

Luiz Vasques levou então a mão da pobre menina aos lábios, e depois cobriu-a a ella com um olhar indizível de amor e de saudade, e seguiu apoz de João Peres.

Alguns minutos depois iam já caminho do Porto.

O dia tinha amanhecido torvado e chuvoso. As nuvens galopavam no espaço, arrastadas por um rijo vento sudoeste, que, nos intervallos de furacão a furacão, era substituído por lufadas de chuva miuda e frigidissima. Era um verdadeiro dia de chuva invernosa, igual a tantos d'aquelles que na actualidade nos fazem o favor de nos pôr em duvida

ácerca da realidade das primaveras de Theócritos e de Rodrigues Lobo.

Quando chegaram a Grijó, era pouco mais ou menos meio dia. O mau tempo tinha desfechado em temporal desfeito. O sudoeste campeava em plena fúria, a chuva era a cántaros, e de quando em quando grossas saraivadas, puxadas rijamente pelo tufão, açoitavam com força tudo o que alcançavam a descoberto.

João Peres e Luiz Vasques, apesar dos fartos capotes de cabeçoens, com que se cobriam, já sentiam agua na pelle. Para maior regalo, os capotes, enfiados de chuva, pesavam arrobas. Apesar d'isso não descavalgaram em Grijó, contentando-se com pôr-se ao abrigo do alpendre da estalagem, entretanto que o curador dava uma sopa aos cavallos.

Um quarto de hora depois estavam outra vez a caminho. Quanto mais se adiantavam pela estrada fóra, tanto mais

distinctamente sentiam o troar da artilheria no Porto. Isto fazia-os picar furiosamente de esporas, porque acreditavam que se estava repellindo, sem elles estarem presentes, um assalto em fórma sobre as linhas.

Eram tres horas da tarde quando chegaram á antiga ponte de barcas. Enfiaram immediatamente por ella, mas, ao meio, tiveram de parar em razão do muito povo que ahi estava agglomerado, e que escutava em silencio um homem, que, debruçado sobre as guardas da ponte, vociferava em tom lúgubre voltado para o rio, e sem attender á chuva e ao granizo que lhe verberava as faces.

Este homem era *De profundis* — em mangas de camisa, de cabeça descoberta e pés descalços, e com o rosto illuminado pelo brilho da allucinação, declamando em alta voz e funebremente, e acompanhando a declamação com largas

benções, que lançava para todos os lados do rio.

— Infâmia! Traição! — bradava elle de todo dementado — Foi ali... ali... ali. O barco leva o menino pelo rio abaixo. As águas vão turvas e inchadas. Elle lá vai... elle lá vai... elle lá vai... Leva o menino nos braços e a barregã ao lado. Volta-se o barco... acudam-lhe... acudam-lhe... á creancinha... Traidor! traidor! *De profundis clamavi... Requiem eternum...*

Estas palavras, que o doido proferia com os olhos espantados e turvos fitos no rio, eram acompanhadas por gestos e movimentos, que condiziam com a recordação, que as inspirava. Os lábios tremiam-lhe convulsos, os cabellos desempastavam-se da chuva e erguiam-se-lhe sobre a fronte, e a frase truncada saltava-lhe dos lábios em tom secco e

vibrante, e como expellida de dentro do bojo de um sino a tocar a defunto.

—Rio de maldição,—continuou depois de um segundo de silencio—as tuas aguas excommungadas servem os anjos e poupam os demonios. Sahe elle a nado... sahe a barregã... e a creancinha... a creancinha... a creancinha... *De profundis clamavi...*

Aqui soltou um grito terrível, tomou aspecto sobrenatural, benzeu gravemente o rio para todos os lados, e por fim bradou em voz atroadora e fúnebremente medonha:

—A'guas que correis, peixes que nadaes, areias que as soffreis, sôde malditas para todo o sempre já mais. *Requiem eternum... requiem eternum...* Rio maldito, que nas tuas águas corram os cadáveres tantos, tantos como as areias do mar; que por onde passem empestem os corpos e percam as almas; que nem aos

excommungados matem a sede. *De profundis clamavi...* Sê a sepultura do infame... *Requiem eternum... requiem eternum...*

De profundis parou novamente. A população escutava-o silenciosa e atterrada, como o povo de Ninive escutou em outro tempo a lacónica mas terrível profecia de Jonas. Não entendia o verdadeiro sentido d'aquellas imprecações, mas affigurava-se-lhe entendel-o em razão do perigo, que ameaçava a cidade, e dos medonhos e fúnebres esgares e entoação da voz do declamador.

Luiz Vasques não deixou continuar aquella scena por mais tempo. Aproximou o cavallo, e puxou pelo braço do idiota. Este voltou-se, e fitou-o com olhar torvo e esgazeado. A multidão recuou espantada e medrosa das terríveis consequencias, que imaginou deverem seguir-se áquelle atrevimento.

Mas o idiota reconheceu Luiz Vasques e o sargento. Desafferrou-se da ponte, e, transmudando-se rápidamente, fitou todo sorrisos os seus dois amigos.

— O Trinta e tres está na Prelada, e os herejes estão-lhe a fazer fogo. Tu queres ir tambem para lá, não é assim, Luiz Vasques? Vai lá mortandade que farte... *De profundis clamavi...* E não ha coveiro... coveiro para tantos mortos... *Requiem eternum...* *De profundis...* *de profundis...* *de profundis...*

— Vem servir-nos de guia, Francisco—disse Luiz Vasques, que desejava tiral-o d'ali.

De profundis poz-se, sem dar palavra, adiante dos cavalloos. A multidão abriu aos lados, desviando-se apressada d'aquelle homem de figura funerária, que a seu parecer tantos males predestinára sobre as águas do rio, que, poucos dias antes, tinha sido sepultura dos ca-

dáveres das victimas da temerosa anarchia, que nos dias 21 e 22 de março infernou medonhamente o Porto.

O sargento e Luiz Vasques, guiados pelo idiota, atravessaram a cidade até chegarem á bateria de S. Barnabé, que era uma das duas baterias que se tinham levantado na Prelada. Atravessaram portanto pelo coração da cidade, e tiveram occasião de observar o estado dos ânimos no aperto, por que estavam passando. As lojas estavam geralmente fechadas, e as portas das casas estavam egualmente meio cerradas. A população corria em todas as direcções animada pelo enthusiasmo que domina e allucina os ignorantes, que não comprehendem a grandeza dos perigos, com que se acham de frente, e declamam contra elles e os ameaçam com fanfarrice ridícula. Em toda a parte se viam homens armados, correndo aqui e acolá, pavoneando-se

no cego desprêso, com que mediam o lance arriscado em que estavam, e confiados nos meios de defeza, que a ignorancia lhes assegurava invencíveis. Pelas portas via-se porém muita outra gente da mais sisuda e da mais illustrada, que, sem se demorarem muito, com receio dos dictérios e dos insultos da plebe, ainda assim trocavam a meia voz algumas palavras, e olhavam-se de fôrma que bem demonstravam o quanto duvidavam do bom exito da empreza, em que o povo tão cegamente confiava. A' agitação natural d'estes quadros, juntava-se o rebate continuado dos centenares de sinos das muitas egrejas e mosteiros do Porto, o troar incessante da artilheria ao longo de toda a extensa linha de defeza, e o zumbido que sobe ao de cima das grandes populaçoens violentamente concitadas.

Ao chegarem á bateria de S. Barna-

bé, os dois amigos, que já tinham largado os cavallos n'uma das estalagens por onde passaram, encontraram o Trinta e tres, sentado sobre o fraco e baixo para-peito da bateria, a olhar impassivel e friamente para o longe.

Era perto das cinco horas da tarde. Mal os avistou, o Trinta e tres veio ter com elles.

—Fel-a bonita—disse a meia voz, voltando-se para o sargento-mór.—Que vem vocemecê cá fazer? Isto está acabado. Não ha generaes, não ha artilheria, não ha soldados, não ha nada. E graças a Deus que já temos uma cousa assim a modo de governança; que até sexta-feira o rei era a plebe. Isto não tem geito. Olhem em que elles gastam a pólvora!.. A fazer fogo aos pinheiros...

—Aos pinheiros, homem!—disse o sargento-mór.

—Aos pinheiros, sim senhor—repli-

cou o veterano. — Olhe, os francezes chegaram hontem, e estão acampados acolá, no campo de S. Mamede. A artilheria não lhes chega lá, e estes alarves teimam em estar e dar fogo para o vento. E' para os espantar talvez!.. Elles vos ensinarão, almas de cántaro. Deixem que lhes chegue a artilheria, e verão. Ora olhe, snr. Luizinho, veja se isto não é para fazer raivar um santo. E eu disse isto ha pouco, e disseram-me que era jacobino. Fortes bestas! Sabe que mais, vamos a casa que já são quasi horas de ceia. Isto está por horas, meu capitão.

Assim dizendo, o trinta e tres poz-se a caminho, seguido machinalmente pelos dois, a quem as poucas palavras do veterano, ditas a meia voz e á parte, para não ser ouvido por outros, tinham feito cahir das nuvens.

A casa, onde o veterano estava alojado, era uma bodéga no fim da rua da Ra-

mada Alta, que então principiava a encher-se de casas térreas, arruadas disformemente.

O veterano subiu ao andar de cima, ordenando ao patrão que preparasse ceia sufficiente para elle e para aquelles dous amigos, e satisfazendo-lhe ao mesmo tempo a curiosidade de noticias com duas bravatas mal ageitadas e ditas seccamente ácerca do proximo assalto.

A cada vez mais pardacenta cerração da atmospherá tinha apressado a noite. Quando o taverneiro chegou com a ceia, já foi preciso accender luz. Os tres, sem distincçoens nem ceremónias, sentaram-se á meza, e puzeram-se a comer sem darem palavra uns aos outros. Não era porém o furor gastronómico que lhes atava as linguas. Aquelle silencio, admiravel sobretudo no sargento-mór, era resultado do espanto que lhe causaram as noticias, que ao de leve recebera do seu

antigo camarada. Imaginára o Porto bem defendido e inconquistavel, e o Trinta e tres asseverava-lhe a ridiculez da defeza e dos defensores.

— Mas, homem, por alma de meu pai! — exclamou finalmente — como é isto? Pois é verdade isso que contas? Fal-la, com mil diabos; desembucha, entendes?

O veterano levantou a cabeça, e fitou um momento o sargento-mór.

— Que quer que lhe diga mais? — respondeu então — Está tudo dito. Não ha generaes, não ha soldados, não ha artilleria, e até as fortificaçoens não prestam para um diabo. Crê que n'este estado se possa resistir aos francezes?

— Mas, por alma de meu pai!... exclamou o sargento-mór, deixando cahir o garfo da mão e fitando o veterano com olhos de meio aterrado e de meio espantado.

— E' como lhe digo — voltou o veterano. — As baterias não têm parapeitos, que cubram um homem para mais do que até meio do corpo. Não viu a de S. Barnabé? São todas assim, ou ainda peiores. A artilheria são peças velhas, muitas das quaes já estavam servindo no caes para a amarração dos navios. Olhe o que se ha-de fazer com ellas! De soldados ha meia duzia de praças de linha, alguns da Legião, e os mais paizanada armada de chuços e piques, insubordinada, indisciplinavel, vendo traição em todas as cousas, e querendo governar em tudo. De generaes não fallemos. Ahi estão o Parreiras e o Victoria. Para commandarem um regimento não eram maus de todo; são valentes, não voltariam a cara; mas para commandar em chefe! . . . E demais, diga-me cá, senhor, acredita na possibilidade de um bispo poder ser general? Pois é o que estamos vendo. O comman-

dante em chefe da defeza é o bispo, e está tudo dito. Isto está por horas; se o Soult soubesse o que por cá vai, nem pela artilheria esperava. E' como lhe digo. Verá amanhã ou depois.

O sargento-mór, boqui-aberto e descahido para as costas da cadeira, fitava o veterano, sem proferir palavra. Luiz Vasques tambem tinha os olhos pregados n'elle, mas parecia ir mais e mais mergulhando em intimo pensamento, á medida que o Trinta e tres seguia fallando. Este continuou:

— Sabe que mais, meu capitão, pesame de não ter ido direito para a Villa da Feira. Isto não é para um soldado sofrer. E depois sabe a primeira cousa que vi no dia 22, salvo seja, quando entrei na cidade? Eu lhe digo. Ao atravessar a ponte, senti grande reboição. Apressei o passo, e ao embocar a rua de S. João, apercebi uma grande turba-multa, cor-

rendo e soltando gritos furiosos, que se dirigia para o rio. Ao passarem por mim, vi que levavam arrastando um cadáver já desfigurado, a que puxavam por uma corda, que lhe tinham amarrado aos pés. Perguntei o que era; disseram-me que era o Bandeirinha, que o povo tinha morto, e que ia deitar ao rio. Soube depois, que aquelle homem era o valente tenente-coronel do 6 de infantaria, o bravo João da Cunha, nosso camarada da campanha passada. Tinham-no morto no dia anterior, ahi para o Padrão das Almas, porque resistiu á vontade da canalha, que por isso o alcunhou de jacobino e de traidor. Benzi-me logo de tal gente, e principiei a arrepender-me de ter vindo para o Porto. Mas ainda aqui não ficou o caso. Depois de o deitarem ao rio, aquella plebe desenfreada começou a gritar e vociferar, e desandou a correr para o lado da Relação, atroando os ares com gritos

medonhos. Segui apoz ella. Sabe o que fui encontrar? Repare bem. A' porta da Relação estava uma grande multidão de canalha, uivando e dando morras desentoados e enfurecidos. Quando eu chegava, sahia pela cadeia fóra, empurrado por dous ou tres rotos, um pobre homem em chinellos, com a cabeça descoberta, sem lenço ao pescoço, e abraçado com um crucifixo. Apesar do terror que o desfigurava, reconheci o brigadeiro Luiz de Oliveira da Costa. Não tive tempo para me pasmar, porque mal o avistei, logo o ouvi bradar que o não matassem sem confissão, e vi um frade do Carmo, que vinha feito cabide de armas, lançar-se por entre o povo com uma espada na mão. Apenas vi este frade, logo lhe ouvi dizer — onde está elle? E n'isto lança-se contra o pobre brigadeiro, e enfia-lhe a espada pelo vasio direito. (1) Mal o triste

(1) Vid not. XII.

cahiu, lança-se a canalha sobre elle, e desfal-o a cutiladas e a chuçadas. Mas não ficaram n'isto, senhor. Logo trazem para fóra mais dois e matam-nos. Depois, amarrando-os pelas pernas e arrastando, levaram-n'os até Villa Nova, onde os lançaram do caes da Bica ao rio. Que lhe parecem estes bons soldados, meu capitão? E tudo isto em vésperas do inimigo chegar ás linhas! Fiz logo ideia do que isto valia. Mas ainda aqui não parou a desordem.

O veterano embocou, para reanimar-se, um enorme copo de quartilho, que tinha diante de si, e em seguida continuou:

—Para fazer bem ideia do que isto por cá estava, sempre deve saber que aquelles valentes soldados, depois de terem praticado aquelles grandes feitos, foram d'alli em magote para o paço do bispo, e ahi, onde mora o prelado, gover-

nador e commandante em chefe do Porto, se passearam pavoneando-se e vangloriando-se do feito, e olhando-lhe para as janellas, como quem tinha vontade de fazer o mesmo a quem vivia ali dentro. De tarde prenderam o chanceller, e quizeram-no matar. Escapou por um triz; mas o mesmo não aconteceu a uns poucos de desgraçados, que foram buscar á cadeia, e que assassinaram á porta d'ella, como fizeram ao brigadeiro Oliveira. Estes foram lançados depois ao rio.

—Por alma de meu pai!—bradou o sargento-mór, batendo rija punhada sobre a meza—Que diabo de authoridades são estas que consentem que a canalha lhes cuspa na cara? Pois não havia um cento de soldados para fuzilar esses marotos, entendes? e com mil diabos...

—E calluda, que ainda agora não estamos seguros...

—Por esta que trago á cinta, enten-

des?... —bradou o sargento-mór, levando enfurecido a mão ao punho da espada.

—Vocemecê está muito enganado, snr. João Peres —disse o veterano, atracando-se com a alentada tigella de caldo, que tinha diante de si. — Se visse o que eu vi, dava muitos louvores a Deus por a canalha não ter embirrado comsi-go. Olhe que se um bebado calhasse a olhar fito para si, e lhe cahisse no gotto a sua barba, o seu nariz ou o seu bigode, e lhe desse no bestunto chamar-lhe jacobino, era dar-se por morto. Por me-nos esteve para o ser um pobre diabo que eu vi, que só por dizer do chanceller —*ai coitadinho!* — levou logo um tal cachação que afocinhou, e se não tem a felicidade de ser conhecido de um tal Reteniz, da Legião, que era um dos capatazes dos furiosos, o qual lhe acudiu, era logo ali morto por jacobino. E ainda as-

sim, não se foi muito a seu salvo, que não fosse a escorrer em sangue, com duas chuçadas no corpo.

Os olhos do sargento-mór fuzilavam de raiva concentrada; mas diante d'aquelle argumento concludentissimo João Peres não ousou contradizer o veterano.

—Aquelle dia foi um inferno — continuou o Trinta e tres. — A' tarde foram ao aljube, quizeram matar o chanceller e o abbade de Lobrigos. Sobretudo por quem mais berravam, era pelo Pentieiro; e contra este, a fallar verdade, razão tinha a gentalha. O perro já por duas vezes tinha fugido para os francezes, e de ambas tinha voltado prisioneiro. Por causa da fúria do povo contra elle, estiveram os dois em grande perigo. Mas por fim a guarda fez ahi o seu dever. Carregou a canalha á bayoneta, e fel-a arredar. O bispo tambem abriu os olhos.

Mandou-os carregar pela cavalleria, e fel-os dispersar, apesar dos uivos furiosos que davam. No dia seguinte, imagine o terror que não ia ahi pela cidade. Na rua não se viam senão os assassinos, que passeavam como senhores, e que andavam pelas baterias dando ordens, e dispondo como generaes, como governadores, como tudo. No dia 24 acabou aquella anarchia, porque dizem que o Parreiras foi dizer ao bispo, que lhe désse licença para pôr cobro n'aquella desordem, e, alcançada, mandou prender os cabeças por tropas de linha, e pregou com elles no castello da Foz, onde estão bem guardados. Se não fosse isso, não sei o que seria. Mas olhe que está tudo ainda com muito medo. Todos receiam dar ordens, porque a gentalha ainda rosna. Veja em que estado isto está, meu capitão, e diga lá se tenho razão, quando

digo que isto não resiste meia hora. Verá, verá.

Ao dizer estas palavras, o Trinta e tres estendeu-se por sobre a meza, e chegando para si metade de uma boroa, tirou d'ella um grande naco de miolo, que se poz a esfarelar dentro da tigella, como legitimo minhoto que era.

O sargento-mór ora fitava o veterano, ora Luiz Vasques.

—E então que havemos de fazer?— tartamudeou finalmente.

— Ficar — respondeu serenamente Luiz Vasques. — Seja ou não possivel resistir aos francezes, o nosso dever é combater entretanto que se combater. Depois o tempo dirá...

— Se alguma bala nos não disser antes d'elle, que tivemos pouco juizo em nos virmos arriscar a leval-a aqui, onde nem mesmo se sabe o que é ser militar — interrompeu fleugmáticamente o vete-

rano, continuando a esfarelar com todo o cuidado a boroa.

—N'esse caso—replicou Luiz Vassques sem se alterar—morrerei com a satisfação de ter cumprido o meu dever. Onde ha mais necessidade de homens experimentados, é onde ha menor número d'elles. Onde todos são bons, dois ou tres de menos não fazem falta. Pela minha parte fico.

—Nem eu lhe digo que vou—respondeu o Trinta e tres, carregando o sobrolho.

—E eu não arredo pé d'aqui, entendes?—bradou João Peres, dando largas á zanga que o abafava—Se tens medo, compra um cão, que eu nem pelo diabo envergonho as barbas dos valentes de Belver e de Puig-Cerdá. Tenho dito, e não me digas que não, entendes? Fico, ainda que me leve o diabo. Aqui esperarei a pé firme os francezes, ainda que

venha com elles o excommungado do curso, entendes? Vai com isto: sei o que digo.

O veterano sorriu-se irónicamente, encolheu os hombros, e, depois de remexer a montanha da boroa de mistura com aquella enormidade de couves, poz-se a comer sem dar mais palavra.

D'ahi a pouco sentiram-se os sinos redobrar o furor do rebate, sentiu-se grande vozeria do populacho, e a artilheria, que se callára havia meia hora, recommear a fazer fogo.

Luiz Vasques ia a levantar-se, quando *De profundis* entrou na sala.

—A-dei, homem?— Perguntou o veterano, ainda atracado com os restos da plangana das couves, que devorava com voracidade egual á com que Saturno devorava os filhos.

O idiota tomou de cima da meza um

pedaço de pão, que levou sóffregamente á bocca.

— São os herejes que vieram ás linhas. Ha lá mortos que farte. A artilheiria urra que tem diacho...

E interrompeu-se com a bocca entupida de boroa.

Luiz Vasques e o sargento ergueram-se, e afivelaram á cinta as espadas e as pistolas, que tinham posto de parte.

— Ora vamo-nos lá a ver a comedia — disse tambem o Trinta e tres, tomando a espingarda e partindo apoz elles.

De profundis aproximou-se então da meza. Ergueu as mãos, e poz-se a benzer em todas as direcções, e a entoar um *Requiem* com todos os ricos feitiços do cantochão do ripanço. Depois chegou para si um enorme prato de louça grossa, em que ainda havia alguns salpicoens e um grande naco de presunto cozido, e

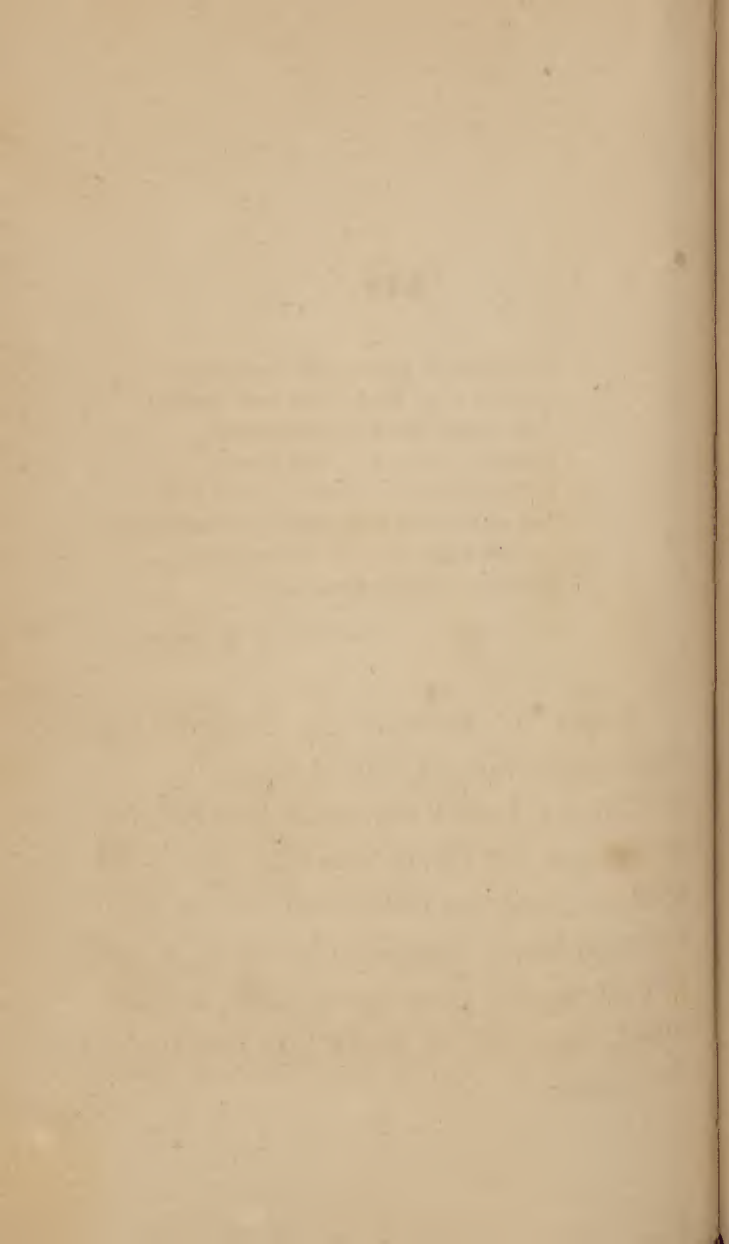
poz-se a comer sóffregamente, deixando fugir de quando em quando dos labios, syllabas e notas avulsas dos seus cantares favoritos.

Quando Luiz Vasques voltou, e com elle os dois do Roussilon, acharam-no a dormir socegradamente, acocorado a um canto da sala.

— Melhor nós estivessemos fazendo o mesmo — disse com mau modo o Trinta e tres, atirando com a espingarda para o lado.

E tinha razão. Toda aquella espantossissima celeuma cifrava-se em terem vindo os francezes fazer negaças á direita da linha, movendo-se em grandes massas, mas fóra do alcance da artilheria. Ao sussurro produzido por aquelles movimentos, os boçaes defensores do Porto responderam, despejando e desperdiçando, por horas a fio, balas razas

e granadas sobre os cerrados e bastos pinheiracs, que imprudentemente tinham deixado de pé em redor de toda a extensão da linha de defeza.



XIV

Os moiros de dentro, que viram crescer
Seu mal e seu damno, sem bem esperar,
Com grande temor de vidas perder,
Deixaram cidade, por vidas salvar,
Fugindo sem tento, com tal pressa dar,
Que ao sahir da porta muitos se matavam:
Os paes pelos filhos se não esperavam,
Mulher por marido podia aguardar!

Cuncioneirio de REZENDE.

Antes de esboçar os desgraçados acontecimentos, a que o sargento-mór de Villar e Luiz Vasques de Encourados assistiram no Porto nos dois dias—28 e 29 de março de 1809—releve-me o leitor uma breve divagação histórica, a que sou obrigado, para que possam devidamente apreciar-se os factos, que tenho de narrar.

Tres dias depois de occupar Braga, isto é, no dia 23 de março, o marechal Soult avançou sobre o Porto. Achando resistencia na passagem do Ave, na Barca da Trofa, dirigiu-se sobre Santo Thyrsó, e ahí o atravessou quasi que sem dar um tiro. No dia 26 o exercito francez avistou as linhas do Porto, e acampou a uma légua d'ellas, sobre as campinas de S. Mamede de Infesta.

A extensa linha de fortificaçoens, que guarneciam o Porto, rodeando-o em fórma de meia lua, estendia-se no comprimento de mais de duas léguas desde Campanhã até á Senhora da Luz, na Foz, aproveitando todas as elevaçoens de terreno, que se encontram n'esse longuissimo semi-circulo. Havia n'elle trinta e cinco baterias, nas quaes e nas seis que defendiam a cidade, do lado do sul, tinham sido montadas duzentas peças de artilheria de calibre 12 a 3 e al-

guns obuzes de 18 a 19. A linha era guarnecida por 20:000 homens — dos quaes 2:000 de tropas regulares, 3:000 milicianos, e 15:000 ordenanças da cidade. As tropas regulares eram — 900 homens de dois batalhoens dos regimentos n.º 6 e 18, que, em resultado das últimas ordens dadas por Bernardim Freire, o brigadeiro Antonio Marcellino da Victória tinha trazido n'um só dia de marcha, de Amarante até o Porto (¹); um batalhão do regimento 21 (de Vianna) commandado pelo tenente-coronel Champalimaud, e os restos da Leal legião lusitana, commandados pelo barão d'Eben. As ordenanças estavam divididas em cinco brigadas, das quaes as quatro primeiras pertenciam ao lado norte da cidade e a quinta a Villa Nova, parte meridional d'ella. D'estas brigadas eram

(1) Vid. «Correio brasileiro» de maio de 1809, pag. 510—524. A carta publicada a pag. 520 é do barão d'Eben.

commandantes — da primeira Sebastião Leme Vieira de Mello, voluntario real e camarista; da segunda Gonçalo Christovão Teixeira Coelho, capitão de cavalleria; da terceira Luiz de Mello Pereira Correia Coelho, alferes da policia; da quarta Barnabé de Oliveira Maia, negociante e coronel aggregado ao regimento de milicias do Porto; e da quinta Francisco de Souza Cirne de Madureira. D'estas cinco brigadas era commandante em chefe Bernardo de Mello Vieira da Silva Menezes, que era o vereador encarregado da capitania-mór das ordenanças do concelho do Porto.

De toda esta máchina bellicosa era general em chefe D. Antonio José de Castro, bispo do Porto e um dos governadores do reino. A's ordens d'este serviam os tres officiaes generaes, que commandavam as tres secçoens, em que se dividia a extensa linha de defeza. A da

direita, que se estendia desde a bateria n.º 1 chamada de S. Cosme, em Campanhã, até á bateria n.º 18, Santo Antonio, no monte do Regado, era commandada pelo brigadeiro Antonio Marcellino da Victória. A secção do centro, onde estava o quartel-general, comprehendia uma só bateria, a n.º 19, S. Francisco, e era commandada pelo próprio bispo general em chefe, e ás ordens d'elle pelo brigadeiro Caetano José Vaz Parreiras, que era governador das armas do partido do Porto, lugar que occupava interinamente desde o dia 30 de janeiro, em que Bernardim Freire o nomeára para elle, por occasião da sua partida para o Minho. A terceira secção da linha, esquerda d'ella, que abrangia desde o Monte Pedral até o mar, isto é, desde a bateria n.º 20, S. Paulo, collocada no alto da Falperra, até á bateria n.º 36, S. Raimundo, adiante da Senhora da Luz, era commandada

pelo brigadeiro Antonio de Lima Barreto.

Estas tres secçoens eram subdivididas em seis divisões ou commandos, de que eram chefes os seguintes officiaes. Da primeira divisão era commandante João da Cunha Araújo Portocarreiro, tenente coronel do regimento n.º 6, e abrangia o espaço que ia desde á bateria n.º 1, S. Cosme, em Campanhã, até á bateria n.º 9, Senhor da Boa Vista, no monte das Antas. Da segunda divisão, que se alongava desde a bateria n.º 10, Santo Ildefonso, na Povia de Cima, até á bateria n.º 18, Santo Antonio, no monte do Regado, era commandante José Brito da Cunha, capitão de cavalleria. A terceira, que se estendia desde a bateria n.º 20, S. Paulo, á Falperra, até á bateria n.º 28, S. Miguel, em Lordello, era commandada pelo ajudante de campo Francisco da Cunha Leite Pereira de Mello. A quarta, que ia desde a bateria n.º 29, S.

José, no Prado da Fábrica, até á 35, S. Raimundo, perto do mar, adiante da Luz, era defendida pelo major Raimundo José Pinheiro. A quinta divisão, a de Villa Nova, que principiava na bateria n.º 36, Santo Antonio, por cima de Valle de Amores, e findava na bateria n.º 41, Serra do Pilar, era commandada pelo coronel D. Antonio de Amorim da Gama Lobo. A sexta divisão, abrangia só a bateria n.º 49, onde estava o quartel-general, e era commandada pelo coronel Antonio de Castro Moraes, ajudante de ordens do bispo; e o quartel-general, que estava abarracado por traz d'esta bateria, era governado por Antonio da Silva Pinto, coronel de infantaria.

As cinco primeiras divisões eram defendidas pelas cinco brigadas de ordenanças, e a sexta pelos corpos de reserva, que eram a tropa de linha (¹).

(1) Vid. not. XIII.

Tal era o apparatus bélico da defeza do Porto. A' primeira vista illude, e parece resistencia capaz para todos os exércitos do mundo. Considerado mais de perto, cahe e desmancha-se toda aquella apparatusa fábrica, deixando a descoberto o miseravel estado a que maus governos nos tinham reduzido, a ponto de se desconhecerem entre nós os mais somenos rudimentos da arte da guerra, e de nos fazerem representar o ridiculo papel de tomar a sério e de ter confiança em meios de defeza, de que se riria o mais boçal soldado de leva francez.

Que differença entre a nossa história dos principios do século XIX, e a dos séculos que decorreram desde os primeiros dias do reinado de Affonso I até á admiravel mas fatal quixotada de Alcácer-Kebir; e mesmo desde Alcácer-Kebir até ao momento em que o marquez de Minas, senhor de Madrid, esteve em

pontos de dispor da coroa de Espanha, burlando d'esta fórma os antojos ambiciosos d'aquelle grande e poderoso pavão, chamado Luiz xiv!

Parece impossivel que assim se transformem os habitos e o carácter de uma nação!

Nascemos n'um campo de batalha. De um só golpe, mas golpe de mão de gigante, Affonso i separou-nos da coroa de Leão, retalhou-nos do grandioso manto de purpura do império de Affonso, o Sábio. Desde então a nossa existencia foi vida ininterrompida de batalhadores; foi vida que prognosticava o que haviamos de ser durante uns poucos de séculos. Mal nascemos, logo nos pareceu estreito o berço, em que tinhamos sido enrolados pelos brados guerreiros do grande homem, que nos havia feito nação. Principiamos, com elle á frente, a embater-nos, desde logo, ora de encontro

ao imperio leonez, que nos delimitava pelo norte, ora de encontro ao senhorio sarraceno, que nos arrostava pelo sul. Por fim faltou-nos de todo o ar, e, no impeto d'aquelle terrível resfolegar, abrimos com mais força os braços, e os homens da raça árabe foram parar para além do estreito. D'ahi até Aljubarrota a nossa actividade bellicosa não nos deixou socegar; ora se contorcia em lutas intestinas, ora salvava a Espanha no Salado, ora se revolia contra a poderosa Castella nas guerras do descuidado Fernando I. Depois de Aljubarrota, veio a paz, e paz que ameaçava dar ao tempo o espaço preciso para enferrujar as armas. Mas o orgulho d'aquella grande victória e o instincto batalhador, retemperado pela diuturnidade d'aquella guerra, em que todos os dias havia batalhas, acrescentaram as necessidades do respirar dos grandes homens d'então. Aquella

época grandiosa, que foi para assim dizer o arrebol do nosso magestoso dia do século xvi, não podia deixar-se adormecer no remanso d'aquella paz, apesar de gloriosamente alcançada. Acachoaava-lhe a actividade no seio, refervia-lhe a vida no coração, e de novo tornou a affigurar-se estreito o terreno para o respirar d'aquelle instincto bellicoso e dominador, oppresso agora pelo indefinido sentimento da approximação do grande seculo. Era preciso portanto alargar a área do nosso senhorio; cumpria dar áquelle espírito soberano o espaço necessario para o seu valente e immenso resfolegar. Pelo lado de terra era impossivel. Cingia-nos uma nação poderosa que acabavamos de vencer, mas com quem tínhamos feito paz havia pouco, e em quem o espirito batalhava com brios e aspiraçoens, que nos eram eguaes.

A nossa irrequieta actividade esbar-

rava de encontro áquelle immenso obstáculo, e d'elle resaltava, como o leão resalta das grades da jaula, de encontro ás quaes se arremessou furioso. Voltamos então os olhos na direcção da fronteira opposta. Ahi estava o mar, e além do mar a Africa e a raça dos antigos conquistadores da Espanha goda. Era appetitoso o convite — a conquista e a desaffronta; os christãos a alastrarem-se por sobre as campinas árabes, o seculo xv a vingar o seculo viii. Não se hesitou um momento na satisfação de tão necessário desejo. Aquella horda de guerreiros, insaciaveis de dominio, lançou-se por sobre o mar, e Ceuta, senhoreada, pagou o antigo crime, sendo agora a primeira a abrir a porta á conquista d' Africa como n'outro tempo o fôra a abril-a á conquista de Espanha. Seguiu-se a debellação do littoral africano, de que nos tornamos progressivamente senhores; seguiu-se a

dominação da India, e a ella a descoberta da América. Por fim seguiu-se Alcácer-Kebir. Aquelle grande espírito bellicoso, aquella actividade gigantesca havia-se desgastado no turbilhão, que a revolução de encontro a oitenta annos ininterrompidos de glórias e de poderio. Alcácer acabou de reduzir os gigantes ás proporções dos homens vulgares. Morremos alli, mas ainda morremos como cavalleiros, e, o que mais é, desgraçadamente como cavalleiros andantes. Aquillo não foi uma batalha, foi um torneio e um torneio sanguinolento, em que cada portuguez justou em luta individual com muitos africanos. Uma batalha não é assim. Uma batalha é uma luta só, é a luta de massas contra massas; e aquillo foi um complexo de milhares de lutas, de milhares de combates individuaes. Alcácer não foi mais do que isto. Ali não se bateu Portugal, bateram-se os portuguezes.

Apoz Alcácer vieram os sessenta annos da dominação hespanhola. Mas apesar d'ella e apesar de Alcácer, o antigo espírito bellicoso não se mostrou apagado em nós. Fallam por esta verdade as guerras da Flandres, e falla sobretudo 1640 e os vinte e oito annos da luta da independencia; e falla ainda, e muito altamente, a memoria da campanha de 1706, por occasião da guerra da successão, em que o marquez de Minas, affugentando de Broças o célebre marechal de Berwick, occupou Madrid com o exército portuguez que commandava, e sentado no throno dos reis catholicos, poz na cabeça de Carlos d'Austria a coroa de Espanha, e, em nome do monarca que coroára, cunhou moeda e exerceu outros actos de soberania.

Depois d'aquelle dia os gigantes, já então simples homens vulgares, torna-

ram-se anoens. E que anoens, Santo Deus!

Ao rei de Mafra succedeu-se o rei do torno e ao rei do torno succedeu... a senhora D. Maria I. D. José tivera o bom senso de deixar governar o marquez de Pombal. Bom senso lhe chamo, mas não sei bem se lhe devera chamar preguiça. O que é certo é que o deixou governar; e, sacudidos pelo governo d'aquelle homem de ferro, ainda os anoens tiveram espiritos bastantes para se mostrarem descendentes dos gigantes dos grandes séculos anteriores. Depois veio a senhora D. Maria I. Esta deixou-se governar pelos frades e por uma aristocracia, a quem o marquez de Pombal desalentára os antigos brios, e que era ignorante por isso mesmo que elle ordenára que Portugal fosse instruido. Aquillo é que foi um modêlo de governos bernardos! A primeira cousa que se fez, foi destruir

tudo o que o marquez tinha feito de util e de magestoso. A's grandes questões económicas substituíram-se as questiúnculas e nugarias fradesças; á altivez e sobranceria da dignidade, que callou Chatam, substituiu-se a fanfarrice humildosa, com que se comprou a nossa neutralidade nas questões, com que a França principiava a agitar a Europa; n'uma palavra, aos acertos substituiu-se o destempêro, ao drama viril substituiu-se a farça de cordel. Choviam leis, choviam medidas administrativas, a que Sebastião José de Carvalho respondia com gargalhadas de dentro do caixão de chumbo, em que estava mettido em Pombal. Em poucos annos ficou tudo um cáhos de bernardices. Não tínhamos commercio, não tínhamos agricultura, não tínhamos instrucção pública, não tínhamos exercito, n'uma palavra não tínhamos cousa alguma séria, porque o governo não era

governo, era uma farçada ridícula de governo, uma cousa que fingia ser governo. E o mais é que estavam muito contentes de si, porque tinham passado por cima do marquez de Pombal, vingando assim as ferocidades do caes de Belem e do forte da Junqueira com a desgraça da nação. Forte gente! Valentes cabeças, por Deus!

Tal era o estado de Portugal, quando os francezes o invadiram pela primeira vez. Os descendentes dos antigos conquistadores eram então uma população, dominada por supersticoens fanáticas, dotada de supina ignorancia, e entretida pela fanfarrice vangloriosa que se pavoneia na convicção de sonhadas grandezas, e se reputa superior a tudo o que está fóra d'ella, e que ella nem mesmo conhece pela rama. Dos antigos gigantes da história restava-lhes apenas o sangue, abastardado sim, mas ainda o san-

gue. Restava-lhes pois o valor e a aptidão para as grandes empresas, porém mais nada. De soldados haviam-se tornado ordenanças; de batalhadores tinham-se mudado em população berradora e rica de abafas ridículas. Mas havia n'elles o principal elemento dos grandes feitos; o que lhes faltava era governo que o soubesse aproveitar. O governo era porém ridículo; a nação havia por consequencia de ser ridícula tambem.

Junot entrou em Lisboa ás nove horas da manhã do dia 30 de novembro de 1807. Na tarde do dia anterior tinha-se feito á vela para o Brazil a esquadra, que conduzia o principe regente com a rainha idiota. Em lugar de armar a nação para disputar pollegada a pollegada o terreno aos invasores, e se fosse vencido, morrer sobre os últimos sete palmos de terra que lhe restassem, o rei fugia!.. Tinha passado a época, em que os reis

vencidos podiam dizer—*perdeu-se tudo menos a honra*. Agora perdia-se a honra e tudo. E fugia para dar, diziam elles, prova cabal de patriotismo e de paternal sollicitude pela nação! Valente prova na verdade! Como se a dynastia fosse a nação, como se Portugal morresse com a morte honrada do seu rei! Fugia, mas era por interesse próprio; fugia, mas era porque os governos d'essa época não sabiam governar, não sabiam aproveitar o grande elemento de resistencia que havia no sangue do povo, e preferiam fugir a armar a nação, e a vencer ou a morrer com ella. Fugia, mas era porque não tinham sabido crear generaes, nem exércitos que defendessem o reino, e recciam, por isso, que o rei fosse parar a Valenciennes, como tinham ido Carlos e Fernando de Espanha. Esta é que é a verdade sem disfarce e sem farçadas.

O caso é que o rei fugiu. E apoz elle

entrou Junot, e em seguida o nosso pequeno e indisciplinado exército marchou para França, e, depois de disciplinado e instruído, mostrou, ás ordens do primeiro capitão d'este século, que a gente portugueza, guardadas as devidas proporções entre os acontecimentos, não havia degenerado do sangue dos velhos conquistadores da Africa, da India e da América. E Junot ficou-se senhor de Lisboa, apesar do rancor que concitava as massas; e, para lançar Junot para fóra de Portugal, foi preciso que cá viesse sir Arthur Wellesley e os inglezes. E ainda assim sahio pela capitulação de Cintra, vergonha indelevel para a Inglaterra, contra a qual o unico portuguez que protestou foi o desgraçado Bernardim Freire de Andrada. Os inglezes não perdoaram esta affronta, e vingaram-se com o assassinato de Braga. Da vingança foi agente o barão d'Eben; e os meios

de que para ella se serviu, foram a ignorancia e estupidez, a que os maus governos tinham reduzido os portuguezes de então.

Depois de expulso Junot, tornou-se a installar o Supremo conselho da regencia, nomeado pelo príncipe regente, no dia 26 de novembro de 1807, véspera de embarcar a bórdo da esquadra que o devia conduzir ao Brazil, e que effectivamente se fez á vela no dia 30. Por amigos do governo francez sahiram com Junot para França dois dos regentes nomeados por aquelle decreto, os quaes foram Pedro de Mello Breyner e o Principal Castro. Para os substituir, foram nomeados o bispo do Porto D. Antonio José de Castro e o marquez das Minas. Além d'elles eram membros da regencia o marquez monteiro-mór, e os tenentes-generaes D. Francisco Xavier de Noronha e Francisco da Cunha e Menezes.

Eram ministros, com voto cada um em matérias da sua repartição — do reino e fazenda o desembargador do paço e procurador da coroa João Antonio Salter de Mendonça; da marinha e guerra o marechal de campo D. Miguel Pereira Forjaz, conde da Feira; e dos negocios estrangeiros Cypriano Ribeiro Freire.

Estes foram os homens, que, com o titulo de Supremo conselho da regencia, tomaram conta da governação publica, logo depois que o exército de Junot deixou Portugal. Que medidas pensa o leitor que lhes foram inspiradas pela experiencia do passado e pela facillima previsão de um futuro muito próximo?

Que a facilidade da invasão de Junot fôra resultado do desmantelamento, em que os nossos fátuos e néscios governos passados tinham a nação, era cousa que ninguem ousava duvidar. Que a occupação de Portugal entrava por tudo nos

planos da guerra de extermínio, que Napoleão queria fazer á Inglaterra, era, para os espíritos menos claros, deducção palpabilíssima do facto de ser o nosso paiz a única porta, que a Inglaterra tinha aberta no continente para entrar e oppor-se com os seus exércitos á realisação do tão decantado systema continental. D'aqui seguia-se logicamente a previsão de que, em quanto Napoleão podésse, á de Junot seguir-se-ia nova invasão e a esta outra e outra, quantas emfim fossem precisas para realisar a necessaria occupação. Em vista d'estas verdades incontrariaveis todo o governo sensato, todo o governo que soubesse governar, o que faria era prevenir-se para a guerra futura, afortalezar praças, procurar generaes e disciplinar exércitos. Era n'uma palavra pôr o paiz em estado de defeza, em estado de poder resistir com vantagem ou ao menos com partido igual

a toda e qualquer tentativa de invasão.

Pois, senhores, o que fez aquelle bem-aventurado Supremo conselho da regencia, durante os sete mezes — sete mezes, note-se bem — que intermediaram entre a convenção de Cintra e a invasão de Soult, foi decretar pragmáticas e babozeiras de arrogancia monárchica, em tudo e por tudo transumpto fiel do procedimento do governo, que dirigiu Portugal durante aquelles longos annos de beatifico ócio fradesco do reinado da senhora D. Maria I. E adormecido n'esta túmida e cômmoda inércia assim viveu aquelles sete mezes, embalado nas vaidades de fazer de rei; e só despertou ao grito de agonia soltado pela independencia ibérica, quando, a 16 de janeiro, Soult esmagou na batalha da Corunha o exercito inglez commandado pelo bravo e heroico sir John Moore. Despertou, e o que fez foi dar ordem ao general Bernar-

dim Freire de Andrada de tomar o commando em chefe da defeza do Minho, para onde Soult marchava rápidamente. E com isto ficou-se, e de novo poz-se a dormir, arrolado pelas fátuas vaidades tão queridas da sua parvoíce.

Forte medida por certo! Mandar a um general que fosse defender um extenso territorio, ameaçado por um exercito inimigo, e não lhe dar soldados, nem municoens, nem os mais somenos recursos próprios para fazer a guerra, era cousa que só podia entrar na cabeça do Supremo conselho da regencia de Portugal, que, nas suas manias de rei absoluto, acreditava que bastava mandar para poder.

Bernardim Freire era homem de idade vigorosa, e era dotado de rara coragem e de rarissima actividade, e sobretudo não se desalentava com difficuldades. Na escolha foram os regentes feli-

císsimos. Se a cousa fosse possível, tinha-se feito.

Bernardim Freire partiu para o Minho, e sem soldados, sem artilheria e só com a população armada e indisciplinavel obrigou Soult a perder as esperanças de atravessar o rio e a emprender a entrada por Traz dos montes. O resto já o leitor o sabe. Freire foi morto em Braga, victima das intrigas dos inglezes e da estúpida ignorancia da plebe. Mata-ram n'elle o mais illustrado general, que tinhamos então, um portuguez de lei, um soldado valente como os que o são.

Desde que Soult ameaçára o Minho, a governança do Porto pedira ao governo do reino, que lhe mandasse armas, muniçoens e soldados, que guarnecessem a cidade. Das linhas de fortificação incumbiu-se ella. O governo disse muito inchado que sim, mas nem mandou soldados, nem armas, nem muniçoens. De

dois hiates carregados de armas ferrugentas e incapazes de servir, que de Lisboa foram mandadas para o Porto, um naufragou ahí na costa do sul e o outro tornou a entrar arribado no Tejo. De soldados prometteu elle muito; prometteu mandar recolher ao Porto o exército, que estava na Guarda, prometteu que viria ahí uma legião de inglezes, e para commandar tudo isto o general Miranda. Não appareceu porém cá um só homem; e as linhas foram feitas com tanta ignorancia, que os parapeitos eram muito baixos, (1) e ainda assim os da direita da linha foram acabados pelo brigadeiro Victória no dia 27, isto é, horas antes de Soult se assenhorrar do Porto.

Aquelle apparatus bellicos-o reduzia-se pois a isto: — ás linhas nas condiçoens em que acabo de dizer, e guarnecidas por 200 peças de artilheria, das quaes

(1) Vid. not. XIV.

apenas quinze ou vinte estariam em estado de fazer fogo, porque o resto eram peças de navios, já em tal estado de deterioração que nem as proprias embarcações mercantes se serviam d'ellas para mais do que para as utilisarem como pontos de apoio das amarraçoens. Estas linhas e esta artilheria eram defendidas por 2:000 soldados de linha mal disciplinados; 15:000 homens das ordenanças, dos quaes apenas 700 é que tinham armas de fogo de toda a qualidade, e o resto estava armado de chuços ou piques; e por 3:000 milicianos, metade com armas e metade sem ellas, e ainda menos exercitados do que as próprias ordenanças, que eram já de si o refugio da mais estúpida e ignorante guerrilhagem do mundo.

Dos officiaes, que commandavam as subdivisoens da linha, pôde asseverar-se com justiça que eram valentes e aptos

para a missão que lhes estava confiada. Dos tres officiaes-generaes deve dizer-se que Victória, era homem intelligente e de rara impavidez; de Lima que era official egualmente valente, e que se não deixou de si memória de feitos eguaes aos de Victória, foi porque não teve occasião de os praticar, pois que foi assassinado na linha, na madrugada do dia 29, por um granadeiro do 6, que sobre elle desfechou a espingarda aos gritos de jacobino e de traidor! De Parreiras é preciso dizer que era official egualmente corajoso, mas dotado de ignorancia supina. Foi á iniciativa d'elle que se deveu a pequenez dos parapeitos, que assim mandou fazer, dizendo que os mais altos de nada serviam, e que demais d'isso os portuguezes costumavam pelejar a peito descoberto. Do superior a todos, do general em chefe, do bispo, o que ha a dizer é que era um bispo. Nas épocas em

que a coragem individual era quasi que o unico requisito dos chefes das grandes multidoens armadas, comprehende-se a possibilidade de um prior Theotonio e de um D. Lourenço, arcebispo de Braga. Além d'isso n'essas épocas bellicosas, em que a necessidade obrigava todos a serem soldados, o sacerdócio não excluia a milicia, e era vulgar ver o monge ou o prelado despir as vestes clericaes e envergar o saio de malha. Mas no seculo xix, em que a arte da guerra é assumpto de estudos especiaes, e a milicia vocação ou pelo menos modo de vida diametralmente opposto aos estudos e á vocação ou modo de vida de padre, fazer de um bispo um general em chefe e affrontal-o a um marechal de Napoleão, só no Portugal de 1809 é que se podia representar esta fôrça. A estes inconvenientes accrescente o leitor o refferer da anarchia, que estuava de tal fôrma no Porto, que, ain-

da depois dos assassinatos do dia 22 e da prisão dos chefes dos bandos assassinos, aterrava, e vigorava de tal maneira que os generaes receiavam dar ordens, e ainda no proprio dia 29, na mesma occasião em que os francezes já tinham forçado a linha, estiveram para ser assassinados pela populaça, que queria a todo o trance, que elles praticassem impossiveis.

Tal era o estado da defeza do Porto, e o estado tambem da nação, quando Soult invadiu Portugal. Só assim é que se pôde explicar a razão porque um exercito de 25:000 homens pôde chegar até ás margens do Douro, atravez de uma população inimiga e toda de pé e excitada pelo ódio e pelo rancor, e apesar do entusiasmo bellicoso e da coragem e dedicação com que ella pelejou, e com que se deixou matar nas margens do Minho, na Falperra, no Carvalho d'Este, na

Trofa e nas chamadas linhas do Porto.

Soult appareceu no dia 26, defronte da cidade com 18:000 homens apenas. Dos sete mil que faltavam, perdera parte nos differentes recontros que tivera até então, e parte deixára-a espalhada em guarniçoens por diversas localidades importantes, por onde passára. A's duas horas da tarde d'esse mesmo dia fez a sua primeira demonstração sobre a linha, mandando aproximar até um quarto de légua d'ella uma guarda avançada de cento e cincoenta homens. Aos enthusiasmos defensores do Porto, que julgavam invenciveis os seus meios de defesa, e reputavam insana a empreza de Soult, não lhes soffreu o animo o olhar socegados aquella demonstração do inimigo. Uma companhia de caçadores dos voluntarios da cidade, alguns soldados da Legião e alguns paisanos que se offereceram, sahiram ao encontro d'elles.

Seguiu-se um violento e atarado tiroteio, e por fim os francezes retiraram para o seu acampamento de S. Mamede de Infesta. No resto da tarde e de noite, os artilheiros portuguezes, ou antes alguns soldados da Legião e um sem numero de ecclesiasticos, que se tinham armado, e que figuraram n'esses memoraveis dias entre os mais denodados defensores do Porto, fizeram sobre o inimigo fogo incessante, mas inutil pela distancia. Estes eram os artilheiros que guarneciam as fortificaçoens, porque artilheiros militares não os havia. Logo n'esse dia arrebutaram mais de vinte dos velhos e enferrujados canhoens, causando muitas mortes e ferimentos n'aquelles que se serviam d'elles. O dia 27 amanheceu tempestuoso. Durante elle o exercito francez não se mexeu. O fogo das nossas baterias continuou porém com egual bom senso e eguaes resultados, e a paizana-

gem, animada pelo bom successo da sortida do dia antecedente, esteve, todo este, entrando e sahindo das linhas em arremetidas de guerrilhas, a que os francezes não se dignavam responder. Apesar d'esta indifferença ainda assim houve bastantes mortes a lamentar n'esse dia. Entre outros é singular o seguinte facto, acontecido ás ordenanças de Massarellos, e narrado ao auctor d'este livro pelo proprio capitão d'ellas. Os cavallos de duas companhias de dragões andavam pascendo, a grande distancia das nossas fortificaçoens. Viam-se os cavallos, mas não se viam os cavalleiros. A esta violenta tentação não pôde resistir a boa da ordenança. Metteu-se-lhe na cabeça ir asenhorear-se d'aquella preza. Apesar das razoens do commandante, que foram acolhidas com rosnadellas de jacobino e traidor, sahiram da linha, e partiram destemidos para o sitio. De repente ouve-se

de dentro do pinheiral visinho um toque de clarim, e n'isto os cavalloos fitam a orelha, voltam-se á uma, e eil-os á desfilada para a retaguarda. Grande surpresa foi esta para aquelles grandes ignorantes. Param assombrados; mas de repente, á voz de ávante, desandam a correr atraz dos cavalloos. O commandante, por mais avisado, deixou-se ficar. E fez bem. Minutos depois appareceram os mesmos cavalloos a galope, mas agora cada um com seu cavalleiro, que, de espada em punho, carregava a toda a brida os assaltantes. Foi uma carnificina lamentosa, e maior seria ella, se muros, vallados e regueiroens, que naturalmente fazia o terreno, não anteparassem os fugitivos contra o furor dos dragoens do marechal. Nem todas as outras sortidas tiveram este resultado, mas nem todas tambem acharam o inimigo pela frente.

O dia 28 amanheceu egualmente tem-

pestuoso. Apesar d'isso o exercito francez aproximou-se das baterias, fazendo fogo e acenando ao mesmo tempo com lenços e bandeiras brancas; — flagrante contradicção, á qual os defensores do Porto responderam com um chuveiro incessante de balas. A's dez horas o inimigo fez signal ao quartel-general para que mandasse receber um parlamentário. A este signal cessou o fogo, e o parlamentário entrou para dentro, e vendado e no meio de soldados que o guardavam da multidão furiosa, que dava morras aos jacobinos e aos herejes, foi conduzido ao bispo general em chefe. Como este, já na noite antecedente, tinha ido fícar a Villa Nova com os cofres da thesouraria geral do exército, foi para lá que dirigiram o parlamentário. O pobre do official francez teve pois de atravessar com os olhos vendados todo o extenso espaço, que vai desde o Monte Pedral até ao fim

da ponte, onde encontrou o bispo, que, avisado, vinha para a cidade; e d'ahi tornou outra vez vendado para o Monte Pedral, onde veio receber do conselho militar, reunido no quartel-general, a negativa formal que o Porto dava á intimação que Soult, entre blandícias e ameaças, lhe fazia para que se rendesse.

Além d'este parlamentar, outros se apresentaram, e foram recebidos em diferentes pontos da linha. Parece que um d'elles foi barbaramente assassinado pela população, que chegou ao excesso de ainda em vida lhe arrancar os olhos, e depois o despedaçou e fez em quartos. Este facto é negado por alguns escriptos da época, mas aqui, no Porto, ainda existem pessoas que se dizem testemunhas do facto, e que o attestaram como indubitavel ao author d'este livro. Os outros parlamentários foram mais felizes, porque os maus tractos não passaram de in-

sultos e de serem recolhidos como prisioneiros á cadeia. D'estes foi um o general Foy, célebre orador francez e historiador da campanha peninsular, história que não chegou a concluir. Foy foi victima de toda a sorte de baldomens. Apedrejaram-no, cobriram-no de lama, bateram-lhe com animaes mortos na cara, rasgaram-lhe a farda e tiraram-lhe as dragonas, com as quaes e com as fardas de alguns francezes mortos junto da linha a população passeou n'esse dia vangloriosamente a cidade.

Estes desacatos, contrários a toda a política da boa guerra, não foram ainda assim sem causa e causa justificada. Ao mesmo tempo que os parlamentários entravam na cidade, e o fogo cessava da nossa parte na salvaguarda, d'aquelle armistício Soult rompeu um fogo vivissimo sobre as nossas linhas, e o exercito francez arremetteu a ellas, procurando

metter-se por debaixo das nossas baterias. Esta deslealdade é que nos irritou, e que deu causa aos maus tratos dos parlamentários. Se é verdade que um d'elles foi morto, a responsabilidade d'aquella morte pertence ao general francez. Diga-se embora que o marechal Soult deu aquella ordem, em razão do boato que lhe invadiu os arraiaes de que os parlamentários tinham sido assasinados pela população — boato a que dava força a recordação da anarchia em que elle vira estorcer Braga. Esta desculpa não attenua a deslealdade franceza. Puras atoardas não authorisavam Soult a tal procedimento, e, antes de romper as boas práticas da guerra, um marechal do império tinha obrigação de certificar-se do facto.

O parlamentar, que fallára com o bispo, voltou incolume ao campo francez, acompanhado, por ordem do governo do

Porto, por José Pinto Adrioni, escrivão da conservadoria ingleza, que fôra cadete do regimento 6 de infantaria, e era agora um dos doze soldados de cavalleria, a que se reduzia então o corpo de policia do Porto. Era esta tambem a única cavalleria que havia na cidade. Adrioni voltou pouco tempo depois com nova intimação mais instante e ameaçadora. A resposta foi segunda negativa, e Adrioni, tornando ao campo francez, lá se ficou, e com Soult entrou no dia seguinte na cidade. Depois da partida d'elle, a acção tornou-se geral em toda a linha. Os francezes atacavam em atiradores e não em columnas cerradas. A's 4 horas da tarde conseguiram metter-se debaixo da artilheria da bateria n.º 18, Santo Antonio, no monte do Regado, e d'ella estiveram quasi apossados, e de facto se apossariam, se a guarnição, reforçada por uma companhia de orde-

nanças da brigada de Gonçalo Christovão, não conseguisse desalojar os do posto, que tinham occupado.

Chegou a noite e com ella affrouxou o combate. O tempo era desabrido de chuva e de vento. A's onze e meia a artilheria franceza, que não tinha podido acompanhar o exército, em razão do mau estado em que as chuvas tinham posto as estradas, chegou, e foi collocada n'uns pinheiraes, e por traz de uma casa, que faceavam as baterias da Aguardente, a de Santo Antonio no monte do Regado, a de S. Francisco no Monte Pedral e a de S. Barnabé, á Prelada. Mal chegou annunciou-se logo por alguns tiros sobre a linha. Esta novidade assombrou um pouco os boçaes defensores.

Soult, para reparar agora a má fé do dia anterior, esperou pelas cinco horas da manhã do dia 29 para romper de novo as hostilidades. Chegava até esta hora o

prazo concedido aos habitantes do Porto para se renderem. A's tres horas os sinos começaram a tocar a rebate, e a linha encheu-se de defensores. Das cinco para as seis a artilheria franceza rompeu o fogo, arrojando bombas e granadas sobre as baterias em frente das quaes se achava. O arrebentar d'estes projectis, os estragos que causavam, e o verem-se os artilheiros feridos nas pernas pelos atiradores francezes, em razão da pouca altura dos parapeitos, puzeram as ordenanças em confusão e o terror principiou a espalhar-se por toda a linha. Fugiram muitos, porém muitos ficaram tambem, e a resistencia continuou impávidamente, apesar dos estragos que fazia a artilheria inimiga. A's sete horas os francezes já estavam tão próximos da linha que o bispo e o general Parreiras retiraram para Villa Nova. A's nove o inimigo asenhoreou-se das baterias da Aguarden-

te, de Santo Antonio e de S. Francisco, e por fim da de S. Barnabé, por onde a cavallaria se arrojou logo de um golpe para dentro da cidade. A retirada começou então por toda a parte. Apesar de não haver fossos nem cortaduras, que impedissem o trânsito das ruas, os francezes encontravam a cada canto partidas de gente armada, que precisavam exterminar até ao ultimo homem para poderem passar ávante. Na bocca da rua nova de S. João sobretudo foi onde a resistencia foi mais tenaz. O major Domingos Bernardino com uma partida de soldados da Legião e alguns inglezes fez resistencia tenacissima. Na rua Chã tiveram de parar por muito tempo, antes de poderem entrar para dentro do arco da Vandoma, que era defendido pelo batalhão ecclesiastico, que fazia fogo com duas peças de artilheria. A resistencia durou, até que um golpe de cavalleria franceza, lançan-

do-se á brida sobre os dois canhoens, os callou, depois de fazer em pedaços os artilheiros. Os francezes correram então ao paço do bispo, mas o bispo, como já disse, não estava no paço.

Na direita da linha a sorte das armas corrêra mais favoravel. Tambem ali o ataque fôra menos pertinaz. O brigadeiro Victória conseguira repellir os francezes, e, ainda depois de elles estarem no centro da cidade, sustentou a luta desde o Bomfim até Campanhã, protegendo por esta audácia a retirada do povo, que teve a fortuna de tomar aquella direcção. Das dez para as onze horas a cavalleria franceza logrou occupar o Prado do Bispo, actualmente Prado do Repouso. Foi então necessario abandonar tambem toda a direita da linha, e Victória retirou na direcção do rio, já tão a deshoras que o não pôde atravessar senão defronte de Avintes.

Seguiu-se depois aquella medonha quarta-feira de cinza, 29 de março de 1809, memoravel nos annaes do Porto pelas desgraças e atrocidades que n'ella tiveram logar.

Aqui tem o leitor em resumo a história dos factos até ao momento em que os francezes se aproximaram da ponte para passar a Villa Nova. E' natural que esta digressão histórica lhe tenha aborrecido, e, mais do que a elle, ás leitoras, se porventura esta novella as tiver. Desculpem-me porém esta necessaria retrospecção do passado, que lhes prometto á fé de homem honrado, que lhes vou contar fielmente o que aconteceu até aqui ao nosso amigo sargento-mór de Villar e a Luiz Vasques de Encourados, e o que elles depois presenciaram diante da antiga ponte de barcas, que atravessava o Douro.

Os dois amigos e o Trinta e tres se-

guíram activamente todos os acontecimentos, que acabo de narrar, tomando em todos parte activíssima. Quando no dia 28 o inimigo atacou a direita da linha, correram lá, e bateram-se como leões ás ordens do brigadeiro Victória. Mas ainda o combate estava por terminar, quando lhes chegou a noticia do perigo, em que estava a bateria do monte do Regado. O sargento e Luiz Vasques dirigiram-se immediatamente para lá. O Trinta e tres ficou porém na bateria do Bomfim, onde Victória se achava commandando.

—*lo!*—Que anda vocemecê a correr de cá para lá?—disséra ao sargento-mór—Deixe-se estar, e não vá metter-se em camisas de onze varas. E' como lhe digo. Isto de ser bule-bule tem seus perigos.

—Homem, não vês que os herejes estão a entrar pelo Regado?

—E vocemecê vae deital-os fóra! Olhe que ha lá muito menino bonito. Deixe-se ficar; tenha juizo.

—Por alma de meu pai! Hei-de ir, entendes? E não me digas que não; sei o que digo.

—Pois então vá. Eu fico.

—Ficas!..

Mas aqui o sargento-mór, vendo Luiz Vasques já distante, deixou o veterano, e correu apoz aquelle a metter-se na bateria. D'este pique de abelhudo tirou em recompensa uma bala de raspão pelailharga. Para elle era uma ninharia, e quando, á noite, o armisticio, concedido por Soult, lhe consentiu adormecer ao abrigo de uma carreta, dormiu como se nada fôra. O curativo reduzira-se a lavar a ferida com uma pouca de água fria, e depois a estender-lhe em cima um lenço, e laia de compressa, aconchegado por

uma corda, que amarrou derredor da cinta.

O dia 29 amanheceu-lhe só lá pelas seis horas e meia. Espesso nevoeiro cobria a cidade e o campo inimigo. A artilleria rebramava em toda a linha, e os soldados de Soult, a coberto da nebrina, já tinham adiantado bastante terreno para debaixo do fogo das nossas baterias.

— A pé, snr. João Peres, a pé, que é tempo.

Foram estes os bons dias, com que o bom do sargento-mór se sentiu despertado por Luiz Vasques, que o sacudia rijamente por um braço.

João Peres poz-se de um salto a pé, e estonteado e com os olhos mal abertos, levou ferozmente a mão ao punho da espada de Belver.

— Por alma de meu pai! — bradou iracundo e ainda desnortado.

— Olhe para alli — replicou Luiz Vas-

ques, fazendo-o voltar na direcção do inimigo.

Mas n'isto sentiram-se cavallos a galope, e em seguida o general Parreiras entrou na bateria. Ao dar com os olhos em Luiz Vasques, que conhecia desde a campanha de 1808, aproximou-se d'elle, e disse-lhe em voz sumida e de modo que ninguem mais o ouvisse:

— Que faz v. s.^a ainda aqui? Retire, vá para Villa Nova. Isto está a acabar por instantes.

— E v. s.^a? — balbuciou Luiz Vasques, surprehendido do desfastio, com que Parreiras lhe dava o conselho.

— Eu? eu venho dizer adeus ao inimigo.

Assim dizendo, Parreiras aproximou-se do parapeito, apesar do chuveiro de balas que derredor d'elle cahiam, conservou-se tranquillamente alguns minutos a ver se atravez da nebrina podia ob-

servar, com o óculo, os movimentos dos assaltantes. Depois dirigiu-se para junto de uma peça que tinham acabado de carregar.

— Rapazes, deixem-me fazer uma pontaria—disse em tom jovial para os artilheiros.

— Viva o nosso brigadeiro, que é leal portuguez! —bradou a multidão entusiasmada.

Parreiras levou a mão ao enorme chapéu agalado, depois poz-se a mirar e a remirar por cima do dorso do canhão, e por fim ajustou-o na pontaria que lhe pareceu conveniente.

— Fogo! —bradou então.

O tiro partiu, e Parreiras esgalgando-se por cima da peça, pareceu-lhe que a bala tinha mergulhado, como outras muitas, no cerrado pinheiral, que arróstava com a bateria.

— E' assim que se ensinam os jaco-

binos — disse voltando-se triumphante-mente para a populaça. — E' ter mão n'elles, rapazes, é ter mão n'elles; que se vós quizerdes, não é para as barbas dos herejes o pôrem o pé cá dentro. Viva o principe regente, nosso Senhor! Viva a santa religião! Vivam os verdadeiros amigos da patria!

— Vivam! vivam! viva o nosso general Parreiras! — gritou a multidão.

N'isto uma bomba desceu quasi a prumo sobre a bateria, e deslizando pela ladeira, que na retaguarda d'ella descia do monte para o plaino, veio rolando até junto de um grupo de ordenanças e milicianos, que, ao vel-a, partiram a fugir em todas as direcçoens. N'isto a bomba ergueu-se — ouviu-se uma detonação vibrante e estrondosa, e uns poucos dos fugitivos, apanhados pelos estilhaços, rolaram, uns mortos e outros feridos, pelo chão.

— Não é nada, não é nada, rapazes — disse impávidamente Parreiras, aos que se tinham aproximado com elle da aresta da rampa. — Aquillo são obras do pai das maldades, que serve os herejes contra os amigos da santa religião. Se outra vier, é fazer-lhe em cima o signal da cruz, e vereis que não se mexe nem mais uma linha.

Assim dizendo, desceu pela rampa abaixo, rosnando a Luiz Vasques, ao perpassar por elle:

— Não seja louco; retire em quanto é tempo.

Depois cavalgou, e dirigiu-se a galope para o centro da cidade. Meia hora depois, elle e o bispo, general em chefe, abandonavam o Porto, e atravessavam a ponte, caminho de Villa Nova de Gaya.

— Que diabo lhe disse elle, snr. Luiz Vasques? — perguntou o sargento-mór, impaciente de não ter percebido nenhu-

ma das meias palavras, que Parreiras dissera ao moço senhor de Encourados.

— Que retirássemos em quanto era tempo — replicou Luiz Vasques.

— Isso não, por alma de meu pai! — bradou rijo o sargento-mór — Que retirem os covardes, entende? Não serci eu que envergonhe as barbas dos valentes de Belber e de Puig-Cerdá. Aqui, rapazes! — gritou, saltando para cima do parapeito — aqui, firmes! Morram os jacobinos! Fogo sobre os herejes!

Luiz Vasques seguiu-o. Não partilhava de toda a opinião de Parreiras, mas também não admittia absolutamente a do sargento-mór de Villar. Desde que chegára ás linhas, reconhecera a impossibilidade de defender o Porto contra Soult; mas também lhe parecia desairoso que um fidalgo portuguez abandonasse o campo, entretanto que o combate fosse possível. Seguiu pois João Peres, e com elle

continuou a animar os defensores da bateria do Regado.

A's nove e meia começou a borborinhar um alarido pavoroso em toda a esquerda da linha, e a sentir-se fogo de mosqueteria dentro d'ella. Era evidente que os francezes a tinham rompido em alguns pontos. N'isto duas bombas, arrebatando uma apoz outra, no meio da turba de ordenanças, que defendia o Regado, fizeram-na recuar espavorida e quasi fugitiva, arrastando comsigo o sargento e Luiz Vasques.

— A mim, rapazes, a mim! — bradou o velho soldado fazendo voltar para junto do parapeito a turba desordenada, e já reduzida a menos de metade em razão dos que tinham fugido.

Luiz Vasques viu então os francezes tão proximos da bateria, que em minutos estariam apegados com ella. Era a occasião de retirar sem desaire.

— Snr. João Peres, — disse, aproveitando um empuxão, com que o entusiasmo da turba-multa atirára com o sargento-mór ao meio da plataforma — é necessario sahir d'aqui.

— Isso não, por alma. . .

— Nem mais uma palavra. Ordeno-lh'o em nome de Camilla.

— Porém, morgado. . .

Luiz Vasques não replicou. Aproveitou a occasião, em que uns poucos de milicianos se lançaram a fugir para a cidade, e empurrando para o meio d'elles João Peres, seguiu-os tambem a correr.

— E agora? — bradou o sargento-mór, parando já no baixo da encosta, fulo de colera e com os olhos a scintillarem.

— Faça o que eu fizer. Eu tambem já vi muitas vezes as balas, e não me envergonho de retirar quando é preciso. Ficar por mais tempo, é deixar-nos matar inutilmente. Os francezes estarão, em

poucos minutos, dentro do parapeito. Não ouve? Em muitos pontos já de certo romperam a linha.

Assim dizendo, impelliu João Peres para a frente, e entrou, a passo accelerado, na cidade. Minutos depois sahio da bateria um tumulto pavoroso, e muitas ordenanças appareceram a fugir desordenadamente. Apesar da coragem de um grande numero de paisanos, que resistiram peito a peito ao inimigo, este galgou enfim para dentro da bateria. Seguiu-se por alguns minutos uma luta encarniçada, corpo a corpo; mas por fim a disciplina dos soldados de Napoleão passou por cima d'aquella valentia desesperada, esmagando debaixo de si o punhado de homens corajosos, que a ignorancia sacrificava inutilmente.

Ao passar pelas ruas da cidade, o sargento e Luiz Vasques encontraram muitos homens a abrirem apressada-

mente cortaduras nas boccas das ruas. Era com o inimigo já dentro da linha, que se lembravam d'aquelle meio de sustar temporariamente a invasão ! Junto d'ellas muitos homens de chuços protestavam enérgicamente haverem de morrer alli. Os dois amigos continuaram o seu caminho, desviando-se, o mais que podiam, d'estas turbas dementadas, que aqui e ali os obrigavam a parar, e que logo se esqueciam d'elles. A allucinação apoderára-se de toda a gente. Já não era resultado do enthusiasmo dos grandes magotes ; tornára-se, por fim, individual. Aqui e acolá encontrava-se um homem postado á esquina de uma rua ou á bocca de um bêco, esperando audazmente os francezes, callado e sem dar palavra, e deixando unicamente ver pelo brilho fulgurante dos olhos a exaltação, que não méde a grandeza dos perigos, e que dementa, até ao ponto de não conhecer

que a heroicidade exaggerada toma quasi sempre as apparencias da farça ridicula.

Por entre a multidão allucinada de velhos, mulheres, creanças, ordenanças e milicianos, que fugiam em direcção ao rio, sem o pai esperar pelo filho, nem o marido pela mulher, Luiz e o sargento-mór lograram chegar até á bocca da rua de Cima de Villa, por onde tencionavam descer pela Banharia até á Ribeira. Ahi pararam diante do espectaculo mais burlescamente heroico, que tinham até então encontrado. Era um aldeão, alto, membrudo e de rosto animado pelo brilho da audacia demente, que estava alli, no meio da bocca da rua, com o joelho em terra, e um chuço empunhado, com o conto apoiado no chão e a choupa voltada para a frente, sereno e immovel, sem lhe importar com a turba allucinada que passava por elle. Passavam homens,

mulheres e creanças, correndo, gemen-do, e gritando uns pelos filhos e outros pelos pais e pelos maridos. Passavam por elle; e elle não se mexia, sempre na mesma postura e sempre com os olhos e com a choupa voltados invariavelmente para a frente.

— Que faz aqui, homem? — bradou Luiz Vasques, parando junto d'elle.

— Aqui não passa um só — respondeu. — Que o inferno me confunda, se aqui passar um só hereje.

Luiz Vasques relanceou-o um momento, e esteve em pontos de lhe dizer a verdade; mas receiou-se d'aquella demencia, e por fim foi ávante. No dia seguinte aquelle homem foi achado, desfeito a golpes de espada, no mesmo sitio, onde Luiz Vasques o tinha encontrado.

Ao chegarem á bocca da rua da Banharia, os dois amigos reconheceram a

impossibilidade de abrir caminho através da massa compacta de povo, que por ella abaixo se dirigia para o rio com a lentidão dos grandes apertos de gente. Tomaram para o arco da Vandoma, e d'ahi, alcançada licença do deão da sé, commandante do batalhão dos ecclesiásticos, e que o era tambem d'aquelle ponto, dirigiram-se para a escada do Collegio, e por ella desceram á rua de Sant'Anna. Quando conseguiram chegar com a turba-multa ao fundo da rua de S. João, começou a troar a artilheria na sé; e, do lado de S. Crespim, ouvia-se um grande alarido e um violento fogo de fuzileria. Era o major Domingos Bernardino com os soldados da Legião e alguns inglezes a fazer parar a cavalleria franceza; e na sé era o batalhão dos ecclesiásticos, a sustar o ímpeto da força de caçadores, que pretendia irromper pelo arco da Vandoma até ao paço do bispo.

Por toda a cidade retumbava a fuzileria em violento tiroteio solto, interpollado de quando em quando por descargas cerradas, muitas vezes ininterrompidas.

Luiz Vasques e o sargento dirigiram-se á pressa para o lado da ponte. Precedera-os porém compacta e monstruosa massa de povo, que se lançava, correndo, para ella. Luiz reconheceu a impossibilidade de chegar até lá, a tempo de poder escapar aos francezes. Propoz portanto a João Peres que se dirigissem á Porta Nova, a ver se ahi encontravam algum barco, que os passasse para além. Aceite o alvitre, subiram ambos para Cima do Muro ; mas apenas tinham andado alguns passos para a frente, que pararam assombrados por um grito pavoroso, medonho e terrível de agonia dilacerante.

Voltaram-se. Era horrendo o espectáculo diante de que se achavam.

A meio da ponte aquella massa compacta de fugitivos estava como que estacada diante de um abysmo, pelo qual se sumiam, uns apoz outros, homens, velhos, creanças e mulheres; e, mais atraz d'esse medonho sorvedouro, os parapeitos de madeira arrebetados vomitavam pelas aberturas milhares de pessoas sobre o rio.

Fôra medonho aquelle caso e fatal a estupidez de quem a elle deu causa.

Depois que o bispo e o general Parreiras passaram para Villa Nova, ou por ordem d'elles ou sem ella, os que estavam de guarda á ponte fizeram levantar um dos enormes alçapoens, que ella tinha a meio, sem se lembrarem que era naturalmente por ella, que a cidade se havia de esvaziar, logo que os francezes se assenhoreassem das linhas.

Assim aconteceu. Os habitantes da cidade, dementados pelo pavor, corre-

ram á ponte, como estrada de salvação que a todos primeiro lembrava. Ao chegar junto d'ella, aquillo era uma massa compacta e apertadissima, onde mal se podia respirar—e aquella massa compacta lançou-se por ella fóra cada vez mais apertada, cada vez mais comprimida e cada vez mais allucinada, voando, não correndo, impellida pelo terror.

Ao chegar a meio da ponte estacou um momento. Ouviu-se então aquelle grito pavoroso, medonho, que fizera parar Luiz Vasques e o sargento. E' que diante d'aquella massa tão compacta, tão comprimida e tão ferozmente empurrada para a frente estava um abysmo, estava aquelle terrivel boqueirão, que a estupidez deixára apoz de si ao fugir. As primeiras dezenas de pessoas sumiram-se de repente na voragem, sem terem tempo sequer de fazer um esforço para estacar, sem terem tempo para mais que

para soltar aquelle brado pavoroso de medonha agonia, aquelle grito de alarme contra a morte, que de subito e como que á traição se lhe abria debaixo dos pés. Aquelle grito communicou com toda a rapidez da electricidade o instincto da repulsão áquella massa immensa de gente. E este instincto que, nos mais dianteiros, se manifestou apenas por um movimento de retrocesso quasi que imperceptivel, augmentou de intensidade, á medida que se foi estendendo para traz, ao longo d'aquella immensa mole humana. Todos pretenderam estacar, firmar-se, não ir mais ávante; mas a força da impulsão, que lhes communicavam os que vinham detraz, era mais forte do que a da repulsão da agonia dos que viam aos pés o abysmo; e centenas e centenas de pessoas continuaram a somir-se por aquelle medonho boqueirão. Era um só brado de desespero o alarido,

era como um grito de um gigante sobre um potro. Por fim as forças dos que resistiam, podéram quasi equilibrar-se com as dos que empurravam para a frente. O numero dos que se somiam pelo boqueirão abaixo, começou a ir a menos, a menos, a menos; mas a immensa mole, comprimida nas duas extremidades, começou a alargar no centro, a alargar, a alargar sobre as guardas da ponte. Ao cabo estas não podéram dilatar-se mais; estoiraram, e por aquelles dous enormes rombos lufaram immediatamente, umas apoz outras, centenares e centenares de pessoas.

Era horrivel aquelle espectáculo. O boqueirão, a que serviam de paredes duas das barcas, em que assentava a ponte, chegou a entulhar-se; e por um momento, por sobre aquelle pavimento de homens, a multidão arremessou dezenas de pessoas para o outro lado do abysmo.

No rio, junto da ponte, viam-se milhares de desgraçados, aferrados uns aos outros, rebulcando-se á tona d'agua, ora uns ora outros, apparecendo e desapparecendo, e depois destacando-se lentamente d'ali e deslizando em fieira, a debater-se sempre, pela corrente do rio abaixo. Mais além já eram cadáveres agarrados violentamente uns aos outros, e tão unidos que boiavam á tona d'agua; e só longe, mais ao longe, é que aquella medonha pavezada se ia desfazendo pouco a pouco, pedaço a pedaço, até que de todo se mergulhava e somia.

O alarido dos que d'aquella sorte se achavam subitamente em frente da morte, e o dos que de terra presenciavam esta immensa desgraça, com a morte tambem a poucos passos de distancia, porque os francezes desciam pela rua de S. João abaixo, lançando de si um chuveiro de balas, era medonho, tremendo,

indizível. Os cataclysmos, que sorvem as naçoens, representam-se em campo mais vasto, mas não são nem mais horrendos, nem mais pavorosos. N'aquella meia duzia de palmos de terra, n'aquella estreita fita de madeira que se estendia sobre o Douro, representou-se n'aquelle dia uma scena, que compendiou em breve resumo tudo quanto a agonia e o pavor tem de mais perfeito e de mais horroroso.

Ao achar-se diante d'este quadro, Luiz Vasques estacou hirto, boqui-aberto, com os olhos espantados e os cabellos erguidos pelo terror. De repente ouviu junto de si um grito de entoação medonha e selvagem, e ao mesmo tempo uma voz que lhe soou nos ouvidos, como que repercutida pelos eccos de uma catacumba:

—Fujamos! fujamos!

A este grito o moço senhor de En-

courados voltou-se machinalmente. Viu então o sargento-mór de Villar com os cabellos erriçados, as mãos apertadas na cabeça e a correr como louco por Cima do Muro fóra. Luiz Vasques lançou-se instinctivamente apoz elle. Quasi ao chegarem ás escadas, que descem para a Porta Nova, já ia de todo senhor de si. Apressou então a carreira, e conseguiu por fim apanhar João Peres, que voava diante d'elle, impellido pela verdadeira demencia do terror.

— Snr. João Peres, — bradou-lhe, fazendo-o parar — volte a si, volte a si.

O sargento-mór fitou-o com olhar estúpido e desvairado.

— Volte a si, volte a si, — gritou Luiz Vasques com desespero — volte a si, senão estamos perdidos.

E era assim. Os francezes, conduzidos por bons guias, tinham descido por toda a parte para o rio, e começavam a



Viu então o Sargento-mór de Villar com os cabellos erriçados...



desembocar do Monte dos Judeus para Miragaya, e a fazer fogo em descargas cerradas sobre os barcos, que tentavam atravessar para além.

O troar d'aquellas descargas chamou João Peres a si, e, por fim fel'o serenar quasi de todo.

—E agora?— balbuciou, fitando Luiz Vasques.

—Siga-me — replicou este.

E, descendo as escadas a correr, lançou-se seguido pelo sargento-mór em direcção da lingueta da Porta Nova. Nem um só barco estava ahi. Os últimos acabavam de abicar a Villa Nova, e os soldados francezes corriam pela alameda de Miragaya fóra, dirigindo-se para o lado de Cima do Muro.

—A nado, snr. João Peres, a nado. E' o único recurso que temos.

Assim dizendo, Luiz Vasques arre-messou-se de um salto ao rio. João Pe-

res não hesitou um momento apoz elle. D'ahi a pouco viam-se os dois a cortar, denodadamente e como verdadeiros ri-beirinhos, as águas do Douro, apparecendo aqui e desapparecendo acolá, mergulhando ora para se antepararem dos tiros, que os francezes lhes desfechavam de terra, ora para se esquivarem ao embate dos desgraçados, que deslisavam na corrente pelo rio abaixo, uns já inteiramente cadáveres, outros debatendo-se ainda, mas já debilmente, nas últimas vascas da asphixia.

XV

Isto passado, quando me disponho,
E me quero afirmar se foi assi,
Pasmado e duvidoso do que vi,
Me espanto ás vezes, outras me envergonho.

SÁ DE MIRANDA.

Luiz Vasques e o sargento-mór, mal tomaram terra em Gaya, dirigiram-se logo para Oliveira de Azemeis. O nevoeiro de pela manhã desfechára, pelas duas horas da tarde, em chuva cerrada e contínua, impellida por vendaval impetuoso. Apesar d'ella, os dois não pararam, e tal pressa se deram no caminhar, que chegaram a Oliveira antes de noite. A noticia da tomada do Porto tinha-os precedido muitas horas, e, em razão d'ella, a familia do fidalgo partira ás

tres horas da tarde para uma quinta mais sertaneja, que tinha junto da Mortosa. Deixára porém um criado em Oliveira, com cavallos sellados e promptos, para logo que elles chegassem, se porventura chegassem, lhes ensinar o caminho para lá.

Luiz e João Peres nem mesmo quizeram demorar-se para comer. Mal chegaram, cavalgaram logo, e partiram para a Mortosa, onde sabiam que estavam aguardando por elles a anciedade cada vez mais impaciente de Fernão Silvestre e os sustos e as lágrimas da agonia de Camilla.

Ali aquella pobre familia passou os primeiros quatro dias ininterrompidamente abalada por mil incertezas e temores. Partidas francezas haviam chegado até Oliveira, e algumas se tinham espalhado pelos arredores, praticando milhares de roubos e desacatos. Além

d'estes receios pela própria segurança, agitava-os a anciedade, em que os tinha a ignorancia da sorte do Trinta e tres, que, sobretudo para o sargento-mór, era como pessoa muito querida de familia. João Peres ora bramava como um leão, ora lamentava cheio de afflicção a perda do seu velho camarada.

Ao cerrar do quarto dia o veterano chegou. A familia ia a sentar-se á meza da ceia, quando o Trinta e tres appareceu, como que tombado das nuvens. Um grito de immensa alegria irrompeu do peito de todos; mas em ninguem mais do que no sargento-mór produziu abalo maior aquella súbita e já quasi inesperada apparição.

Ao ver diante de si o seu velho camarada, João Peres sentiu levantar-se-lhe uma montanha de cima do peito. A alegria engasgou-o um momento, e os olhos irradiaram-lhe vivissima satisfa-

ção. Mas a vista d'elle, fazendo desaparecer a dôr que o assoberbava, substituiu-a pela ideia de que tudo o que soffrêra fôra consequencia de o veterano se ter recusado a acompanhá-lo á bateria do Regado. A esta recordação João Peres sentiu-se tomado de subito por aquella íra alegre, com que a felicidade se desfôrta do soffrimento, maltratando quem de uma e do outro foi causa. Ao ver pois o Trinta e tres, sã e salvo, diante de si, João Peres ficou um momento desacordado; depois deitou a correr para elle com os braços abertos, e recebeu-o aos murros e aos abraços, trovejando colérico uma tempestade de imprecações, que a alegria lhe engasgava simultaneamente na garganta.

— Marinello ! alma de cántaro ! — regougava elle — a mim . . . a mim, ao seu capitão ! Faltar-me á disciplina . . . á obediencia ! . . Entendes ? Por alma de meu

pai, que te parto ! Porque não me obedeceste, maroto ? Porque não me seguiste para o Regado, alma do diabo ? Vinte dias de calabouço, entendes ? vinte dias. Bargantaço ! Desobedecer-me... e depois... ah ! por vida minha ! entendes ? que te cômô a alma, ladrão ! .. fazer-me estar aqui em cuidados ! E não haver por lá uma bala que te estendesse, nem um dragão francez que te cortasse as orelhas ! .. Regalava-me, entendes ? E se morresses, diz, excommungado ! .. Ai que eu arrebento-te ! Porque não me obedeceste, diz, ladrão ! diz, ladrão ! A mim, ao teu capitão ! Alma do diabo ! Vinte dias de calabouço, entendes ? vinte dias de calabouço...

E a cada imprecação era abraço e sôco monumental.

O veterano conhecia a fundo a amizade que lhe tinha o seu antigo capitão, e ainda que a não conhecesse, e lhe não

conhecesse também a rudeza e a natural violencia do character, bastava a luz que lhe brilhava nos olhos para, apesar dos sôcos, não poder deixar de ver em tudo aquillo demonstração sincera de bem sentida affeição, manifestada na verdade de modo pouco regular, mas nem por isso menos apreciavel para um homem da ténpera e do character de que elle próprio era dotado.

Arredando pois de si o velho sargento-mór, aprumou-se com elle, e disse-lhe com rudeza, mas atravez de um meio sorriso de satisfação :

—Vá, homem, tenha juizo. Pois eu sou lá alguma creança? Não se lembra que sou também dos da grande campanha? Vá, com um milheiro d'elles, tenha vergonha, e tenho dito.

A estas palavras o sargento-mór estacou, como se acordasse de subito, arregalou os olhos para o veterano, depois

bateu violenta palmada na testa, e disse, abanando gravemente a cabeça:

E tens razão, por alma de meu pai! Sempre sou um grande bruto, entendes? Esquecer-me de que és um dos valentes de Belver e de Puig-Cerdá! Esta só pelo diabo! Sou um pedaço de asno, entendes? Vai com isto que te digo. E vamos ceiar.

E dizendo, voltou as costas, e dirigiu-se em passo de parada para a meza da ceia. Em seguida o veterano recebeu os emboras de Fernão Silvestre e da família do fidalgo, as felicitações sinceras de Luiz Vasques, e os abraços e carícias de Camilla, que o estremecia, e aos carinhos da qual elle correspondia com meiguices, com beijos e com lágrimas de felicidade, que mal se podia acreditar que existissem nos olhos d'aquelle homem, que tinha o aspecto tão rude e tão marcial como tinha o carácter e os costumes

Emfim sentaram-se todos á meza. O Trinta e tres, contido pelo respeito devido á familia do fidalgo, conservava-se de pé e a distancia. Mas o sargento-mór, que o não perdia de olho, e que não comprehendia n'aquella occasião cerimónias, gritou logo :

— Então sentas-te ou não, basbaque?

O veterano não se mexeu.

— Alma de cantáro! Então aposto que quer que lhe vá buscar a cadeira! — exclamou de novo — Vai tu buscal-a, entendes? vai tu buscal-a. Por alma de meu pai! . . .

Esta imprecação foi resultado de ver que o veterano continuava a fazer orelhas de mercador. Mas o fidalgo, que comprehendia melhor a desobediencia do velho soldado, acudiu logo, dizendo :

— Snr. Rodrigues, queira fazer favor de sentar-se. Belchior, chega uma cadeira a este amigo.

O criado aproximou a cadeira, e o Trinta e tres sentou-se, alguma coisa vexado pelo respeito devido á companhia, em que estava. O sargento-mór abanou ao mesmo tempo ameaçadoramente a cabeça, sacudindo em direcção a elle o hercúleo punho cerrado. Depois voltou-se, e arremetteu com a ceia.

—Então, snr. Rodrigues, que novas do Porto?—disse por fim o fidalgo.

—E' verdade, e como escapaste tu, meu alma de cántaro?—bradou João Peres — Falla, entendes? falla sem trava na lingua. Diga já tudo para ahi. E tenho dito; sei o que digo.

—Escapei, como escaparam muitos outros—respondeu o Trinta e tres.—Mas se vocemecê soubesse quem eu encontrei, meu capitão...

—Homem, por vida minha!.. — exclamou o sargento-mór, surprehendido por esta coarctada enigmática.

— Eu lh'o digo — voltou o veterano.
— Eu fui um dos penúltimos que deixaram a bateria do Bomfim. O último foi o Victoria. Valente homem! Grande cabo de guerra! Emfim um dos nossos da grande campanha, e está tudo dito.

— Por alma de meu pai! — bradou o sargento-mór, batendo entusiasticamente orgulhosa punhada sobre a meza.

— Era já perto de meio dia — continuou o veterano. — A cavalleria inimiga já estava no Prado. A ordenança começou então a debandar. O general e o ajudante Champalimaud, e mais o Antonio de Azevedo, ajudante de Valença, fizeram tudo o que podéram, para ver se conseguiam animar e reunir outra vez a gente. Qual carapuça! Tinham-se portado bem até alli, mas depois entenderam que já não havia que fazer, e fugiram. Ainda assim o Victoria não queria retirar, e aos que lhe diziam que o fizesse, respondia

que não estava affeito a fugir, e que ali havia de morrer no seu posto. Já não tinha mais do que vinte soldados de linha comsigo. Mandou então tocar tres vezes á chamada ; mas, qual historia ! não acudiu ninguem. Então não teve remédio senão retirar. Eu fui com elle até adiante de S. Cosme, onde já achamos o bagageiro do general em pontos de metter a bagagem no único barco que ali havia. Porém, senhor, estava tambem lá uma pobre família fugida; era homem, mulher e duas filhas com um rapazito ainda pequeno. As mulheres pediam pelo amor de Deus que as passássemos no barco para além. Mas se mettêssemos a besta, não era possivel. Os francezes já desciam pelo monte abaixo, fazendo fogo. O general deu então ordem para que a família entrasse, e depois entramos nós, deixando, por ordem d'elle, abandonada a bagagem, á excepção de um bahu, que

ainda coube no barco. Poucos fariam isto, meu capitão, poucos fariam isto. Perdeu a fazenda para salvar pessoas estranhas!.. Não é de hoje. Poucos teriam barbas para tanto. E' como lhe digo.

— E dizes bem, por alma de meu pai!
— gritou o sargento-mór enthusiasmado
— Bravo homem, entendes? bravo homem!.. Então, Fernão Silvestre, que dizes? Aquelle não nos enche as barbas de lama, a nós, aos velhos de Belver e de Puig-Cerdá.

— Não, por minha honra! — replicou o velho cavalleiro — Victoria foi sempre soldado valente, grande coração e grande cabeça.

Ditosa patria que tal filho teve.

E basta. Segue com o teu conto, Trinta e tres, que estamos anciosos por ouvir o que succedeu no Porto, depois do dia 29.

— Lá chegaremos, senhor — replicou plácidamente o veterano. — Como ia contando, embarcamos todos para o outro lado, e fomos sahir a Avintes. O general e os outros continuaram para Lisboa, a reunir-se ao exercito que Beresford está preparando. Dizem tambem que está ahi outra vez o inglez do Vimeiro. Mas esteja ou não esteja, elles para lá foram, e eu ainda vim com elles para diante, com tençoens de os deixar em Oliveira, onde o esperava encontrar, meu capitão. Mas logo não sei porque dêmo, eis que me dão antojos de voltar a ver o que ia pelo Porto. Entrou-me a fallar cá dentro dos cascos uma birra que dizia — vamos lá, deve ser cousa divertida ver os herejes a fazerem de senhores da cidade. E dito e feito ; n'esse dia, ao cahir da tarde, atravessei outra vez para o lado de cá, e, rodeando as linhas, entrei pela bateria do quartel-general.

— Alma de cántaro ! — bradou o sargento-mór, pondo no veterano dois olhos como dois obuzes a vomitarem metralha.

O veterano nem sequer se dignou encolher os hombros. A'quella imprecação de João Peres, interrompeu-se, relanceou-o como se a coisa não fosse com elle, e continuou :

— Achei já tudo escangalhado. A bateria já não parecia a mesma. Estava alastrada de mortos, o parapeito arrombado e a artilheria uma encravada, outra desmontada e alguma arreventada. Não se sentia fôlego vivo. Puz-me a escutar para ver se descortinava alguma cousa. Pareceu-me então ouvir fallar na baixa do monte, para o lado onde estavam as barracas do Parreiras. Fui-me lá pé ante pé, e puz-me a espiar. Das barracas, onde fôra o quartel-general, restava apenas uma : as outras ardiam em grande fogueira defronte da que ainda estava de pé, e

que logo vi que servia de quartel a um posto avançado. Puz-me a ver se lombri-gava algum d'aquelles herejes; mas a chuva cahia a potes, e os ladroens estavam abrigados, e só se lhes ouvia o vociferar avasconçado de que usam. Cuidei então que podia descer sem ser visto; mas quando ia a fazel-o, eis que ouço, apegado commigo, um brado em língua que não pude perceber. Olho, era um ex-commungado de um suisso, feio como belzebú, de baioneta callada e arma aper-rada para mim, a berrar cousa que me pareceu querer dizer que me rendesse. O maldito estava bêbado, isso via-se á légua; e portanto d'ali a dar-me um tiro, era só assoprar-lhe de outro vento a veleta. Ora, senhor, como diz o ditado que *com bêbados ou tolos nem indo para o céu*, deitei-me a elle, antes que lhe dêsse o diabo para disparar, e a couces o lancei de focinhos em terra. A espingarda

desfechou-se n'esta referta, e aquelle perro, ao cahir, soltou um tal berro, que avisou os outros. Mal tinha eu tempo de me acordar de fugir, quando eis que vejo cinco ladroens d'aquelles a correrem para mim de chifarotes em punho. Dou um salto á retaguarda, armo-me com a espingarda do derribado, e ponho-me em guarda, callando baioneta. N'isto o mais dianteiro solta um brado como de espanto, e os outros param. Elle pára tambem, encarã-me, fita-me, e logo exclama, atirando-se ás cegas para mim :

« — E' elle, é elle . . . é o Trinta e tres.

— Eu faço pé atraz, mas o vulto vinha tão cego, que se lançou sobre mim por tal fórma, que quasi me derribava.

« — Pois não te lembras de mim, meu velho ! Olha-me bem para a cara, Trinta e tres.

— E com isto eram beijos e abraços que te parto. Ora faça favor de dizer quem

era, snr. João Peres? — exclamou aqui o veterano. — Adivinhe se é capaz, com um milheiro de diabos!

O sargento-mór entezou-se, ergueu os olhos, mas não deu resposta.

— Era o Bernardo italiano, que nós chamávamos o Pangaio...

— Que tu salvaste na batalha de Belver?..

— E que depois tratei de enfermeiro, até que sarou das feridas que lá recebeu...

— Pois era elle, por alma de meu pai! Valente cousa o fazer bem, Trinta e tres! Eu sempre t'ó disse, homem; entendes? Sei o que digo.

O veterano abanou gravemente a cabeça em ar de quem concordava, e logo continuou:

— Pois és tu, Pangaio! — bradei então — Eu mesmo, meu velho — replicou elle. — Mas nem mais uma palavra. Estás em terra de amigos, queres ver? —

E dizendo, passa-me o braço pelo pescoço, e logo começa a alanzoar na sua algaravia para os companheiros. Alanzou, alanzou, por fim elles deram um viva, atiraram com as barretinas ao ar, e depois arremettem commigo, e tomam-me ás cavalleiras, e partem assim commigo para a barraca, apesar de eu por cortezia me não querer deixar levar d'esta fórma.

«—Tem-te, homem, e deixa-te ir— gritava-me o Pangaio, que fechava a retaguarda.

—Chegados á barraca, os outros encaram-me embasbacados. Mas o Pangaio acudiu, e badelou, badelou um bom pedaço; então elles véem todos a mim, fazem-me muitos gazalhados, e dão-me muitos abraços, dizendo-me não sei quê por sua lingua. O Pangaio disse-me que elles diziam que eram meus amigos, que estavam ao meu dispor, e que me que-

riam ter por camarada. — «Obrigados, obrigados — respondi-lhes. — N'isto toca a comer. Aquillo é que era fartura. Carne, salpicoens, gallinhas, patos, peruns eram a garnel! vinho velho do Douro, mais de tres almudes n'um pipo. Aquillo foi uma degola de lei. Por fim o Pangaio dá a voz de fogo. Ai Deus do céu! foi uma derrota completa. Gallinhas e patos, andou tudo n'um cortado; o pipo ficou para nunca mais. Bebeu-se á saude do genero humano; até se bebeu á saude de Napoleão e do principe regente, nosso senhor. Nem mesmo vocemecê escapou, snr. João Peres. Por fim, verdade verdade, eu já não estava muito christão...

— Bonito! — exclamou aqui João Peres — muito lindo! Ah! excommungado! banquetear-te com os inimigos da patria, entendes? Por alma de meu pai!..

— Era o Pangaio. E basta. Eu com

amigos não tenho aquellas — replicou o Trinta e tres rudemente, e sacudindo a mão como quem arredava indignado a censura.

— E depois, Trinta e tres? — disse então Fernão Silvestre.

— Depois, senhor, como me visse assim, quiz tomar ar, e dei parte ao Pangaio de que ia dar uma volta pela cidade.

«— Homem, — disse-me elle — não vás, que se vaes não te dou dez reis pela pelle. Vae o diabo no Porto. O marechal concedeu o saque. Espera que nos rendam, e depois vaes comnosco. O saque dura tres dias.

— Achei bom o conselho, e fiquei. No dia seguinte pela manhã renderam o Pangaio, e com elle entrei na cidade. Senhor, antes eu lá não tivera voltado; aquillo era um horror. A soldadesca corria desenfreada pelas ruas, arrombando casas, entrando nas já arrombadas, rou-

bando tudo o que achavam em dinheiro, e atirando com trastes e roupas ao meio da rua. Espancavam toda a gente, e commettiam toda a ordem de desacatos, sem respeitarem nem velhos, nem mulheres, nem creanças. Ouviam-se gritos e gemidos por toda a parte. Até não escaparam os conventos das freiras!.. N'algumas casas, onde entrei, não vi senão trastes quebrados, gavetas arrombadas, e roupas despedaçadas pelo meio das salas. Os excommungados não queriam senão botas e camisas; e de dinheiro só o metal, que do que era em papel vendiam contos de réis por meia duzia de cruzados novos, e o mesmo faziam ás joias, por maior valor que tivessem. Mas, senhor, aquillo que mais me affligiu, foi as mortes que fizeram. Aqui e ali via-se gente morta; e ali e acolá fuzilavam por dá cá aquella palha qualquer homem. Sobre tudo em Santa Catharina, vi ma-

tar um homem, que se não é o Pangaio agarrar-me, perdia-me ali. Porque, senhor, passou-se assim o caso. Isto brada ao céu, pelo inferno!... Supponham que iam a passar uns poucos de excomungados por ali, á esquina da rua Formosa. N'isto ouve-se um tiro, e uma bala fere um d'elles n'um braço. Pois que hão-de fazer aquelles marotos? Arremettem á casa da esquina, agarram no pobre dono d'ella, e mesmo nas barbas da mulher e das filhas, que o seguiam gritando, ajoelham-no alli contra a esquina, e fuzilam-no! Que lhes parecem as almas damnadas? E depois soube-se que o tiro viêra de uma casa da esquina fronteira, sahido de uma espingarda que casualmente cahira das mãos de um francez, que lá andava roubando. E como este muitos outros casos, com um cento de diabos!

Assim dizendo, o Trinta e tres assen-

tou violenta punhada sobre a meza. Tinha a fronte contrahida em grossas e profundas rugas, os olhos fuzilavam-lhe e os beiços tremiam-lhe convulsos. Toda a familia o escutava horrorisada; Camilla tinha os olhos fitos n'elle, pállida como a cera e quasi desmaiada de dôr e de medo. O veterano, ao revolver os olhos ao grado do pensamento negro que lhe estuava lá dentro, perpassou-os casualmente por ella. Ao vel-a assim, estremeceu, vendo o mal que estava fazendo á sua pobre menina.

— Sabe que mais, meu capitão, mais nada — disse então. — Aquelles tres dias do saque foram tres dias de inferno. Hoje o Soult sahiu-se com uma proclamação, em que dizia que o Porto devia ser queimado por ter resistido, mas que elle lhe perdoava. (¹) Esta não a pude soffrer.

1809. (1) Primeira proclamação de Soult de 1 de maio de

«—Pangaio, —disse ao Bernardo— o teu general é um grande maroto. Dizer que uma cidade deve ser queimada por se ter defendido, isto não é de soldado, é de salteador. Outra vida; temos conversado. Vou-me embora. De mais não posso ver certos marinellos, que andam com elle...

«—Homem, que te importa a ti com isso?..

«—Que me importa?—repliquei-lhe —Pois cuidas que posso ver de boa mente, a par do teu marechal e a fazer-lhe zumbaias, esse maroto d'esse cônego Valentim, de Santa Maria de Abbadé...

«—Quem? O esmoller, capellão-mór?

«—Pois elle é capellão-mór do teu general!..

«—E' como te digo. Olha, lê.

—Assim dizendo, entrega-me esse papel. Ora leia lá, snr. João Peres.

O sargento-mór tomou o papel, dobrado a modo de officio, que o Trinta e tres lhe apresentára, passou-o pelos olhos, e depois entregou-o a Luiz Vasques. Este leu alto. Era um officio ordenando ao capellão do regimento, a que pertencia o amigo do Trinta e tres, que se prevenisse, porque havia de ser um dos celebrantes do *Te-Deum*, que se ia cantar na sé do Porto em accção de graças pela victória do exercito de Napoleão.

— Assignado — assim terminou Luiz Vasques a leitura — *O esmoler, capellão-mór, D. João Valentim Nolasco, de junto á pessoa...* (1)

— De junto á pessoa! D. João... D. João Valentim! — exclamou Fernão Silvestre, soltando uma gargalhada — Miseravel vaidoso! Sempre o conheci assim.

(1) Vid. nota XV.

A vaidade matou-o, tornando-o traidor e ridiculo. Mas lá diz o poeta—

E guarde-se não seja ainda comido
D'esses cães, que agora ama, e consumido.

Vamos adiante, Trinta e tres.

—Pelo inferno!—bradou rijo o sargento-mór—se eu pilhára esse traidor!.. Por vida minha! trincava-lhe a alma, entendes? trincava-lhe a alma!

—Sus, João!—disse gravemente o velho cavalleiro—não te rebaixes, irando-te contra um sevandija. Portugal pouco perdeu com elle. Não admira aquella traição. Já, em outros tempos, disse o poeta de outros melhores do que elle—

..... também dos portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

E basta de tal homem. Vamos adiante,
Trinta e tres.

—Adiante! Adiante quê, senhor?— replicou o veterano—para adiante vim eu, mas foi pondo-me a andar para aqui. Depois de ver aquella pouca vergonha, não quiz ver mais nada. Dei um abraço no Pangaio, e puz-me a caminho. O pobre rapaz disse-me adeus bem tristemente. Parece-me que não nos tornaremos a ver, que isto de ser soldado do corso, vale o mesmo que estar hoje aqui e amanhã na China, e ficar estripado ahi a um canto, por esse mundo de Christo, abandonado como cão que já não serve para a caça. Para elle homem cahido é homem esquecido. Pouco se lhe dá dos que morrem; o caso é ter outros para substituir áquelles que perde. O Pangaio bem sabe ao que anda sujeito. Pois é um bom rapaz e um leal amigo. É pena que não seja portuguez.

O Trinta e tres callou-se, e por um momento todos permaneceram silencio-

sos e como retrahidos na íntima meditação do que acabavam de ouvir. Por fim Fernão Silvestre ergueu gravemente a voz, e exclamou:

—Eis ao que nos fizeram chegar os ineptos que nos governam! Entregaram-nos manietados nas mãos de Soult, envergonharam o nome portuguez, e sacrificaram pela sua incapacidade a cidade mais importante das provincias do norte. Agora que será d'este pobre Portugal? Se Deus lhe não acode, está perdido. Soult não é Junot; e se o corso lhe reforçar o exercito, dentro em pouco deixaremos de ser nação. Erguei-vos grandes homens de outras éras, erguei-vos, vós que alcançastes

O premio lá no fim bem merecido

Com fama grande, e nome alto e subido—

erguei-vos, que se perde a terra que engrandecestes. Onde estão aquelles anti-

gos ánimos portuguezes? Onde estão aquelles homens soberanos, que só sabiam mandar e não obedecer? A raça abastardou-se. Filhos dos heroes, a pé; a pé, que se perde a grande obra de vossos passados. A terra de vossas mães e de vossas esposas, a pátria de vossos filhos está a dous passos do nada das naçoens. E vós não vos moveis! Estão já promptas as cadeias que vos hão-de algemar os pulsos; já vos têm um pé sobre o peito aquelles que pretendem ser vossos senhores. E vós dormis!

Despertai já do somno do ócio ignavo,
Que o ánimo de livre faz escravo.

Vergonha a quem encruza os braços diante da pátria a morrer! Vergonha e infâmia aos portuguezes bastardos, que preferem viver escravos na terra que os viu nascer, a morrer gloriosamente com ella n'um campo de batalha!

— Meu tio, dentro em dois dias partirei para o exército — disse rudemente Luiz Vasques, pondo-se de pé, impressionado pela exaltação patriótica do velho cavalleiro.

— Parte, — exclamou este em voz vibrante do entusiasmo, de que estava apossado — parte, Luiz Vasques, e que a benção de todos os homens generosos te acompanhe. Parte, nobre filho da raça de Encourados; que não digam também de ti que és do numero d'aquelles, em quem,

Podendo o temor mais, gelado e inerte,
Que a propria e natural fidelidade,
Negam o rei e a patria, e, se convem,
Negarão como Pedro o Deus que tem.

Antes te eu veja cahir morto a meus pés,
do que isso possa acontecer; antes sejas
retalhado em pedaços n'um combate, do
que vivas infame e notado de covarde em

leito de rosas e n'um palácio dourado.

Assim dizendo, ergueu-se, e, atravessando magestosamente a sala, recolheu-se ao seu quarto, balbuciando palavras entrecortadas que condiziam, pela valentia, com o fogo da allucinação enthusiástica, que d'elle se assenhoreára.

D'ahi a minutos a companhia separou-se, e o Trinta e tres recolheu ao quarto do sargento-mór, onde soffreu, por mais de duas horas, cerradissimo inquérito sobre o seu procedimento anterior. Por fim o sargento-mór, vendo que o criminoso dormia a somno solto apesar das suas imprecações e apóstrofes violentas, não teve remedio senão dar por findo aquelle conselho de investigação, e recolher á cama, onde momentos depois auxiliava o seu velho camarada na estrondosissima symphonia de roncos estridulosos, por elle ha muito principiada.

Dois dias depois tinha logar a seguin-

te scena na vasta quadra, que servia de quarto de dormir a Fernão Silvestre.

O velho cavalleiro estava sentado n'uma cadeira espaldar, coberta de couro de Moscóvia com pregaria dourada. O rosto pállido e abatido ainda mostrava signaes evidentes dos graves soffrimentos, que lhe resultaram das feridas recebidas no assalto dos paços de Encourados. Diante d'elle, de pé, sereno mas triste, estava Luiz Vasques, vestido de jornada. Ao lado d'elle via-se Camilla, sentada n'um escabello, com o cotovello encostado no recosto da cadeira do padrinho e o rosto posto na mão pequenina — pállida da pallidez da resignação de uma santa, e os grandes olhos cheios de saudades postos no homem que adorava. Por traz d'ella estava, de pé, o sargento-mór de Villar, com os braços cruzados e com o semblante carregado e triste; e mais ao lado, o Trinta e tres,

com o sobreceinho enrugado e carrancudo, e os olhos fitos no sobrado.

— Adeus, sobrinho — dizia heroicamente o velho cavalleiro. — Vai, que os nomes illustres não se conservam com o ócio ignavo dos villoens; e, como diz o grande poeta —

Qualquer nobre trabalha, que em memória
Vença, ou iguale os grandes já passados.

Parte, nobre filho da raça de Encourados, e lembra-te que, lá do alto, os teus feitos vão ser julgados pela alma d'aquelle grande homem, que morreu como um heroe defendendo o solar de seus pais. Parte. Em nome d'elle, e no d'aquella santa que ha pouco perdemos, eu te lanço a mínha benção, Luiz.

Assim dizendo, estendeu solemne-mente a mão direita.

Luiz Vasques beijou com respeito

verdadeiramente religioso aquella mão veneranda.

— Adeus, meu tio — disse então erguendo-se.

Depois fitou um momento os olhos em Camilla, e por fim balbuciou :

— Adeus, minha Camilla.

A linda e delicada menina ergueu-se. Aproximou-se d'elle, tomou-lhe a cabeça entre as mãos, e beijou-o tres vezes na fronte.

— Adeus, meu Luiz adorado, — disse em voz firme — adeus. . . adeus. Vai, que a tua pobre Camilla fica rogando por ti ao Senhor, e elle ha-de permittir que tornes para junto d'ella, digno do nome de teus pais.

Luiz Vasques fitou-a um momento com o rosto sereno como o de uma estatua de mármore; mas aquella serenidade de rosto era a linguagem mais eloquente, que a agonia do coração podia

inventar para manifestar-se. Por fim levou-lhe socegradamente a mão aos lábios, esteve assim um instante, depois soltou-a e disse em voz firme :

— Adeus, minha Camilla; não me esqueças.

Assim dizendo, encaminhou-se para a porta. Ao chegar ao limiar voltou-se para traz.

— Adeus, snr. João Peres — disse de lá. — Trinta e tres, recorda-te do que me prometteste. Adeus, meu tio: Camilla... minha Camilla...

Revirou-se então de repente, e desapareceu pela porta fóra.

Camilla ficou immovel, de pé, no sitio onde o amante se despedira d'ella, e com os olhos fitos na porta, por onde elle acabava de desaparecer. Parecia que a alma lhe voára apoz elle, e que d'ella apenas ficára o corpo ali.

Fernão Silvestre ergueu-se então.

Aproximou-se d'ella, tomou-a por um braço, e conduziu-a para a cadeira, d'onde se levantára. A pobre menina veio machinalmente até ali.

— Afilhada, — disse o velho cavalleiro — a mulher, que tem de ser esposa de um senhor de Encourados, não se deixa succumbir assim.

— Meu padrinho, — replicou ella em voz suave, mas que parecia o ecco de um gemido sahido do íntimo da alma — diz-me o coração que o não hei-de ver por muito tempo. E quem sabe se o tornarei a ver!

— Has-de vel-o, por alma de meu pai! — regougou o sargento-mór, que mal podia desprender a voz da garganta.

— Has-de vel-o — repetiu solemne-mente o velho cavalleiro. — A raça dos senhores de Encourados não póde acabar assim. Deus não o consente. Luiz está fadado para altos destinos, será a

honra e a glória do nosso nome; e tu, Camilla, serás a companheira d'aquella gloriosa reputação futura. Em nome de Deus, minha filha, prometto-te que o teu noivo ha-de voltar, e na memória dos feitos illustres d'aquelle filho de heroes viverás eternamente; viverás, que Luiz irá longe pelo caminho da glória... Deus o quer—

E nunca tirará alheia inveja

O bem que outrem merece, e o céu deseja.



XVI

Que férreo coração esquece a terra,
Que lhe escutou os infantis vagidos,
E lhe bebeu as lagrimas primeiras,
Prefúdio a lantás que no curto espaço
Da vida ha-de verter?

A. HERCULANO.

Entre os factos, a que o leitor assistiu nos capitulos antecedentes, e aquelles que vai ler nos que se seguem, medeião sete annos. O desfecho da minha novella pede este grande salto; e como aos novellistas assiste justamente o direito de desprezar o potro das unidades de logar e de tempo, quando isso convenha aos interesses do seu conto, é com muita satisfação que me fórro ao incommodo de apurar a paciencia do leitor com

a narração circumstanciada e ronceira de factos, cujo valor substancial sobresahe, acrisolado, na historia dos que vou contar.

Durante este tempo foram grandes os acontecimentos, que tiveram logar na Europa, agitada pelo génio predestinado do primeiro Napoleão. A Portugal tocou não pequena parte dos resultados d'aquella omnipotencia, que durou um momento, mas para quem um momento foi espaço sufficiente de tempo para se assenhorear do meio-dia da Europa, esmagar a Austria e a Prussia, e obrigar a Russia a sacrificar Moskow á salvação do throno dos czares. A missão d'aquelle homem extraordinário era providencial; e como tal devia durar apenas o tempo preciso para realisar o seu grandioso assumpto. Derribada a tiros de canhão, que só assim é que podia ser derribada, a velha e dura barreira, que os

reis *pela graça de Deus* oppunham tenazmente á restauração da dignidade do homem; desbravada por esta maneira a Europa para poder receber a ideia civilisadora, que estava no âmago da terrível, mas admiravel, revolução de 1789, Napoleão devia desaparecer. A sua missão estava cumprida; e desde esse momento o homem predestinado tinha de acabar. Do que fôra podia restar apenas o grande cabo de guerra. A felicidade, que por toda a parte o seguira sem o desamparar um momento, devia desde então arrostal-o tão inconstante e tão vária, como o foi para Gustavo Adolpho, para Frederico da Prussia, e para tantos outros capitães famosos e de não menor gênio do que elle. E assim aconteceu. Napoleão deixou de ser onnipotente desde o momento, em que a Providencia deu por terminada a missão para que o havia escolhido. E' uma cousa que se

•

tem dito muitas vezes, e que ainda se ha-de dizer muitas mais; porque á medida que o tempo cada vez mais se fôr arredando d'esta época memoravel da história da humanidade, cada vez mais ha-de ella impressionar os espiritos dos homens que pensem. E' que basta meditar um momento nos factos para reconhecer-se o impulso providencial que os impelliu; e para confessar-se, curvando humildemente a cabeça, que aos destinos do mundo preside um Mobil omnipotente e mysterioso, que os dirige a seu alvedrío, revolucionando, a espaços convenientes, os grandes elementos de acção, que creou, e que domina.

O estado sou eu—orgulhoso e insolentissimo dito de Luiz XIV, compendia eloquentemente a situação social da Europa, desde que os reis, depois de terem esmagado a aristocracia, esmagaram tambem a burguezia que contra ella os

havia auxiliado. Desde então os reis foram verdadeiros proprietários das nações; e como taes dispunham d'ellas, obravam, e procediam, como quem não tinha que dar satisfações senão aos próprios caprichos. Os povos, por mais que o sentimento da dignidade os quizesse illudir, não passavam na realidade de meras *cousas* diante da vontade d'aquelles verdadeiros *senhores*. Produziam para elles; e se consummiam, era porque o *posso e quero* senhorial lhes fazia o favor de não derogar com uma só palavra as leis, que lhes concediam o quinhão do cordeiro na distribuição dos resultados das suas próprias forças productoras. O mais a que podiam aspirar era a honra de servirem de tentos quando os reis jogavam provincias (1), como diz Frederi-

(1) *Quand les souverains jouent des provinces, les hommes sont les jettons que les paient.* Histoire de mon temps. Chap. 13. (Falla da batalha de Friedberg, a terceira, e ainda não a ultima, que a Silesia custou á Prussia.)

co, o grande — redundancia sonora que Napoleão I resumiu em duas palavras, *chair a canon*.

A estas theorias, muito agradaveis e muito commodas para um certo numero de familias, que descendiam de Adão como todas as outras, e cuja superioridade era resultado de uma convenção, a que todas as outras tinham prestado assentimento voluntário, respondeu a dignidade humana com a exaltação dos encyclopedistas, e esta com 1789, e 1789 com o cadafalso de Luiz xvi. Lamentemos aquelles magestosos desvarios, mas confessemos que a reacção foi proporcional com a massa bruta das forças que a acção empregava. Tudo aquillo foi providencial. A causa das causas entendeu que o livre arbitrio do homem devia de estar escarmentado e bem avisado do que lhe convinha, depois d'esta dura e ignominiosa pressão de tantos séculos.

Ergueu então a voz, e bradou — basta; e diante d'aquelle terrível e omnipotente *basta* cahiram os reis proprietários, e com elles os formigoens ociosos, que lhes beijavam ignóbilmente os pés, para, á sombra d'elles, poderem subtrahir do celleiro do povo parte das miunças, que o dominio real deixava lá.

Mas sigamos a Providencia nos resultados das suas admiraveis e grandiosas combinaçoens. Aqui vemos a ideia velha vencida, esmagada, guilhotinada; e a exaltação desvairada, de que a nova precisou de armar-se para entrar com vantagem na luta, a exultar embriagada com um pé sobre o cadáver d'ella; vemos o reinado da ignominia humana substituido pelo reinado da loucura humana. Basta — bradou de novo a invisível omnipotencia directora: e Napoleão surgiu, e a ideia nova, lançando-se da França, seu centro da reacção, espa-

lhou-se em exércitos e exércitos conquistadores por sobre a face da Europa, exinanindo os seculares baluartes da ideia velha, e desbravando os povos para receberem o augusto sacramento da civilização.

E vêde como foi bem concertado o plano d'aquella admiravel obra. Os que vieram para o occidente chegaram até os últimos confins; os que foram para o norte pararam em Moskow. Assim devia de acontecer, sendo a obra, como era, resultado da omnisciente Providencia. Para o meio-dia a liberdade era recordação; para o norte novidade: para o meio-dia chegára portanto a hora da realisação; para o norte apenas a da primeira apostolisação. Chegar-lhe-á tambem o tempo de discutir e realisar a palavra; e quem sabe se terá para isso de passar por trances eguaes áquelles por que as naçoens do meio-dia passaram.

Desbravado o terreno, Napoleão tornou-se inutil e a sua felicidade omnipotente findou. E então dos dous confins até onde a Providencia delimitára a acção incontrastavel do desbravador, começou esta a contrahir-se para o centro d'onde partíra. A luz do sol de Austerlitz principiou a escurecer por estas duas extremidades; concentrou-se, concentrou-se, e por fim apagou-se de todo em Pariz, fóco d'onde irrompêra e irradiára. Esta é a que é verdade, attestada pela historia e demonstrada pelo estudo analytico dos acontecimentos. Senão veja-se. E' ao chegar aos ultimos confins de Portugal, no último occidente, e a Moskow, sua rasoavel barreira ao norte, que a felicidade e o poder de Napoleão pára, retrográda, e declina até ao total anniquilamento. Ao tocar n'estes dous pontos oppostos é que os exércitos, que até ahi recuaram diante d'elle, estacam, reani-

mam-se, e começam a marchar para a frente, passando por cima dos seus grandes esforços, contrahindo-lhe o imperio apesar das suas novas victórias, e encurralando-o por fim em Waterloo, onde o gigante, que sujeitára a Europa nos braços robustos, ao ver-se estreitado n'aquelle círculo de contrária fortuna acabou, como o escorpião, vítima do próprio desalento. O desánimo, que o levou á abdição de Pariz, e o anteojo de querer ir representar em Inglaterra o papel de simples burguez, não são outra cousa mais do que a prova cabalissima de que o vencido de Waterloo já não era o Napoleão de Austerlitz, o Napoleão da Providencia.

A Europa estava desbravada; Napoleão já era portanto inutil.

Mas ainda assim não se cuide que o leão se sujeitou com a facilidade, com que se sujeita o cordeiro. O homem,

que Deus fadára com tão grandioso condão, não devia cahir como cahem os homens vulgares. Santa Helena ficou á Europa por um preço verdadeiramente usurário. Desde o Vimeiro e desde Moskow até lá, aquelle curto espaço de tempo custou-lhe muito sangue derramado em mais derrotas do que victórias; e por fim custou-lhe Waterloo, aquella medonha carnificina, que só por si era Ilíada sufficiente para celebrar o derradeiro dia d'aquelle prodigioso Achilles.

A nós, pequenos como somos, aquelle ímpeto desbravador custou-nos tres invasoens; custou-nos a desolação das nossas campinas e a anarchia vertiginosa, verdadeiro cataclysmo politico, que teve a nação a dois passos do anniquilamento total. Depois, para contrastar os esforços sobrenaturaes, com que o gigante se debatia dentro do circulo fatal, em que a Providencia o foi pouco a pou-

co estreitando, contribuimos com todo o sangue derramado no sem numero de combates, que se pelejaram desde a Rossa até os muros de Toulouse. Mas, graças a Deus, não fomos dos que aproveitamos menos. Ao violento empuxão, que a ideia nova nos deu, despertamos do vergonhoso lethargo, em que nos haviam entorpecido os péssimos governos anteriores. Em 1815 a liberdade já era a aspiração de toda a gente. Rebentou por fim 1820, que foi a esplendida aurora de 1832. Hoje somos o paiz mais livre da Europa. Aqui a liberdade goza-se, não se discute. Só pelo séstro de achar mau tudo o que é nosso, que é séstro portuguezissimo, é que se póde duvidar d'este asserto.

Do que levamos dito póde o leitor fazer ideia perfeita do que seria o espírito público em Portugal, ao findar a guerra, em 1815. A Inglaterra tinha-se, em ver-

dade, apoderado litteralmente de nós, e, com o nome do príncipe regente na bocca, governava-nos como sua verdadeira colónia. Beresford era o rei de Portugal; e os postos mais importantes do nosso exército eram exercidos por officiaes inglezes. Este governo era uma paródia do antigo regimen, posto em prática com toda a dureza da disciplina militar; mas tal governo nem se casava com o nosso espírito de independencia, nem com as ideias liberaes que já então nos acachovavam no seio. Nas próprias aldeias, onde se acatavam ainda as palavras que significavam as velhas usanças, já eram recebidos com sobreceño esquivo os factos, que as realisavam. Começava-se a tirar de vagar o chapéu ao capitão-mór. As demonstraçoens do espírito publico já prognosticavam as desgraças de 1817 e o triumpho de 1820.

Tal era o estado das coisas em Por-

tugal em 1816 — sete annos depois que aconteceram os factos que o leitor presenciou nos capitulos antecedentes.

Eram quatro para as cinco horas da tarde de um formosissimo dia dos principios do mez de maio. A primavera estava no pleno encanto das suas graças donairosas. Por entre a relva côr de esmeralda, que cobria as campinas, despontavam milhares de flores variegadas, que com as suas exhalaçoens olorosas perfumavam a aragem, em cujo hálito se embalavam graciosamente. Os ramos das árvores, opulentos de virente folhagem, estavam cobertos de flores que, desprendendo-se d'elles ao sopro da briza, cobriam em derredor a terra com um tapete perfumado e vistoso. Os arroios e os regatos deslisavam uma agua crystalina e purissima. A atmospherá estava tépida e embalsamada, e o azul vaporoso do céu não era torvado pela mais pe-

quenina nuvem. Por entre estes perfumes e donaires esvoaçavam, de flor em flor e de ramo em ramo, milhares de passarinhos, pipitando e gorgendo saudações harmoniosas em louvor do amenissimo dia, que ia a descahir para o occaso.

A esta hora um viajante, moço ainda, que pelo vestuario se manifestava official superior do exercito, galopava em um magnifico cavallo baio pela estrada de Braga para Barcellos, seguido a distancia por dois soldados de cavalleria.

Ao chegar a Martim, descavalgou, e, entregando as rédeas a um dos soldados, disse em voz, cuja entoação o denotava homem dotado de character generoso e lhano, mas ao mesmo tempo avezado ao direito e ao hábito de mandar :

— Sigam para Villar. Digam ao reverendo reitor que só á noute é que poderei ter a satisfação de o cumprimentar,

e de lhe agradecer todos os seus primores e obséquios.

Os soldados fizeram a continencia militar, e partiram a trote na direcção indicada.

Se o leitor pudésse encarar o viajante, e fital-o por um momento sequer, logo, nos olhos vivos e negros, na nobreza do porte, e na elegância aristocrática das fôrmas, reconheceria Luiz Vasques de Encourados. No todo do filho de Vasco Mendes havia porém bastantes alterações, que lhe davam maior virilidade ao typo já de si graciosamente cavalheiresco. A tez era mais morena, o olhar mais firme e indicador do sangue frio que enfreia a coragem temerária dos vinte annos, a corporatura mais desenvolvida e mais robusta, e o ar mais marcial em razão do espesso bigode negro que lhe cobria o lábio superior.

Tinha na cabeça um pequeno boné á

ingleza, de pala envernizada e galão de ouro, de debaixo do qual sahia o cabello naturalmente annellado. Vestia um casaco de panno azul, abotoado até ao peçoço, e de gola direita e rodeada por um ramo de louro bordado a ouro fino. Por cima d'elle um sobre-tudo de campanha, forrado de vermelho; e nos pés calçava umas botas de montar, de verniz e elegantemente justas ás pernas, armadas de esporas de prata. Na mão tinha um chicote de punho tambem de prata.

Ao ficar só, Luiz Vasques olhou em derredor de si como a orientar-se; depois atravessou a aldeia de Martim, e começou a subir a montanha de Airó, que lhe fica a cavalleiro, e não parou senão no alto da planura. Ao chegar a meio d'ella, estacou, rodeou os olhos por aquelle extenso panorama que lhe ficava de frente, e por fim descobriu-se, e permaneceu por minutos descoberto e com

os olhos fitos n'um ponto para o lado de Encourados. E' que por entre o arvoredo, lá em baixo na rechã, descobrira o solar dos seus passados, cujas ruínas se erguiam denegrídas e cobertas de erva, como a ossada de um gigante. Depois volveu-se lentamente, e olhou na direcção do Cávado. Fitou aquelle ponto alguns minutos, durante os quaes o semblante principiou por irradiar-lhe a mais viva expressão de saudade dolorosa, que pouco a pouco se foi transformando na da agonia que dilacera, e parte o coração. Depois o rosto principiou a contrahir-se-lhe em duas rugas profundissimas, e as sobrancelhas uniram-se-lhe n'uma só fita sobre os olhos, e áquella saudade, e áquella agonia succedeu-se a expressão da melancolia indignada, que esmaga com a impassibilidade da indiferença. Ao chegar ao auge da manifestação d'este sentimento cobriu-se, cru-

zou os braços, e alongou para aquelle ponto, que fitava, um olhar firme e provocador de desprêso levado, até ao requinte da suprema frieza. Esteve assim um minuto; depois voltou as costas, e dirigiu-se apressado para o lado da velha ermida. A mão pesada do tempo tinha poisado violentamente sobre ella. O magnifico bolhão de água, que jorrava da penedia, ainda vinha depositar-se crystalino e puro como d'antes na bacia naturalmente formada a par da parede do velho cenóbio do mysterioso Joanne, o pobre. Mas a pequena e graciosa clareira tinha desaparecido, e estava abafada por árvores que sobre ella haviam crescido; e a vereda, que levava á porta da ermida, estava coberta de urzes e de silvas. Apesar d'ellas, Luiz aproximou-se da velha capella. Lá dentro era tudo um montão de ruínas: abóbada e as paredes lateraes tinham desabado, e a porta de

carvalho, com que Fernão Silvestre a tinha vedado, lascava apodrecida pelas humidades e pelas águas da chuva.

Luiz Vasques rodeou tristemente os olhos por aquella scena de completa desolação; depois bebeu, e lavou-se na agua d'aquella purissima fonte, sentou-se a par d'ella, e pouco a pouco se foi mergulhando em intima meditação, na meditação que alheia o homem da consciencia de que vive. Por fim o peito arfou-lhe com um suspiro, quasi gemido, profundo e prolongado, que o despertou. Ergueu-se então.

—Tudo como eu!—murmurou, rodeando um olhar de melancolia profundissima por aquella solidão.

Depois sahiu d'alli, atravessou a planura, e desceu para Encourados. Ao chegar junto da quinta, sentiu o coração cada vez mais opprimido. Como tudo aquillo estava mudado! Entrou pelos

muros derribados aqui e ali; e pelo bosque, em outro tempo arruado, dirigiu-se para o lago. As ruas do bosque estavam cobertas de ervas e embaraçadas pelas raizes emmaranhadas, que as árvores recurvavam para fóra do solo; a parede dos cedros estava em partes secca e em partes arruinada; dos canteiros das flores já nem existia vestigio; e o proprio lago tinha muitas pedras da bórda deslocadas, e a água que para dentro d'elle corria era tão pouca, que estagnava aqui e ali, azulada e miasmática, em charcos maiores ou menores segundo as desigualdades do entulho, que dentro se accumulára. Luiz Vasques sahiu d'aquelles logares como fugindo, e dirigiu-se para as ruinas do paço. Ali a dor e a saudade redobrou-se-lhe, se era possível redobrar. Sobre as recordações dos tempos ditosissimos da infancia cresciam com dolorosa vantagem as da triste sor-

te dos pais, que o estremeceram, e que o crearam com tanto amor entre os primores, com que a arte auxiliava a natureza opulenta d'aquelles logares. Ao pôr os olhos no paço, estremeceu. D'elle restavam apenas algumas das paredes lateraes, arruinadas, cobertas de éra e de musgo, e denegridas pelo fumo do grande incendio, que as derrocára. A ossada do corpo central da frontaria estava de pé, e por detraz d'ella estavam-no tambem as paredes da velha torre senhorial, obra dos baroens do seculo xi. Sobre este quadro melancólico de desolação reinava um silencio profundissimo, o silencio dos cemitérios. Aquelles muros, erguidos ali n'aquelle cotovello da montanha, affiguravam-se gigante cenotáfio de grandezas do passado, de que o tempo tinha poupado só o bastante para demonstrar, como escarnecendo, a inaniidade das glórias humanas.

Luiz Vasques esteve alguns momentos com os olhos fitos n'aquelle triste espectáculo, mergulhado em dolorosa meditação. Por fim penetrou para dentro do portão, e parou no grandioso átrio, sobre que dava a magnifica escadaria, que era a principal do paço.

Os espaçosos escafoens de granito, sobre os quaes morrêra Vasco Mendes, estavam ainda de pé; mas, ao topo d'elles, abria-se por entre as ruinas uma enorme ruptura, que deixava o ceu a descoberto. O incendio consumíra totalmente o edificio por aquella parte. Luiz Vasques, depois de contemplar um momento aquelle quadro, lançou-se por uma das portas, abertas ao lado da escadaria, e que, por baixo do grandioso patamar de granito, dava passagem para a parte terrea do edificio, que lá dentro se emmaranhava em quadras e reparti-mentos vastissimos, que iam dar aos

baixos quasi subterrâneos da velha torre. No tempo de Vasco Mendes nunca aquella porta se abrira, e dizia-se no solar que havia séculos que estava fechada. Vedava-lhe a entrada uma tradição pavorosa, que fazia estremecer os senhores do solar, e benzer os aldeoens todas as vezes que tinham de vir ali, e por isso de passar junto d'ella. Rezava a tradição que um dos antigos ricos-homens, quasi contemporâneo da torre, cego de ciumes, ali fizera perecer lentamente a esposa, e que depois, sendo já velho, ali se fechára um dia, e ali vivera como a fera vive no covil, sem consentir, os poucos dias que durou d'esta forma, que ninguem se lhe aproximasse do antro. Durante elles, era tradição que se tinham ouvido magoadissimos gemidos misturados de pavorosas imprecaçoens, que a espaços eram abafados pelo ruído pavoroso de um combate encarniçado,

em que pareciam lutar a raiva e o ódio com forças sobrenaturaes. Por alguns séculos, e de anno a anno, repetiram-se em certo dia aquelles gemidos. Depois cessaram de todo; mas apesar d'isso ninguém ousou devassar aquelle medonho segredo do terrivel cavalleiro da idade-média. Por fim no século xv um dos senhores de Encourados, ou mais affouto ou mais imprudente, fez abrir aquella porta, e penetrou só para dentro d'ella. Mal desapareceu no escuro corredor, e mal teria tempo para penetrar nos primeiros repartimentos da estancia mysteriosa, que se ouviu um grito medonho e sobrehumano, e ao mesmo tempo a pesada porta de carvalho e a grossa grade de ferro, que exteriormente a defendia, fecharam-se por si mesmo com pavoroso ruído. Sentiu-se então correr o enorme ferrolho, e depois gemidos dolorosos e outra vez o refterver de luta te-

merosa. Ninguém mais soube do fidalgo, dizia a tradição; e desde essa época nenhum outro se atreveu a prescrutar aquelles medonhos logares, onde o povo dizia, e se acreditava no solar, que as almas dos rudes ricos-homens de Encourados, que haviam sido na meia idade o flagello d'aquella parte da provincia, defendiam ferozmente a honra da familia contra a curiosidade dos que apoz elles iam succedendo.

Luiz Vasques fôra educado sob a impressão d'esta lenda fantasiosa. Vira sempre os criados e os aldeoens fugirem de tocar n'aquella grade de ferro. Sentira D. Luiza rezar, quando passava por ali, depois do pôr do sol. Ouvira o pai contar com toda a rudeza, que lhe era própria, aquella tradição da sua raça; e mais de uma vez ouvira a Fernão Silvestre, homem que parecia resumir em si tudo o que havia de grande na his-

tória dos antigos baroens, que a prova mais eloquente de que o sangue dos Encourados creava espíritos indomaveis, era a pertinácia, com que as sombras dos que tinham sido, defendiam o seu segredo até contra os seus próprios descendentes. Ao ver portanto a grade de ferro aberta de par em par, e a grossa porta de carvalho meia queimada pelo fogo, Luiz Vasques recuou apavorado pelas recordações, que a educação lhe aferrára no espirito. Ao achar-se só de frente da escura entrada d'aquelle mysterio da terrivel raça de que era agora único representante, no meio da solidão das ruinas do solar d'aquelles homens, que a imaginação lhe pintava tão ferozes como rudes, o filho de Vasco Mendes acreditou por um momento que o destino o tinha alli trazido acinte, para que o homem civilisado do seculo XIX dêsse contas, aos homens de outras éras, da de-

geração do espírito e dos hábitos de uma raça, que o orgulho d'elles exigia que terminasse rude e feroz, como começára.

Tudo concorria para incendiar a imaginação do moço senhor de Encourados. A hora do dia, o lugar, a solidão, o aspecto negro d'aquellas ruínas, e o sangue de Vasco Mendes, de que talvez ainda existissem as manchas sobre os degraus da vasta escadaria, todo este conjunto de circumstancias levaram-no a acreditar que sobre elle volitava n'aquelle momento o espirito mysterioso, que por tantos séculos fizera recuar diante de si até os homens mais audazes da sua raça. Mas a ideia de que o passado o provocava, e chamava a responder diante de si com orgulho e com sobranceira, despertou n'elle os instinctos do sangue que lhe corria nas veias. Aquelle pavor durou portanto um momento. Ao fim

d'elle Luiz Vasques ergueu a fronte, altivo e feroz como qualquer dos ricos-homens de que descendia, e penetrou para dentro da porta mysteriosa com passo firme e destemido, e como quem provocava orgulhosamente a terrivel appareção. O som dos proprios passos, retinindo baço na abóbada do escuro corredor, cada vez lhe acrescentava mais os brios, á medida que lhe engrandecia cada vez mais no espírito as imagens fantasticas, que a imaginação lhe creára. A alguns passos andados, e depois que os olhos se lhe habituaram á meia luz d'aquella espécie de antro, pareceu-lhe descortinar lá ao fundo o reflexo túbio da luz do dia, jorrando sobre o corredor por abertura que dava sobre o espaço illuminado. A' medida que se ia aproximando, cada vez a luz se tornava mais distincta; então pareceu-lhe ouvir som de vozes. Apressou o passo, e por fim chegou a

uma porta, que dava sobre uma quadra, que era allumiada por luz sahida de outra a ella contígua, e que entrava n'aquella, em que elle estava, não só por uma estreita porta ogivada, mas tambem por setteiras abertas na parede. Luiz Vasques seguiu ávante, e parou junto da porta.

A quadra que tinha diante de si, e a scena que n'ella se passava, nada tinham de sobrenatural. Figure-se o leitor um vasto repartimento quasi quadrado, que tinha ao fundo uma pequena porta, que dava para outro aposento. Este repartimento era de abóbada, e tinha o pavimento de pedra. A luz entrava-lhe por duas janellas, defendidas por grades de ferro carcomidas pela ferrugem. Entre estas duas janellas havia uma grande fogueira, que ardia por debaixo de uma d'aquellas gigantes chaminés do Minho, que estava ali como que por demais, co-

mo que mostrando que occupava indevidamente um logar, que não fôra destinado para ella. Ao lado do fogo estanciavam duas preguiceiras, n'uma das quaes estava sentada uma velha a fiar, e que resmungava de espaço a espaço como que ralhando com um homem, que se via do lado da outra preguiceira, descalço, em mangas de camisa, esfarrapado e roto, sentado no chão, e com a cabeça entre as mãos, e ellas tão mettidas entre os joelhos, que parecia que estava enovelado.

— Ergue-te d'ahi, mandrião — dizia a velha. — Hereje! Nem a palavra de Deus te faz despertar. Mau mez venha por quem te deixou escapar lá de Braga e do Porto. Olhem que praga Deus me havia de dar no fim da vida! Não basta o que vai, senão ainda ter de aturar este sôrna, que não faz senão dormir! Tu ouves ou não ouves? A dormir fiques tu para sem-

pre, o Senhor me perdôe! Olha o excomungado!.. Ora anda, toma...

Assim dizendo, a velha tomou encolerisada um bocado de casca de pinheiro, que estava junto d'ella, e atirou-a á cabelleira hirsuta e engadelhada do companheiro, que nem sequer se dignou fazer signal de que tinha sentido a provocação.

A velha ia a continuar, quando Luiz Vasques deu um passo para a frente, soltando uma quasi imperceptivel exclamação de espanto. E' que defronte d'elle estava uma antiga criada de sua mãe, que o havia creado a elle, e que, poucos annos antes de 1809, se tinha retirado do solar para ir viver com um filho, a que Vasco Mendes dera de renda uma propriedade, que tinha em S. Julião de Passos.

Ao sentir o ruído, que fez Luiz Vasques, a velha voltou-se, e vendo diante

de si um desconhecido e trajado de modo que ella nunca vira, nem imaginára, deu um grito, e logo bradou rijo e com voz irritada :

— Quem é você? Que quer?

— Não me conheces, minha boa Joanna? — exclamou Luiz Vasques, correndo para ella com os braços abertos, arrebatado pelo prazer ineffavel que o transportava, ao achar-se junto de uma pessoa, que lhe recordava a infancia e os carinhos da mãe, que o estremecera.

— Se o conheço! Abrenuncio! Benzo-me de tal conhecimento! Arrede-se para lá! — bradou rijo a velha, callando a roca para elle — Olhem o basculho, que me quer abraçar! Sôr confiado, entrar assim nas casas alheias sem pedir licença...

Aqui o roto, que estava acocorado á lareira, e que tinha erguido a cabeça á primeira exclamação da velha e fitado o

desconhecido com olhos, em que se illuminou de repente o espanto e a alegria, ergueu-se de um pulo, e interrompeu a velha, entoando funebremente:

— *De profundis clamavi... Requiem eternum...*

— Joanna, que bradar é esse? — ouviu-se ao mesmo tempo dizer de dentro do aposento contiguo, em tom de reprehensão.

E ao mesmo tempo a figura magestosa e veneranda de Fernão Silvestre de Encourados assomou ao limiar da porta, trazendo empolgado na mão direita um livro aberto.

As barbas e os cabellos do velho cavalleiro tinham encanecido até á brancura da neve. A fronte abria-se-lhe em vasta calva, que lhe tornava o aspecto ainda mais veneravel. O traje, que vestia, era com pouca differença igual áquelle, com que o leitor o viu trajado na ve-

lha ermida da planura do Airó; a mesma japona comprida, o mesmo collete de pelles, e umas calças direitas, que pou-savam agora sobre uns robustos e gros-seiros sapatos, em lugar de se mergulha-rem para dentro dos canos das largas botas de cavalgar, de que n'aquella occa-sião usava.

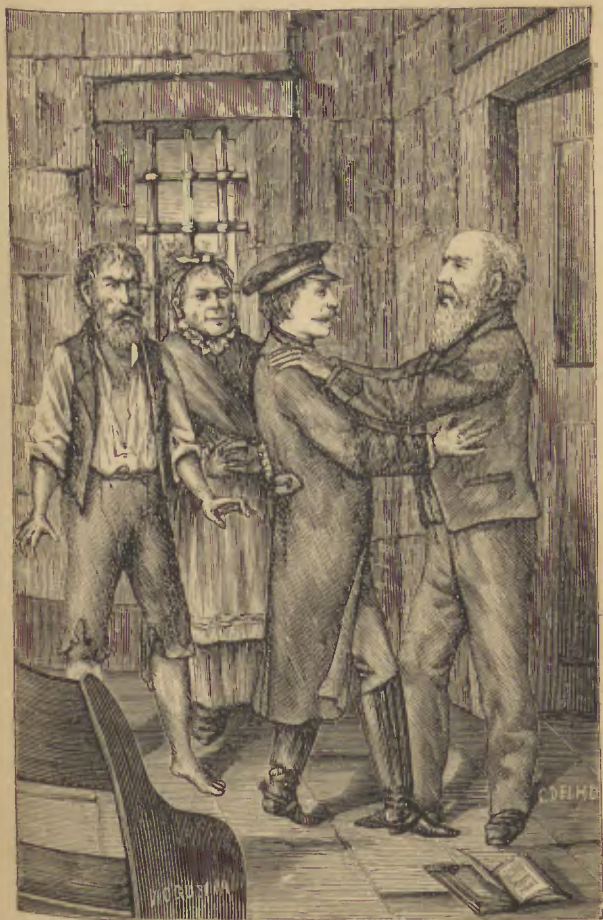
Fernão Silvestre, mal deu com os olhos em Luiz Vasques, examinou-o um segundo; depois levou a mão esquerda espalmada para cima das sobrancelhas, como para diminuir a intensidade da luz, fitou-o assim um instante, e por fim ex-clamou em voz pausada e levemente commovida:

— Se acaso os mortos podem resus-citar este, é o filho de meu irmão.

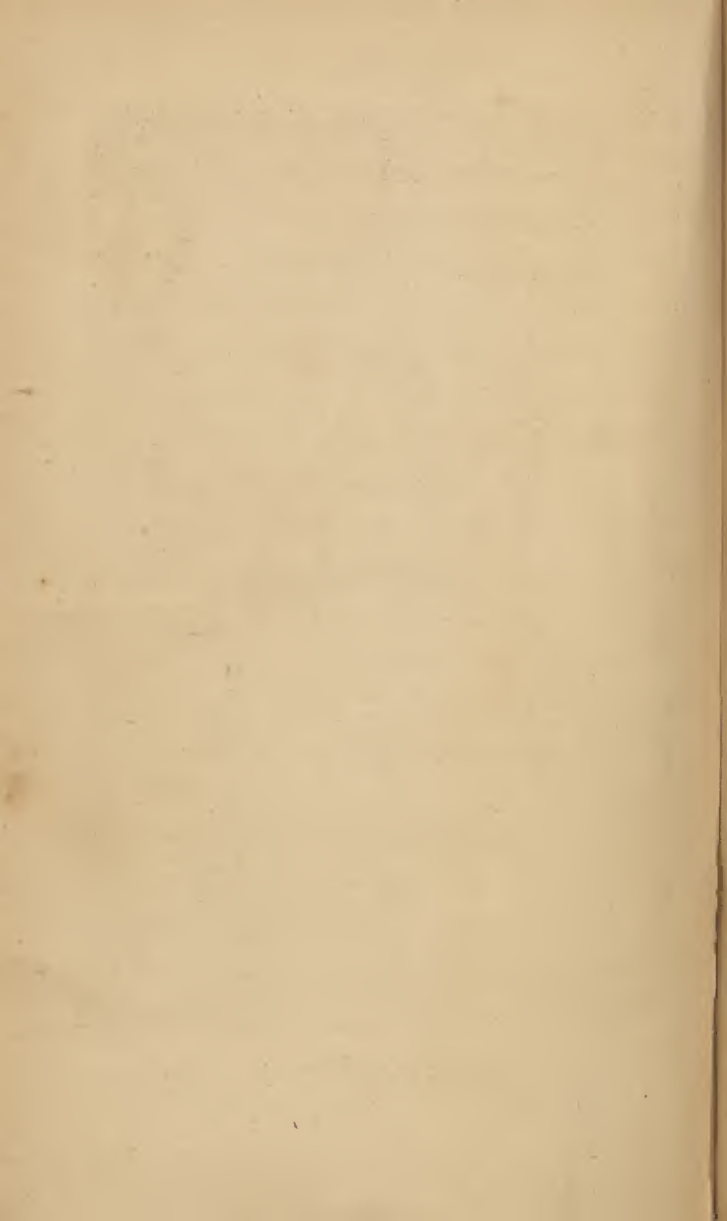
— Meu tio... meu tio — balbuciou Luiz Vasques em voz abafada pela vio-lencia da commoção, e correndo a lan-çar-se-lhe nos braços.

O livro, que encerrava os cantos immortaes de Camoens, deslisou pela primeira vez de entre os dedos de Fernão Silvestre de Encourados. O velho cavalleiro, ao sentir o sobrinho abraçado comsigo, empallideceu como um cadaver, e no rosto manifestaram-se-lhe clarissimos signaes dos violentos esforços, que fazia, para refrear o despeitoramento da commoção, que se apossára d'elle. As mãos convulsas corriam tremendo pelo corpo de Luiz Vasques, palpando-lhe ora os cabellos, ora as faces, ora as costas, os hombros e os braços. Por fim os lábios trémulos abriram-se-lhe de subito, como não podendo resistir mais, e por elles fóra sahiu um grito de immenso júbilo, e dos olhos saltaram-lhe duas grossas lagrimas para cima das faces.

—És tu, sobrinho, és tu!—balbuciou em voz rija mas vibrante, ao mesmo tempo que convulsamente lhe palpava



És tu, sobrinho, és tu!



as faces e os cabellos — és tu... és tu...

De repente poz-lhe a mão nos hombros, e arredou-o de si a todo o comprimento dos braços. Mirou-o assim um momento com a vista luzente de toda a insânia da alegria suprema, soltou outro grito, porém mais rijo e mais sonoro, e exclamou, abanando-o rijamente:

— És tu, sobrinho, és tu... és tu! Graças a Deus, a raça dos senhores de Encourados não ha-de acabar em mim.

N'isto a velha Joanna, que ao ouvir as palavras de Fernão Silvestre ficára como se a fulminára o raio, e que depois, como que voltando a si, viera pasmada, attónita, pouco e pouco, machinalmente, aproximando-se de Luiz Vasques, saltou-lhe ao pescoço, desprendendo-o de um repellão dos braços do tio.

— É elle... é elle... o meu filho, o meu menino! — bradou a velha, beijando-o e colleando-se n'elle como louca.

— Joanna, minha boa Joanna... — balbuciou Luiz Vasques.

— É elle... é elle... o Luizinho! Perra de mim, — bradou aqui, levando os punhos cerrados ás faces por onde as lagrimas corriam em fio — perra de mim, que não reconheci logo o filho da santa, que tantos annos me deu com tanto amor o seu pão a comer! que não conheci aquelle que arrolei nos meus braços logo desde que nasceu! Para isto é que vivi! Malditos annos! maldita velhice!

— *De profundis clamavi...* *Requiem eternum* — entoou o roto de junto da lareira, onde tinha permanecido até então, immovel, de pé e hirto como um espectro.

— Francisco... meu Francisco... — disse Luiz Vasques estendendo a mão para elle.

O idiota encolheu-se todo em si como

um gato, e transpoz de um só pulo a larga distancia, que havia entre elle e o morgado de Encourados. Curvou-se-lhe então sobre a mão, e cobriu-a de beijos frenéticos e rápidos; depois ergueu-se de novo hirtto, com os braços estendidos, e a mão de Luiz apertada nas suas.

— Luiz, Luiz, — bradou então — porque não morreste na guerra? Porque resuscitas da paz do teu túmulo? A felicidade... a felicidade... oh! a felicidade, aqui... *De profundis clamavi...* *Requiem eternum...* *requiem eternum...* *requiem eternum...*

E assim dizendo, soltou-lhe a mão, e fechou os olhos.

— Silencio, ave de mau agouro! — bradou Fernão Silvestre, empurrando-o — Joanna, mette na panella tudo o que haja de melhor n'esta casa. Que o senhor de Encourados, seja bem vindo ao solar dos seus maiores. E tu, *De profundis*,

apanha toda a lenha que ahi achares fóra, e depois vai pol-a sobre a escadaria do paço, sobre aquelle escalão, em que tantas vezes te tenho mostrado as nódoas do sangue, que Vasco Mendes derramou ao cahir, e accende ahi uma grande fogueira, uma fogueira que seja vista de todos esses arredores. Que saiba o mundo que a raça dos Encourados existe, e o couto que o seu donatário appareceu.

Assim dizendo, lançou um braço por cima do hombro do sobrinho e com elle violentamente [apertado contra si, dirigiu-se para junto do lume, e sentou-se n'uma das preguiceiras. Depois poz-se a miral-o firme e como investigando-o feição por feição, atijando de quando em quando a enorme fogueira, como se a luz fosse pouca para aquelle profundo exame.

—E's tu, és verdadeiramente tu, sr

brinho! — bradou porfim — reconheço as feições, o olhar e o sorrir dos senhores de Encourados. Mas — balbuciou, arredando a gola do sobre-tudo e pondo a descoberto a bordadura da do casaco — esta divisa... é... é... se não me engano...

— Sou tenente-general, meu tio; gannei o posto em Waterloo — disse a meia voz Luiz Vasques.

— Mais alto, mais alto, — bradou Fernão Silvestre, sacudindo-o rudemente pelo hombro — mais alto, que os feitos dos senhores de Encourados relatarem-se em voz de trovão. Glória á raça dos antigos heroes! glória a ti, Luiz Vasques de Encourados, que reviveste com as tuas acções a fama dos nossos passados!

Aqui as feições contrahiram-se-lhe com expressão de desgosto e de resentimento, e continuou com aspereza:

— Mas foi mal feito o que fizeste, sobrinho; na nossa familia os moços sempre se honraram com respeitarem os velhos. E tu trataste teu velho tio, como se tratam os cães que para nada já servem; despresaste o irmão de teu pai com ingratidão que te não merecia...

— Meu tio!...

— Como! Pois negas a obrigação, que tinhas, de me fazer participante da tua glória, a mim Fernão Silvestre de Encourados, a mim teu sangue, a mim irmão de teu pai! Pois nunca pensaste nas torturas do pobre velho, ao reputarte morto, a ti o sobrinho que estremecia, que olhava com orgulho, a ti o último da raça dos senhores de Encourados...

— Meu tio, eu escrevi de toda a parte... e nunca tive resposta...

Fernão Silvestre arredou-se de repelão para traz, e assim fitou um momento Luiz Vasques.

—Sobrinho, —disse por fim — o que dizes é por força verdade, porque um senhor de Encourados não póde mentir; mas juro-te pela honra do nosso nome que a única nova, que desde 1809 tive de ti, foi quando me disseram que Luiz Vasques de Encourados tinha ficado morto na sanguinolenta batalha de Vitoria.

—Antes e depois d'ella escrevi sempre a si e a . . . todos — disse Luiz Vasques. — Ferido gravemente em Tolosa, ainda assim pedi a um amigo para que lhe escrevesse, e lhe dêsse parte que Lord Wellington, com quem travára estreita amisade, exigia de mim que continuasse para a frente com elle, ao serviço da Inglaterra, garantindo-me desde logo o meu posto de general. Quando o exército portuguez retrocedeu para a patria, estive para voltar com elle; mas pareceu-me que era do meu dever não de-

pôr as armas, entretanto que o inimigo da Europa tivesse um só soldado para combater por elle, e para ameaçar a paz e a independencia das naçoens. Accedi pois ás instâncias de Wellington, e com tanta mais obrigação, que na satisfação do desejo de um amigo ía de envolta o cumprimento dos meus deveres para com a pátria. Assim lh'o fiz saber, meu tio, e a carta foi trazida para Portugal por um camarada, que depois me mandou dizer que a lançára no correio de Braga, subscriptada para si.

— Por Deus, sobrinho!

— Segui a sorte dos exércitos allia-
dos até Waterloo. E' escusado relatar-
lhe o que se passou até então, porque
de certo o ha-de saber, meu tio. Depois
que Napoleão embarcou no Bellero-
phonte, a guerra, que me trazia desterra-
do da pátria, cessou totalmente. Despe-
di-me de Wellington, e parti para Lis-

boa. Quando cheguei, meu tio, o prazer de tornar a pizar a terra da pátria, fez-me por um momento esquecer o desapêgo, com que, durante tão longo espaço de tempo, me parecia que fôra tratado por aquelles que mais amava n'este mundo. Beresford recebeu-me como amigo intimo de Wellington, e um decreto da regencia reconheceu-me a patente de tenente-general, que o governo inglez me tinha conferido depois de Waterloo. Parti depois para o Porto, e do Porto para Braga. Indaguei então ácerca dos que tinha deixado aqui. Como tudo estava mudado! Disseram-me que o tio vivia com o sargento-mór de Villar... e d'elle... A ausencia affigura devéras a morte, meu tio, e louco aquelle que d'ella deseja resuscitar. Revocar as recordações do passado, quando sobre o esquecimento d'ellas já se ergueram novos planos, novas aspirações!... Triste

d'aquelle que pára n'um ponto, e que pensa que os outros pararam tambem como elle!...

— Sobrinho, — disse aqui Fernão Silvestre — sei ao que te referes; mas pela honra do nosso nome, pela memoria honrada de teu pai, juro-te que em casa do sargento-mór de Villar nunca de ti se receberam noticias, depois que nos deixaste em Oliveira. N'aquella casa choraram-te com lagrimas verdadeiras, Luiz Vasques; e por muito tempo ainda, depois que nos certificaram que tinhas morrido em Victória, o teu nome e a tua lembrança viveu nas saudades de todos, e por ellas vivias tu, estavas tu ali presente, sobrinho. Camilla amou-te... amou-te ainda muitos annos depois que acreditamos que havias morrido, e João Peres, que via a filha descer pouco a pouco para o túmulo, arrastada pela saudade e pela melancolia, dizia-me todos os dias,

e a todas as horas — «O nosso Luiz morreu ; moço como aquelle não torna a nascer. Camilla morre, e eu não duro muito depois d'ella.» — Mas um dia

Oh glória de mandar! oh vã cobiça
D'esta vaidade, a que chamamos fama!

um dia João Peres disse-me — «Camilla casa, e casa por. . .» — não o deixei continuar, voltei-lhe as costas, e fui ter com ella.

«— Afilhada, — disse-lhe — é verdade que desses o teu consentimento para casares?

«— Meu pae assim o quer!

«— E achas que ha ahi homem no mundo, que possa occupar no teu coração o lugar, que esteve cheio pelo amor de um senhor de Encourados?

«— Meu pai assim o quer! — volveu ella, desfazendo-se de súbito em lagrimas.

— Desde então — continuou o velho cavalleiro — voltei-lhes as costas. Deixei-os, e vim procurar entre as ruínas do solar de nossos pais um canto, onde findar solitário os meus dias. A porta mysteriosa fôra aberta pela força do incendio. Pareceu-me providencial o caso. Penetrei aqui dentro, pensando que viria encontrar as sombras dos nossos passados, e que poderia reclinar no seio d'elles a cabeça do último homem da nossa raça. Nada achei porém; estes vastos saloens estavam desertos, e nem um só vestígio encontrei n'elles dos seus mysteriosos e heroicos habitantes. Então acreditei que tinha chegado a última hora para a familia dos Encourados, porque me parecia que se as sombras dos nossos avós tinham desapparecido, era porque já nada lhes restava que fazer sobre a terra. Curvei a cabeça á vontade do Altissimo, e fiquei aqui aguardando com

anciedade o meu dia final, que a vida para mim tornára-se peso incomportavel, porque no meio de tão graves pesares fôra loucura duvidar, como diz o poeta,

Que o menor mal de todos seja a morte.

D'elles, da gente de S. João de Areias, não quiz saber mais. Para mim tinham morrido no dia, em que haviam sacrificado a memória gloriosa de um senhor de Encourados ao galardão de fúteis vaidades, satisfeitas pela influencia de um villão. Debalde João Peres tem procurado penetrar aqui; de todas as vezes o tenho repellido, sem o querer reconhecer. Ha vinte dias que me separei d'elles, e depois nada tenho querido saber... nem quero.

—Então o casamento?..

—Dizem que será dentro em oito dias.

—E o noivo?..

—E' esse villão da Barca, irmão do nosso desgraçado *De profundis*.

Luiz Vasques deixou descahir a cabeça sobre o peito, e esteve por um pouco mergulhado em profundo alheamento de espirito.

—Meu tio, — disse por fim — é possível que Camilla ame Braz de Paiva?

—Não sei, nem o quero saber — respondeu rudemente o velho cavalleiro. — Pensas porventura que um senhor de Encourados póde descer até ao fundo d'essas villanias? O que sei, já t'o disse.

—Impossivel! impossivel! — balbuciou Luiz Vasques — Que aquelle anjo descesse até o charco immundo das torpezas d'aquelle homem!... Impossivel! impossivel!

Depois ergueu-se abstracto e inteiramente alheado de si, e dirigiu-se machinalmente para a porta.

— Onde vaes, sobrinho? — bradou Fernão Silvestre, retendo-o — Acaso um senhor de Encourados deve deixar-se cahir assim ao grado dos caprichos de villoens? Ha entre elles e nós a distancia que ha entre o céu e a terra. Nós quize-mos fazer-lhes a honra de os levantar até nós; não commettas agora a villania de te abateres até elles.

— Meu tio, — volveu Luiz Vasques — cumpri até ao último ponto com o que devo á honra do nome que tenho; agora é tempo de cumprir com o que devo á minha felicidade futura.

— Mas onde vaes agora, sobrinho?

— Vou dizer a Camilla que Luiz Vasques de Encourados existe.

— Pára — bradou rijo Fernão Silvestre, interpondo-se entre elle e a porta.

— Queres ir mendigar o cumprimento das promessas de outro tempo á porta d'aquelles que lhes bateram uma vez com

ella na cara? Queres ir abater o teu brio e a honra do nosso nome aos pés da canalha? Pára, Luiz Vasques de Encourados, em nome de teu grande pai, ordeno-te que não dês mais um passo.

— Camilla ama-me... Impossivel! Camilla não esqueceu o meu nome.

— Se te amasse, não consentiria em casar com outro.

— Mas se o pai a obriga...

— João Peres não a obriga a casar, propoz-lhe o casamento.

Luiz Vasques levou de repente a mão ao peito, como se quizesse comprimir os ímpetos, com que o coração parecia querer romper por elle fóra.

— Impossivel! impossivel! — exclamou, fitando Fernão Silvestre com um olhar insano.

— Juro-t'o pela honra do nosso nome, juro-t'o pela memória dos nossos passados.

Luiz Vasques cambaleou um pouco como fulminado pela gravidade das palavras do velho cavalleiro. Sentou-se, e fitou por alguns minutos os olhos no lume, como indifferente a tudo que o rodeava.

— Meu tio, — disse por fim em voz, em que a agonia se entoava fundamente, apesar da apparente serenidade do gesto — desde a infancia habituei-me a amar aquella mulher! Este amor faz parte da minha vida, e ha seis annos vivo só pela recordação d'elle. A esperanza de tornar a vêr Camilla, de lhe chamar minha por toda a vida, alentou-me para resistir á violencia da saudade, e para vencer a agonia de me ver longe d'ella. Sem Camilla não comprehendo a vida, e sinto que me é impossivel viver. As portas da felicidade cerraram-se para mim, desde que me convenci que ella me não amava, e as suas palavras, meu tio, matando-me

de todo a esperança, sentenciaram logo o meu futuro. D'aqui a morrer ha dous passos apenas, e d'esses nem mesmo terei a consciencia de os dar, porque sinto que me vai fugir a vida moral, e depois a vida vegetativa é nada, é existir mas não viver. Cumpra-se o meu destino, acabe embora a raça dos senhores de Encourados, snr. Fernão Silvestre, — acrescentou com um grito pavoroso — mas não ha-de findar, soffrendo impunemente quem ouse descarregar-lhe o golpe final. Arrede ao lado, meu tio, eu vou matar aquelle villão! Vêl-a de outro, nunca!... Que Deus se amerceie depois d'isso de mim. Ainda ahi em algum canto do mundo ha-de restar uma bala, que me finde com esta agonia, se a agonia me deixar arrastar até lá.

Assim dizendo, encaminhou direito á porta, no limiar da qual se collocára Fernão Silvestre. Apesar da violencia

d'estas últimas palavras, Luiz Vasques fallára em voz serena, e os gestos eram egualmente socegados.

—Attenta um momento, sobrinho— disse Fernão Silvestre, cortando-lhe o passo e fazendo-o parar.—Dizes bem; um senhor de Encourados não deve soffrer pacientemente o insulto de um villão. Dizes bem, assim é. Ouve pois o que determino fazer. Descerei ámanhã a S. João de Areias, e direi a João Peres de Villalobos — «Meu sobrinho vive, mas depois do intento que tiveste de casar tua filha com um villão, é impossivel que elle case com ella. Mas a mulher que Luiz Vasques de Encourados chamou uma vez sua noiva, não póde pertencer a outro. Guarda-te pois de a cazar com Braz de Paiva, que, se o fizeres, morrerás.» — Agrada-te o alvitre, sobrinho? Reconheces que d'esta fórma se salva a

glória do teu nome e os brios da nossa família?

— Não, meu tio — respondeu serenamente o moço. — Luiz Vasques de Encourados já não existe. Morreu no momento, que soube que Camilla o tinha esquecido. Agora o que existe é um homem, que precisa de arredar de junto de si a causa de uma agonia, que, a durar, o levaria ao desespero dos condenados pela ira de Deus.

Assim dizendo, deu mais dous passos para a frente.

— Luiz, Luiz, — bradou com desesperação o velho cavalleiro — acorda, volta a ti. Os senhores de Encourados sacrificaram sempre até o próprio sangue do coração á gloria e á honra do seu nome.

— O senhor de Encourados já não existe — bradou Luiz Vasques com os dentes cerrados e com os olhos luzentes

da ferocidade da loucura. — Arredar do meu caminho, snr. Fernão Silvestre; quero passar.

— Vai pois; eu te renego, filho degenerado de uma raça de heroes! — exclamou Fernão Silvestre, levantando a mão com medonha solemnidade.

E assim dizendo, deixou-se cahir desalentado sobre um escabello. Luiz Vasques passou por elle, sem attentar. Ao transpôr a porta, que dava sahida para o átrio do solar, *De profundis* atravessou-se diante d'elle.

— Luiz... Luiz... — disse o idiota, fallando como em segredo — Camilla ainda te ama... Ella não quer... mas o pai... mas Braz é que quer, e diz-lhe que se não casar com elle, então o reitor de Villar... *De profundis clamavi... Requiem eternum... requiem eternum... requiem eternum...*

— Ama-me!... Ama-me!... — ex-

clamou Luiz Vasques, apertando com anciedade a mão, que o idiota estendia para elle—Oh! diz-m'o, Francisco, diz-me o que sabes!... por Deus! pela memoria do teu filhinho...

A esta palavra a estupidez do completo idiotismo cobriu de repente o rosto de *De profundis*. Aprumou-se, tornou-se hirto, e, estendendo o braço tezo para a frente, entoou em voz cavada e funebre:

—*De profundis clamavi... Requiem eternum.*

—Por Deus, Francisco, explica-te!
—bradou Luiz Vasques, sacudindo-o no auge do desespero.

—*Requiem eternum... De profundis... de profundis... de profundis clamavi...*

Luiz Vasques soltou um grito de profundo desespero, e occultou o rosto entre as mãos. Esteve assim alguns minutos. Por fim dirigiu-se para junto de Fernão

Silvestre, sentou-se ao lado d'elle, e disse, pousando-lhe a mão sobre o hombro :

— Meu tio, ainda resta uma esperança. Luiz Vasques de Encourados talvez possa reviver; talvez possa tornar a ser digno do nome dos seus passados.



XVII

Cada qual, segundo o que obra,
Faz bem ou mal seu progresso,
E d'elle o mal ou bem cobra;
Logo a fortuna não dobra
A bem ou mal seu successo.

D. FRANC. MANOEL. *Obras métricas.*

No dia seguinte, mal os primeiros raios do sol, a despontar do nascente, douravam a planura do Airó, e já o nosso velho conhecido Trinta e tres se achava de pé e passeando a toda a largura do eirado ou páteo, sobre que dava a *varanda* da casa do seu patrão, o sargento-mór de Villar.

Era o Trinta e tres d'aquella casta de homens, sobre quem passam os annos, sem conseguirem deixar vestígios da

passagem, senão depois de muito teimar e reteimar com elles. Os sete portanto que haviam decorrido, não tinham conseguido alteral-o nem mesmo ao de leve. Era a mesma figura severa, e de aspecto casmurro e immutavel; veterana sim, mas robusta e dura como a de qualquer rapaz de entre os vinte e os trinta.

Tal qual o vimos em 1809, o mesmo o achamos agora. E, ao encontral-o a passear com toda a sua habitual seriedade em frente da casa do sargento-mór, ninguém diria que havia n'aquelle corpo mais sete annos completos.

Passeava, e passeava de cá para lá havia muito. E não era para gozar da belleza da aurora, que de certo se achava n'aquelle passeio. O Trinta e tres não era homem em quem os encantos da natureza fizessem abalo. Os perfumes da vegetação, as flores e as brizas, o gorgueio harmonioso das aves, a atmosphera

limpida e embalsamada, os arroios crystallinos a reflectirem o azul purissimo do firmamento, as arvores viçosas e copadas de folhagem côr de esmeralda, eram cousas que todos os annos aformoseavam aquella nesga do paraizo, onde a sorte o fizera immerecidamente nascer, e que tambem todos os annos passavam desapercibidas por elle, para quem frio ou calor, bom ou mau tempo, era tudo a mesma cousa. Se as estaçoens lhe inspiravam ás vezes reflexoens mais ou menos carrancudas, era tudo com relação aos resultados materiaes da sua influencia sobre os trabalhos agricolas. Ninguém era em verdade menos poeta do que elle, e ninguem portanto estava tambem mais ao abrigo dos phantasiarres imaginosos, que desharmonisam quasi sempre com as regras severas do que os interesses mundanos appellidam bom senso. Feliz homem aquelle devéras !

Mas apesar de toda esta fleugma e de toda esta natural impregnabilidade a sensações, que sempre gastam mais ou menos a vida d'aquelles que abalam, ainda assim o Trinta e tres nem sempre sentia correr a sua com a placidez, a que o seu natural lhe dava direito. Ao parecer, aquella era uma d'essas occasiões agitadas. O velho soldado passeava, como disse, havia mais de uma hora sobre o mesmo terreno, cousa que nada condizia com o seu character naturalmente inimigo da monotonia; e, o que mais é, andava mais carrancudo do que lhe era de costume, resmungava com má catadura de espaço a espaço, e gesticulava com violencia, e como quem dizia muitas vezes consigo—que me importa? que me importa? Era visivel que o Trinta e tres lutava n'aquella occasião com dous sentimentos diametralmente encontrados.

Ouçamos-lhe do monologo algumas das frases, que soltas deixava de quando em quando ouvir em voz mais alta.

— Nada, isto não tem geito — resmungava. — Que ella vá assim contra vontade e para poder d'aquelle marinello... Irra! Com seis centos diabos! Isso não, ou eu não sou quem sou. Prometti? Tambem prometti ao outro. Morreu? Que importa? Se ella não quer, nem á mão de Deus Padre; e tenho dito. Palavras leva-as o vento. Prometti-lhe? Que diabo! Pois posso prometter no que toca a negocios alheios? Ora adeus... ora adeus... sempre sou bem asno...

E aqui, lançando a furto um olhar de nesga para a casa, continuou:

— Se o capitão está doido... doido varrido! Eu bem lh'o digo... Pois para cá é que elle vem de carrinho. Não... não... não... e tenho dito. Ora vejam lá a grande coisa!... E depois, pe-

lo inferno! . . . eu racho aquelle maroto . . .

Aqui o veterano foi interrompido pelo trinco soltado pela aldrava da porta, ao ser aberta da parte de fóra por pessoa, que in-continente metteu a cabeça, e vigiou se alguém estava no eirado ou na varanda. Este alguém era o idiota.

— *De profundis clamavi* — entoou elle, mal avistou o Trinta e tres.

Este lançou-lhe um olhar de revez, e não se deu por entendido da interpegação. Então *De profundis* abriu mais a porta, e dirigiu-se a elle em pontas de pés, com o dedo no nariz e olhar mysterioso.

— Sôr Rodrigues . . . ó sôr Rodrigues . . . — disse, aproximando-se, e tirando-o pela manga da camisa.

— Deixa-me, homem — respondeu elle com mau modo; e sacudindo-se da mão do idiota, continuou a andar.

—É que... sim... mas é que eu trago-lhe um recado.

—Um recado! mas quem diabo me manda recados? É porventura o snr. Fernão Silvestre?...

—Não; psiu! É o outro... o seu amigo, que lhe manda dizer que lhe quer fallar, e que d'aqui a pouco estará á espera de vocemecê ali junto... sim, ali onde aprôa a barca da Graça...

—O outro! Mas que outro, com um milheiro de satanazes! Quem é o outro?

—O outro... sim o outro. *De profundis clamavi. Requiem eternum*—replicou o idiota com ar mais velhaco do que simples.

E dizendo, voltou-lhe as costas, e deitou a correr pela porta fóra. D'ahi a pouco ouvia-se já ao longe a entoar o canto chão dos defuntos.

O Trinta e tres ficou como que colado ao sitio, onde o idiota o deixáro.

— O outro! — resmungou por fim — O outro! Mas quem é o outro? Querem vocês vêr que é alguma nova empreitada d'aquelle bargantaço da Barca? Pois é ocasião de lhe dizer tudo na bochecha. D'esta feita arrebento-o! Vou-me lá.

E com estas palavras, o Trinta e tres dirigiu-se para um pequeno cubículo, no andar térreo, que lhe servia de quarto, entrou dentro, e depois de vestir um jaqueta, em cujos bolsos metteu alguns cartuxos, tomou do canto uma espingarda, examinou-lhe cuidadosamente os fechos, e com ella ao hombro despediu pela porta fóra.

Ao vêr o passo decisivo e o aspecto carrancudo, com que o veterano atravessou de S. João de Areias para a contigua freguezia da Graça, ninguem duvidaria um momento de que aquelle homem, de character duro e inabalavel, havia resolvido definitivamente uma questão grave,

e que a resolução, que tomára, nada tinha de santa nem de pacífica.

Ao chegar á Graça tomou o caminho do rio, dirigindo-se para o lado, onde a barca da passagem costumava aproar. Era ali uma pequena e graciosa bahia, naturalmente formada e assombrada por um teixo gigante, cujo tronco durante a noite, servia de amarração á barca. Ao aproximar-se d'aquelle sítio, pareceu ao veterano que estava ali um homem sentado por traz do grosso tronco da árvore, sobre um penedo que havia junto d'elle. Chegou-se mais perto, e viu que aquelle homem era um militar, e que tinha a cabeça pendida para o peito, os braços descahidos, e como que prostrado por íntimo e profundo desalento.

O veterano parou. Quem seria aquelle homem? Seria o amigo, o *outro*? Depois de alguns momentos de indecisão, caminhou resolutamente para a

frente, e bradou a pouca distancia do sítio :

— Olá, homem; quem está ahí?

A estas vozes o militar levantou-se de repellão, e voltou-se de frente para elle.

— Trinta e tres!— bradou rijo, e em voz que assemelhava o grito de um condemnado, pedindo misericordia sobre o potro.

O veterano deu um salto para traz; e de repente o rosto contrahiui-se-lhe nas rugas, que produz o pavor, a bocca semi-abriu-se-lhe, e os olhos espantaram-se-lhe. Depois, assenhoreando-se por um esforço supremo, fitou-o mais firme, e então irradiou-lhe dos olhos a dúvida de mistura com a suprema alegria, e dos lábios sahiu-lhe uma exclamação rija e vibrante, que traduzia plenamente os sentimentos encontrados que o agitavam.

— Aproxima-te — disse o militar já asserenado — Não tenhas receio: sou eu.

O rosto do velho soldado illuminou-se de repente com o resplendor d'aquella alegria quasi insana, com que recebemos a realisação de um desejo, que reputávamos impossivel, e que de súbito nos surge, para assim dizer, de debaixo dos pés. Depois deu mais alguns passos para a frente, machinalmente, como a tento, e sem desfitar o militar.

— Mas, por vida minha!... é... — balbuciou então em voz surda.

— Sou Luiz Vasques de Encourados — replicou placidamente o outro.

— Ah! — bradou aqui o veterano, despeitorando n'este só grito a violenta agitação, que havia minutos lhe estava estuando no espirito. E com elle arremessou-se de um pulo sobre Luiz Vasques, e cingiu-o nos braços com tal for-

ça, que a respiração chegou a faltar ao moço senhor de Encourados.

— Mas é... mas é elle! — balbuciou o Trinta e tres — É elle... Pelo inferno! Não morreu... Mentiu aquelle maroto. Traidor, tu m'as pagarás. Ah! — tornou a bradar de repente — Foi o inferno que te trouxe aqui... Veja... olhe...

E dizendo, correu para a borda do rio, com as feições transtornadas pela ferocidade da raiva selvagem.

Luiz Vasques olhou. Na margem opposta havia descavalgado um homem, que, depois de metter a cavalgada dentro da barca, curvou-se para a desprender da amarração. Luiz Vasques nem teve tempo de o reconhecer.

— Olá-hó! O' d'além! — bradou o Trinta e tres em voz, que assemelhava o som vibrante e metálico do irromper do trovão em trovoadas secas do estio.

O homem aproximou-se, levou a mão

espalmada acima dos olhos, fitou um segundo, e respondeu:

—Eh! lá, homem! Que temos nós, Trinta e tres?

—Repare bem; conhece-o? — replicou o veterano, apontando para Luiz Vasques.

O interrogado tornou a levar a mão acima dos olhos, e, depois de fitar algum tempo, replicou:

—Eu não. Quem é?

—É Luiz Vasques de Encourados — respondeu o Trinta e tres em voz já de todo natural e serena. — Não morreu, foi mentira. Resta agora fechar o nosso contracto.

Assim dizendo, metteu a espingarda á cara, mirou um momento, e desfechou com a pontaria certa dos homens das margens do Cávado.

O outro levou de repente a mão ao peito, cambaleou, e cahiu de bruços so-

bre a borda da barca. Depois balouçou um momento sobre o rio, descahiu, tentou agarrar-se, e por fim baqueou na água, que logo se fechou, espadanando, sobre elle.

De súbito o idiota appareceu de um salto na barca; segurou-se com uma das mãos a um ramo, que o teixo estendia para o rio, curvou-se todo sobre a água, fitou-a um momento, e depois ergueu-se direito e quasi hirto, e entoou funebremente:

— *De profundis clamavi... Requiem eternum dona ei, domine.*

E em seguida poz-se a benzer para todas as direcções, dando gargalhadas desentoadas e medonhas.

— Trinta e tres, aquelle homem era...
— balbuciou Luiz Vasques.

— Era Braz de Paiva — respondeu serenamente o veterano, limpando a cas-soleta da espingarda com toda a fleugma,

de que são capazes em taes actos os homens d'aquella localidade.

O que o rosto de Luiz Vasques exprimiu n'aquelle momento, não pôde resumir-se em palavras. Foi a esperança, a alegria, o espanto e a indignação manifestadas simultaneamente e ao mesmo tempo congregadas n'um todo.

— Vamo-nos d'aqui; — disse então o Trinta e tres — temos que conversar, e é preciso que fallemos de espaço.

Luiz Vasques seguiu-o machinalmente. O veterano parou por fim em S. João de Areias, pegada com os muros do sargento-mór, e debaixo de um carvalho secular, que havia dentro de um bosque, que pertencia á quinta.

— Vamos a contas, senhor — disse então com ar prazenteiro, e sentando-se com visiveis signaes de plena satisfação sobre um combro coberto de verdura, que se levantava ao so-pé do carvalho.

— Trinta e tres, — disse agitadamente Luiz Vasques — antes de tudo ouve-me duas palavras sómente. E' verdade que Camilla já me não ama?

— Que diz, homem!... Coitadinha da pobre!...

— Mas este casamento...

— E elle a dar-lhe! Então isso que tem? São cousas d'aquelle ladrão do Braz de Paiva, do snr. João Peres... e minhas.

— E tuas... tuas! Pois tu atraçoaste a promessa que me tinhas feito?

— E elle a dar-lhe! Deixe-se d'esses berreiros, com um milheiro d'elles! Sente-se, aqui, homem. E escusa de me estar a pôr esses olhos assim. E' como lhe digo. Tenho visto muita cara de papão diante de mim. Pelo inferno!

Estas palavras, que ao leitor talvez se affigurarão de mau ánimo da parte do veterano, nada tinham porém de azedu-

me e muito menos de cólera. O Trinta e tres estava plenamente contente e satisfeito; nunca na sua vida se sentira tão bem. Tudo aquillo portanto não passava de feros ditados pela ironia ou antes pela vontade de chantagear, que a alegria suprema inspirava áquelle homem naturalmente casmurro.

Luiz Vasques reconheceu-o, e de mais não se achava disposto para resentimentos. A felicidade raiára-lhe de novo diante dos olhos com todo o esplendor de outros tempos. Das palavras do veterano saltára-lhe para o coração toda a verdade ácerca do amor de Camilla. Mas, em razão d'aquella extravagante contradicção, que faz com que o homem, em lugar de correr immediatamente ao encontro da ventura inesperada, se compraza em trilhar linha a linha o caminho, que para ella conduz, o moço senhor de Encourados sentou-se com

toda a placidez, e, armado da consciencia de que era feliz, disse-lhe com serenidade apparente e com aspecto de juiz :

—Muito bem, ouvirei. Vamos vêr como explicas o teu procedimento para comigo.

O Trinta e tres soltou uma gargalhada franca e rasgada, como nunca soltára outra em toda a sua vida.

—Como explico!—disse por fim—Essa é de cabo de esquadra! Mas primeiro diga-me cá;—como é que o senhor cahiu na asneira de se deixar passar por morto? como é que não nos deu noticias suas...

—Escrevi sempre, e nunca tive resposta...

O Trinta e tres abriu os olhos cheios de espanto, e fitou Luiz Vasques alguns segundos, como se o não comprehendesse.

—Escreveu sempre!—balbuciou por

fim — Mas porque diabo não nos chegaram as cartas!... Ah! por vida minha! — bradou de repente, batendo rijamente duas fortes palmadas nas coixas — já sei, já sei... Foi aquelle ladrão que nos roubou a correspondencia. Por isso elle me dizia, quando eu ia para Barcellos a ver se havia carta no correio, que não fosse lá, que a não havia, porque já tinha perguntado. E nunca lá achei uma só! Se o ladrão ia primeiro do que eu! Ah! traidor! — acrescentou, rangendo os dentes — e eu que o matei com um tiro! Aquelle só ás facadas...

— Pois será possível! — exclamou Luiz Vasques, fitando-o espantado.

— Possível! Aposto a alma, com um milheiro de diabos! Se o ladrão o que queria era pilhar a menina! E aquelle asno do meu capitão que o não conhecia! Que importava ser sargento-mór ou

não o ser? Olhem que honra, por vida minha!

Luiz Vasques olhava cada vez mais pasmado o Trinta e tres.

— Ser sargento-mór! — balbuciou — Que tinha a sargenteria-mór...

— Pois o senhor não sabe o que vai?

— Homem, por Deus, explica-te.

O veterano passou a mão lentamente pela fronte, abanou gravemente a cabeça, e depois disse:

— Aquelle ladrão merecia um milhão de facadas! E' como lhe digo. E morreu de um estouro, o tunante!... Foi pena que eu o soubesse tão tarde... Pois, senhor, palavra de honra que estou para dar com esta burra d'esta cabeça contra uma pedra!

E dizendo, o veterano poz-se de pé, verde de cólera e sacudindo rudemente a cabeça agarrada entre as duas mãos. Luiz Vasques não estava porém para

aquellas declamaçoens. As palavras do velho soldado tinham despertado n'elle vivissima curiosidade. A ideia de que Camilla não o esquecera em tempo algum, e que o casamento era apenas um peccado venial de João Peres de Villalobos, completava-lhe a felicidade, e tinha pressa em ser feliz, ouvindo da bocca do velho soldado a confirmação da suspeita que d'elle se apossára. Lançou pois mão d'elle rijamente, e fel-o sentar outra vez.

—Peço-te que me contes tudo, ouves? tudo; quero saber tudo —disse-lhe com violentos signaes de impaciencia.

—E' como lhe digo, e não me diga que não —exclamou o veterano, cedendo momentaneamente á cegueira da raiva, que o dominava: mas voltando immediatamente a si, abanou com toda a gravidade a cabeça, coçou umas poucas de vezes e com todo o vagar as mãos espal-

madras nas coixas, e depois disse em tom cheio e quasi pedagógico:

— Pois, senhor, é como lhe digo. Lembra-se de quando nos deixou em Oliveira? Pois desde esse dia nunca a pobre pequena teve mais uma hora de alegria. E depois, com um milheiro!... aquelle ladrão roubava a correspondencia! Fui mais de vinte vezes ao Porto durante aquelles dias, e até estive para partir para o exercito... e era melhor que assim fôra. Mas enfim não fui. E ella a emmagrecer, a emmagrecer... N'isto corre cá na aldeia — «lá morreu o Luizinho em Victoria.» E bumba... cahe-me a pequena doente, e estive a espichar... Palavra de honra! Se o pilhasse n'aquella occasião, cozia-o a facadas! Pois, diga-me cá, senhor; quem o mandou ir de abelhudo para a frente? Diga, quem o mandou... quem o mandou... com um milheiro de diabos!...

E n'isto o Trinta e tres, com os olhos raiados de sangue e os dentes cerrados pela raiva, dava a cada frase um empurrão a Luiz Vasques.

— Mas attende; — disse então este — eu não morri, fiquei ferido... Parecia mal ficar atraz, e depois n'aquelles casos, tu bem o sabes, a gente esquece tudo, e vai para a frente sem mesmo saber que vai...

O Trinta e tres estremeceu como cahindo em si; abanou como entendido a cabeça, e continuou:

— E é assim, tem razão. Eu tambem fazia o mesmo no meu tempo. Mas é que por fim de contas, senhor, a pequena esteve quasi a espichar; e depois nunca mais foi leda, e começou a ente-sicar, a pôr-se amarella... Verá como a vai achar.

— Então Camilla... — balbuciou Luiz

Vasques, fazendo-se pálido como um defunto.

—Tenha mão, senhor, tenha mão—acudiu de repente o Trinta e tres.—O caso não é para esses espantos. Aquillo passa, verá, mal o pesque... Pois sabendo que está livre d'aquelle ladrão!.. Mas vamos ao caso. Como lhe ia contando, queria-me parecer que aquelle ladrão do Braz pretendia metter-se muito comnosco... e depois d'aquella noite que sabe, fiquei-lhe sempre com osga. Mas emfim, senhor, o snr. João Peres é um papalvo. Aquillo tudo são féros, berreiros, e por fim de tudo é um abóbora para quem lhe faz a bocca doce. O caso é que o Braz fez-se muito camarada d'elle, metteu-se com elle de gorra, e por fim fallou-lhe em casar com a Camillinha. Ora, senhor, bem sabe que em outra occasião, se o bargantão ousasse fazer tal proposta ao meu capitão, elle

rachava-o de meio a meio. Pois agora disse-lhe que sim, no caso da filha querer. Aquillo de certo foi olhado que lhe deitou aquelle ladrão. Não podia ser por menos. Eu soube d'isto muito tarde; mas um dia a menina disse-m'o, pedindo-me que não dissesse nada ao snr. João Peres. Eu callei, mas veja como! Trincava os figados de raiva! Por fim foi indo a cousa, e a pobre senhora cada vez mais triste, mais magra; e logo o meu capitão a entristecer tambem, a emmagrecer tambem, a fugir de casa... Vou-me ter com elle, e conto-lhe tudo na bochecha. E digo-lhe:

«—Senhor, a menina não casa com o Braz, nem por seiscentos diabos. Digo-lh'o eu.

«—E quem manda n'esta casa?—berrou elle.

«—Manda vocemecê, e manda muito mal;—berro-lhe eu—mas lá fóra não

manda nada, e eu vou-me áquelle ladrão, e metto-lhe uma bala no bucho ou cozo-o a facadas!

— Elle ficou como que assombrado de raiva. Eu não o estava menos. Estivemos para vir ás do cabo, mas elle por fim pediu-me que não fizesse nada até nova ordem. Pois, senhor, bem vontade tinha eu d'isso, e quando via o ladrão... Ah! por vida minha! se n'aquelles momentos morrera, não me salvava! Passaram-se dias, e o meu capitão sempre a correr para Villar, e de todas as vezes que vinha do mosteiro, cada vez mais triste... cada vez mais triste. Por fim chama-me e diz-me:

«—Trinta e tres, se este casamento se não faz, mato-me...

«—Homem, vocemecê está doudo? —brado-lhe eu; porque devéras tive medo, porque o homem fazia-o, que é capaz

d'isso, e eu vi que elle m'o dizia verdadeiramente.

«—Mato-me, —volveu elle—porque não posso com esta vergonha.

«—Mas que vergonha, por vida minha?

«—Se Camilla não casar com Braz de Paiva, o reitor tira-me a sargenteria-mór. Já m'o tem dito mil vezes, e hoje affirmou-m'o com juramento...

—Fiquei como um demónio. Então elle bradou-me:

«—Homem, pelo inferno! tu queres dar cabo de mim. O rapaz não tem culpa; quem a tem é aquelle ladrão do tio d'elle, o padre Paulo, que póde tudo com o reitor, e que não ha quem o mova d'esta teima. Ainda hontem o Braz lá foi comigo pedir-lhe que cedesse da tal pretensão, mas elle quiz-lhe até bater, e disse que o casamento se havia de fazer por força...

«—Eu vou lá, e mato aquelle ladrão — disse-lhe eu.

«—E então é que se perdem as esperanças de todo, maldito, porque o reitor encanzina-se, e faz-me logo casar a pequena ou me deita fóra de sargento-mór. Ai que ladrão este! Sahe já d'aqui diante de mim.

—Estive para arrebentar, palavra de honra! estive para arrebentar—exclamou aqui o Trinta e tres, voltando-se todo para Luiz Vasques. E depois de o fitar alguns minutos, como que alheado na resolução d'aquella tormenta, continuou:

—Assim passaram dois mezes; ao cabo d'elles diz-me o meu capitão:

«—Trinta e tres, a pequena diz que sim.

«—De boa vontade? — pergunto-lhe eu desconfiado.

«—De boa vontade—respondeu elle.

«—Vou-me a sabel-o—repliquei; e meia volta á direita, e vou ter com a menina. Pergunto-a; responde que sim, e diz-me até que me não mettesse mais no negócio. Bem; se ella quer... vá, com seiscentos diabos! Não sendo contra vontade... O outro tinha morrido... Sim, porque o senhor tinha morrido em Victoria, e eu tinha-lh'a promettido guardar para em quanto vivo, e não para depois de morto. A culpa era sua. Não se deixasse matar. Mas assim como assim entendi cá para mim que lhe devia ser leal á memoria. Fui-me ter com Braz de Paiva, e disse-lhe:

«—Senhor, eu prometti ao snr. Luizinho de Encourados, de lhe guardar a Camillinha, em quanto vivo. Ora por ahí dizem que elle morreu em Victoria; e, na verdade, não ha noticias d'elle. Nem nós as temos, nem mesmo o snr. Fernão Silvestre as tem. Mas não ha certeza

d'isto; póde tudo ser boato, e eu não falto á minha palavra nem pela salvação. Por tanto, o casamento não se faz, porque, palavra de honra, dou-lhe um tiro, e mato-o, antes d'elle se fazer, senão com uma condição.

«—Diga qual é—respondeu elle.

«—Ficar o casamento demorado até eu ir saber novas d'elle. Parto ámanhã para o Porto, e depois vou a Espanha, vou a França, vou a Inglaterra, vou perguntar ao Lord, vou perguntar até ao diabo, mas hei-de voltar com novas certas. E se elle morreu, acabou-se; case-se, com Deus. Sem isto nada feito, e tenho dito.

—Então o ladrão poem-se a pensar um instante, e por fim responde:

«—Olhe, snr. Rodrigues, eu entendo em minha consciencia que vocemecê tem razão, por isso acceito a sua condição. Mas é escusado ir passear mundo

para verificar a morte do snr. Luiz Vasques. Muita gente que veio de Tolosa, m'o disse, e algumas pessoas contaram-me até os pormenores.

— E aqui poz-se-me a contar que o senhor tinha sido ferido por uma bala no peito...

— E duas cutiladas na cabeça, é verdade — acudiu aqui Luiz Vasques.

— E depois que tinha morrido em Victoria, em casa não sei de que conde, muito christãmente, e que tinha sido enterrado com toda a pompa. Disse-me mais que á hora da morte, lhe tinha mandado pedir perdão por uma carta, mas que a carta se perdera, e que o seu camarada...

— Infame! — balbuciou Luiz Vasques.

— E' como lhe digo — continuou o Trinta e tres — Tantas cousas me alanzou, que o parvo de mim chegou a convencer-se, e disse-lhe:

«—Homem, isso será verdade?!

«—Dou-lhe a minha palavra de honra—volveu elle.

—Assim mesmo não sei que me moradia cá dentro, que lhe digo:

«—Homem, isso parece-me assim a modo de historia...

«—Aposto a vida pelo que digo—responde-me elle.

«—Olhe o que diz.

«—Perdão-lhe a morte no dia em que o snr. Luiz Vasques apparecer.

«—O dito, dito—disse-lhe eu então, voltando-lhe as costas.

—Então elle susta-me, e diz-me:

«—E agora promette-me não se oppor ao meu casamento?

«—Case-se, muito embora; mas lembre-se bem, o dito, dito.

—Isto aconteceu aqui ha cousa de quinze dias. O snr. Fernão Silvestre, sabendo-o, escabriu com o meu capitão,

e lá se foi para o solar. A menina finava-se a olhos vistos. Eu dizia então comigo—pois ella consente, e anda assim! Nada, aqui ha cousa. Meu dito, meu feito. Hontem ao pôr do sol vou dar com ella a chorar, sentada á beira do rio, n'aquelle sitio onde o senhor quiz matar o da Barca. Pergunto-lhe o que tem, ella cahe-me a soluçar nos braços, e responde-me:

«—Rodrigues, este casamento é impossivel. A alma de Luiz Vasques perseguir-me-á toda a vida. Sinto-a aqui a fallar-me sempre, dentro do coração. Salve-me, salve-me!

—Ah! senhor, que não sei como não ensandeci de colera. Mas contive-me, para que ella se não apavorasse, e disse-lhe:

«—Deixe estar que a cousa arranjar-se de hoje para amanhã.

—Assim como assim, aquelle ladrão

tinha de morrer ás minhas mãos. Mas, senhor, não sei porque diabo... mas é que ella depois fez-me prometter que não dissesse nada ao pai, nem áquelle bargante... Não dormi toda a noute, por vida minha! Aqui ha cousa — dizia-me não sei o que cá dentro. Assim como assim, eu não deixo casar a pequena. Está visto que casa contra vontade. Assim puz-me a scismar. Muito bem. A'manhã vou-me ao bargantaço, e digo-lhe que largue a pequena com seiscentos diabos, ou se não arrebento-o. Mas não pude dormir, pelo inferno! Levantei-me ainda se não enxergava a boieira, vim tomar fresco para o páteo, porque emfim, senhor, eu tinha promettido áquelle marmello. N'isto chega o tolo e diz-me... Mas, por vida minha! para que se deixou o senhor matar em Victoria? Porque nos não escreveu a dizer que era mentira?

Luiz Vasques, desde que ouvira o

que Camilla dissera ao Trinta e tres, não attendêra a mais palavra alguma d'este. Sentiu-se inundar de felicidade, sentiu-se desfallecer, viu o céu aberto diante de si. Ergueu-se então, e disse-lhe em voz trémula, e com os olhos húmidos do íntimo júbilo em que trasbordava:

—Eu vou vêr Camilla, vou dizer-lhe que Luiz Vasques vive, que era o amor que lhe fallava dentro do coração...

—E diz bem, por vida minha!—exclamou o veterano, pondo-se de pé—Vamos acabar o inferno d'aquella pobresinha.

E dizendo, tomou a espingarda, e poz-se a caminho. De repente atirou dois saltos de garoto, espicaçado subitamente pelo diabo da travessura, e bradou em voz que entoava toda a alegria que o agitava:

—Pelo inferno! D'esta vez sempre danço na boda.

E continuou apressado rodeando o muro da quinta. Mas quasi ao chegar ao portão, tornou a parar de subito, e voltando-se para Luiz Vasques, bradou:

—Alto; olhe que a íamos fazendo fresca. Se o senhor lhe apparece de súbito, ella morre, por vida minha!

—E' verdade!—balbuciou Luiz Vasques, fitando o veterano com toda a estupidez, que domina o homem agitado por uma ideia, que de todo o absorve, e que portanto o inhabilita para resolver qualquer difficuldade, por mais somenos que seja.

O veterano aprumou o dedo indicador da mão direita sobre os lábios cerrados, pensou um minuto, e ao cabo exclamou:

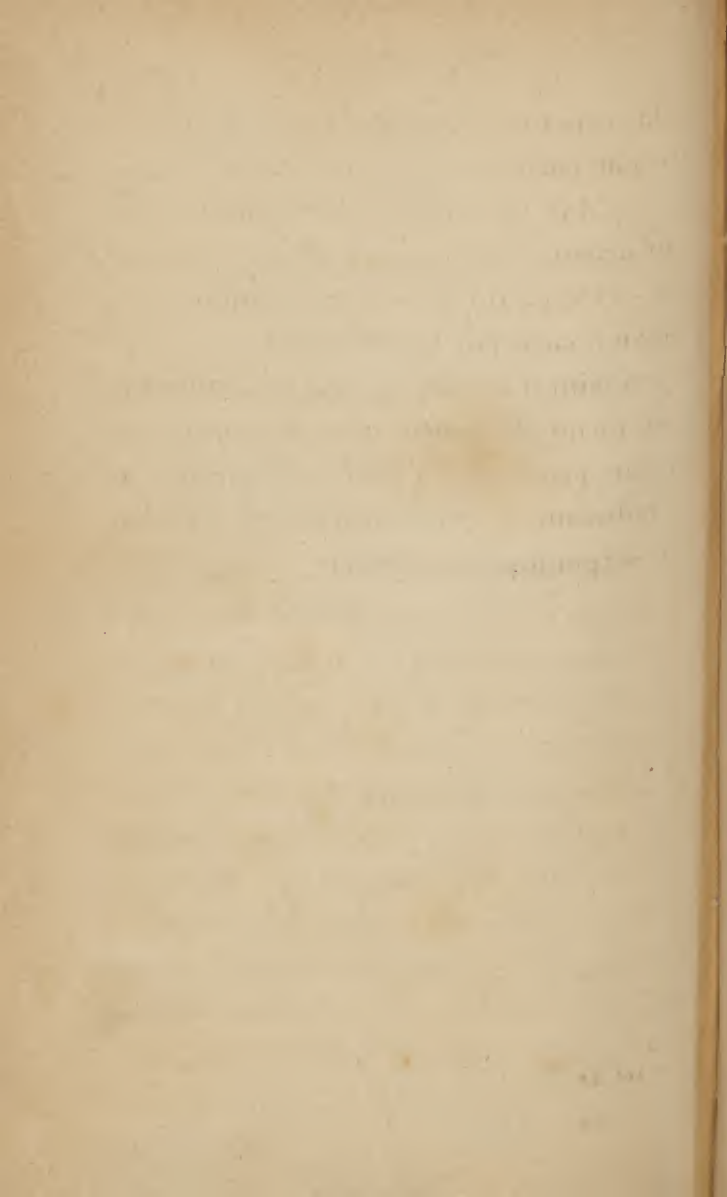
—Ora sempre sou bem asno! E não me lembrava! Entramos pela banda da capella, o senhor sobe até á porta da

sala, espera, entretanto que eu vou dentro dar parte...

—Mas vê como o fazes, que não vá por acaso...

—Perca o cuidado. Sou muito fino; deixe o caso por minha conta.

Assim dizendo, os dois continuaram em torno do muro, até ao portão da frente principal da quinta, abriram-n'o e entraram por fim para dentro da casa do sargento-mór de Villar.



XVIII

Colhei, colhei asinha
Em tão bom porto as velas venturosas,
O' humilde barquinha;
Pois com maré de rosas
Escapasles das syrtes arenosas.

M. DA VEIGA. *Laura de Anfriso.*

João Peres de Villalobos, depois que a vida lhe começára a correr agitada pelos acontecimentos de que o leitor tem noticia, não dormia as noites com aquelle repouso e somno folgado, que é necessario para que um homem se levante de madrugada da cama. Havia muito portanto que se desprendera d'aquelle antigo hábito madrugador, e tambem que deixára por isso de presidir ao almoço dos criados, delegando esta importante funcção de chefe de familia mi-

nhota no seu *alter ergo*, o inalteravel Trinta e tres. Além d'esta razão allegava elle outra, que era o querer fazer companhia á filha, cujos hábitos e cuja debilidade repugnavam com as madrugadas aldeãs.

No dia em que estamos, João Peres levantou-se já o sol era nado havia muito. Vestiu-se, philosophou carrancudo sobre o que lhe ia de tormenta em casa e no espírito, e por fim, para matar o tempo que ia d'ahi até que a filha acordasse, e se apromptasse para o almoço, resolveu ir tomar o fresco até ás margens do Cávado. Em cabello, porque não era homem que se receiasse do ar da manhã, sahiu do quarto pé ante pé para não fazer barulho, que acordasse a filha, que dormia no quarto contíguo ao d'elle, e assim se dirigiu para a saleta de entrada, cuja porta dava sahida, por uma escada de pedra, para o páteo, que fica-

va pela parte de dentro da porta principal.

Ao abrir a porta da sala, ficou surprehendido. Camilla estava sentada a uma janella, que dava para o páteo, com a cabeça reclinada sobre a mão, o olhar fito abstractamente no arvoredo fronteiro, e as lágrimas a correrem-lhe em fio e mansamente pelas faces abaixo.

Ao pasmo que manifestou o sargento-mór, ao ver a filha ali e n'aquelle estado, correspondeu da parte d'ella o abalo de quem se sente inopinadamente surprehendido, e que deseja occultar o que está fazendo.

João Peres estava o mesmo homem, que ao tempo que o leitor o principiou a conhecer. Como o Trinta e tres, não era elle homem para tolerar gracinhas ao tempo. Mas se o organismo lhe podia lutar com vantagem com as influencias do tempo, o espirito não era egualmente

robusto para resistir aos estragos das grandes paixoens. Assim o rosto de João Peres manifestava claramente nas rugas, que o sulcavam, que violentas e mui violentas commoçoens tinham agitado, e continuavam a agitar a alma do rude soldado do Roussillon.

Em Camilla porém havia muito notaveis alteraçõens. Já não era uma mulher criança; era o typo da mulher perfeita em todo o esplendor das graças donairosas, que attinge a mulher formosa quando toca a idade, em que se completa aquella obra a mais mimosa de Deus. O corpo tinha-se-lhe desenvolvido graciosamente, os gestos tinham perdido o acanhamento infantil do despontar da aurora da juventude, e do todo irradiava a magestade admiravel, que acompanha a belleza das mulheres, a quem Deus concedeu aquelle poderoso sentimento de dignidade própria, que, como a egide

da Minerva antiga, petrifica e annulla os olhares audaciosamente brutaes do sexo que é despota, porque é forte. O rosto formosissimo, verdadeiro modêlo da virgem do evangelho, que é o architypo da belleza e das graças da mulher, perdera o frescor indefinido da infancia. O botão desabrochára em formosissima rosa, a belleza embrionária completára-se, e as feições da innocente, que provocavam beijos e affagos, haviam-se transformado n'um rosto, diante do qual o amor ajoelhava com admiração. A dôr immensa mas resignada, que a minava sem cessar, fazia-a ainda mais bonita. A pallidez, que manifestava sobre as faces, areolada dos resplendores da melancolia triste mas serena, dava-lhe o aspecto de uma santa formosissima e meigamente resignada, que se adora de joelhos, sem a desfitar e com as lágrimas a correrem docemente pelas faces abaixo. O tímido

anjo da innocencia de outros tempos afigurava-se agora o anjo da resignação, a cumprir sem se queixar a sua missão sobre a terra, desterrado da vista de Deus e a suspirar incessantemente por ella.

Ao ver o pai, Camilla tentou disfarçar as lágrimas, e para isso ergueu-se de subito, e voltando-se para a janella, limpou-as. Depois, dirigiu-se para o pai, affectando um sorriso que debalde pretendia apparentar alegria.

— Bons dias, meu pai—disse, curvando-se para elle e tomando-lhe a mão. — Vai sahir tão cedo!..

João Peres, immovel e com o rosto radiante de afflicção, deixou ir machinalmente a mão ao grado dos movimentos da filha. Por fim tomou-a com amor pela cintura, e foi sental-a n'uma cadeira, que ficava a pouca distancia da janella. Então ficou de pé em frente d'ella, fitando-a

e com as mãos enlaçadas convulsivamente uma na outra.

—Camilla... filha... —rompeu finalmente com voz afflicta—Pelo inferno! Isto não póde ser assim, entendes? isto não póde ser assim...

—Mas que lhe fiz, meu pai?—balbuciou em voz trémula a pobre menina, fitando n'elle os seus grandes olhos cheios de lágrimas.

—Tu... tu? Tu nada, filha... tu és uma santa, Mas, por alma de meu pai! entendes... eu arrebento. Dizes que sim, consentes... e choras, estás sempre a chorar, e á medida que o tempo se adianta, entendes? cada vez estás mais triste... cada vez te matas mais... Por vida minha!..

—Mas que lhe hei-de fazer, meu querido pai?—respondeu tristemente Camilla.

—Que lhe has-de fazer! Por vida mi-

nha! Mas então casas contra vontade, entendes?... mas então não queres casar com elle...

—Eu disse que sim voluntariamente, meu pai; creia-me que o não fiz por medo de si...

—Por medo de mim! Pois tu havias de ter medo de mim!.. Se o pensára, por alma de meu pai, entendes? arre-bentava a cabeça contra aquella parede. A minha filha ter medo de mim... eu a pôr medo á minha Camilla!..

—Meu pai... meu querido pai!..
—balbuciou Camilla, aterrada pela exaltação do sargento-mór.

—Mas olha... isso não, isso não me mettes tu na cabeça. Se casasses por vontade, não andavas a chorar, não te amofinavas assim...

—Mas olhe, pai, não me disse que o reitor o lançava do seu cargo, se eu não casasse com o sobrinho do padre Paulo?

— Com Braz de Paiva. Sim, pelo inferno! assim é.

— E que não poderia resistir á vergonha de perder o emprego que seu pai lhe tinha legado...

— Assim é, assim é, filha...

— Então não devia eu consentir voluntariamente, meu querido pai? — exclamou Camilla, abraçando-o com meiguice.

O sargento-mór arredou a filha de si com doçura.

— Mas isso não é por vontade; isso é sacrificares-te...

— Não é por vontade! Pois o pai obrigou-me a dizer que sim? Não, o pai deixou-me livre na minha vontade. Disse-me só que, se eu ficasse solteira, o pai perderia o seu cargo, e se o perdesse, talvez que morresse de vergonha. Era terrível a alternativa em que me poz; mas fez bem dizer-me a verdade, meu

pai. Deus o abençoe por isso. Eu escolhi o casar, e dizer que sim; não foi portanto por minha livre vontade?

O sargento-mór deu alguns passos agitadamente na casa, e por fim exclamou:

—Não... não, pelo inferno! Não, digo eu agora, ainda que tu digas que sim. Tu consentes contra vontade, entendes? não me digas que não; sei o que digo. Portanto, filha, peço-te pela alma de tua mãe que me digas se é tal a tua aversão a Braz de Paiva que reconheças que nunca has-de ser feliz, entendes? que nunca o has-de poder ver, como hoje, entendes?..

—E isso que importa? — atalhou resignadamente Camilla — O que quero é que o pai não soffra nada por minha causa. Depois na verdade que importa o casar ou não casar? Olhe, meu querido

pai, isto está por pouco. A minha tosse já me não deixa dormir...

—Filha! filha!—exclamou o sargento-mór, espantando-se.

—Eu sei que morro... sei que morro—continuou Camilla com serenidade, mas com sensível allucinação—sinto a morte a minar-me aqui no coração... ha muito... desde que Luiz morreu. Oh! morro, morro... Graças, Senhor, graças!... Que importa pois que eu case com Braz de Paiva, meu pai?—continuou, fitando-o com olhar luzente—A sua honra fica salva, e eu nada soffro com isso... nada... nada, porque sei que morro... que morro mal sahir da igreja, e depois, no outro mundo, Luiz ha-de perdoar-me, porque lhe hei-de contar tudo... tudo o que tenho soffrido. Meu pai,—acrescentou, lançando-se de repente de joelhos—por alma de minha mãe, pelo amor que me tem, peço-lhe

que, depois de eu morrer, me não deixe tirar isto do seio... que me mande enterrar com isto... E' o retrato do meu noivo... de Luiz, lembra-se? aquelle medalhão que elle me deu na vespera de partir para a guerra... Não permitta que o outro m'o tire... Prometta-m'o, meu pai; prometta-m'o, meu querido pai...

E assim dizendo, arrastava-se de joelhos, e com os olhos cheios de lágrimas de anciedade e de afflicção, para junto do pai, que de pé, com os olhos espantados e os cabellos eriçados na cabeça, tinha os olhos fitos n'ella, brilhantes da demencia do terror.

Ao ouvir-lhe as ultimas palavras, João Peres soltou um grito medonho, correu a ella, cingiu-a convulsivamente entre os braços, e balbuciou em voz cavernosa e mal articulada:

—Filha... filha... que me matas!..



Prometta-m'o, meu pai



Teve-a assim um momento apertada com força contra o peito. Depois, mais sereno e mais senhor de si, foi sental-a outra vez na cadeira, e ficou de pé junto d'ella, fitando-a, sem fallar e com o suor da agonia a borbulhar-lhe na fronte.

— Socega, filha, — disse por fim — e attende ao que te vou dizer, e se depois, entendes? se depois ainda sentires a mesma aversão, diz-m'o, por Deus! diz-m'o. Este casamento não se ha-de fazer assim. Não, por um conto de diabos! não, que o não quero eu.

E depois de parar um momento continuou:

— Olha, Camilla, se te quero casar com Braz de Paiva, não é tanto por mim, como por ti mesma. Que leve o diabo as sargenterias-mores d'este mundo. Depois tiravam-m'a? E que importava, se tu ficasses alegre, se sarasses, se me ficasses por toda a vida? E depois, pelo

inferno ! um soldado de Belver e de Puig-Cerdá não se insulta assim... Restava-me o prazer de me vingar d'elles, e, por alma de meu pai ! isso e a saude de minha filha vale bem um milhão de sargentos-mores. Mas eu estou velho, Camilla, e tu és mulher, e depois da minha morte...

— Oh ! não ficarei atraz de si, meu pai...

— Ficarás... ficarás. E não me digas que não, que era para me fazer perder a salvação. Ficarás... E depois, sósinha, uma mulher... Se Luiz Vasques fosse vivo, aquelle grande moço que Deus levou, nunca serias de outro ; mas elle morreu, e por causa d'isso não has-de tu ficar solteira... para ahi sósinha...

— Meu pai, a mulher que prometteu a Luiz Vasques que nunca amaria outro, não pode ser feliz faltando ao que prometteu.

—E porque não, por alma de meu pai? O que se não póde remediar, remediado está, entendes? Elle morreu, foi pena; mas então? Ha mais homens n'este mundo, e ainda que não sejam tão bons como elle, podem fazer feliz uma mulher, entendes?...

—Não, meu pai, fôra impossivel. Homens como Luiz até do outro mundo vêem reclamar as promessas que n'este se lhes fizeram. Nunca poderei ser ditosa, porque...

—Podes... podes. Com um milheiro de diabos! quem se atreveria a fazer infeliz a filha do sargento-mór de Villar? Nem o próprio satanaz o ousaria; e ainda que Luiz era valente, por vida minha!.. E demais elle queria-te como aos olhos da cara... gostará de te ver feliz...

—Engana-se, meu pai — interrompeu Camilla. E depois, poisando a mão sobre o coração, continuou: — Olhe, sin-

to continuamente a voz d'elle aqui a recordar-me os nossos mútuos juramentos, vejo-o em sonhos, ouço-lhe até a voz a chamar-me sua, e ainda ha pouco me parecia vel-o alli volitar no espaço, quando estava a olhar pela janella...

E Camilla apontou ao dizer estas palavras para a janella, lançando o olhar sobre o firmamento. De repente ergueuse, fitou os olhos espantados, levou a mão ao coração, deu um grito dilacerante, e cahiu como morta sobre a cadeira espaldar, em que estivera sentada.

João Peres recuou no auge do terror. Depois correu a ella, apalpou-lhe as faces e as mãos, e, ao sentil-a gelada, deu um grito terrível e correu como doido para a porta da sala, que abriu de um só repellão, e d'ahi principiou a bradar em voz entoada pela expressão da mais tremenda agonia:

— Javel... Javel... Clara... Ma-

ria... acudam, acudam! A'gua! Javel... A'gua... água... Pelo inferno! Maria... Javel... A'gua... tragam água... Depressa... depressa...

E, a bradar sempre, tornou a voltar para junto de Camilla, e principiou a teat-a desassisadamente, e balbuciando palavras sem sentido e inspiradas pela demencia do terror e da afflicção.

Então a porta da sala abriu-se, e o Trinta e tres arremessou-se para dentro.

— Que é isto, capitão, que é isto? — bradou atrapalhado.

— A minha filhinha morreu... a minha filhinha morreu — balbuciava como louco o sargento-mór, mexendo e teatando atrapalhadamente o corpo de Camilla.

A estas palavras Luiz Vasques entrou de um salto para dentro da sala, e voou ligeiro como o pensamento para junto de Camilla. Arredou então João

Peres com violento empurrão, e tomou a amante nos braços.

— Camilla... Camilla... Camilla!..
— balbuciou elle em som cavernoso, e atirando as palavras ás golfadas pela bocca fóra, como se fossem sangue lufado pela ruptura de uma artéria.

E ao mesmo tempo o rosto descompoz-se-lhe medonhamente. Cobriu-o a pallidez esverdeada do homem morto pelo desespêro, as faces sulcaram-se-lhe em rofêgos violentamente contrahidos, e os olhos sumiram-se-lhe para dentro das órbitas, arremessando de lá a luz feroz da allucinação do suicída.

Ao receber o empurrão de Luiz Vassques, que, apanhando-o desprevenido, o fez parar a distancia de Camilla, o sargento-mór soltou um grito ferocissimo, e arremessou-se cego de raiva satânica sobre o aggressor. O Trinta e tres reteve-o porém ao passar, e João Peres teve

tempo de fitar o homem, que tinha diante de si.

—E' elle... é elle... por alma de meu pai!—balbuciou em voz surda e recuando espantado como um autómato.

—E' elle, sim, é elle, em corpo e alma, vivo e sã. Volte a si, snr. João Peres—balbuciou o veterano, que não despregava os olhos, luzentes de anciedade, de cima do rosto de Camilla.

N'isto as criadas entraram de repelão na sala, e Javel correu para Camilla com uma tigella de água nas mãos. O Trinta e tres arrebatou-lh'a, e ia a despejal-a em cheio sobre o rosto da pobre menina, quando esta, por felicidade, estremeceu, e abriu de repente os olhos, que cravou no rosto do pai, que estava como collado ao solo pelo espanto e pelo terror.

Ergueu-se então de repente, hirta e pállida como um cadaver, sustentada

pelo braço com que Luiz a cingia pelas costas, e disse em voz sobrenatural, sem desfitar João Peres :

— Meu pai, este casamento é impossível... Eu vi a sombra de Luiz... era elle... era elle...

Um grito de suprema ventura sahiu dos lábios do moço senhor de Encourados.

— A sombra não, anjo da minha vida, — balbuciou — a sombra não... E' elle... é elle próprio. Repara em mim, minha Camilla adorada, sou eu... é Luiz que te falla... que está vivo... que está junto de ti... Anjo... anjo da minha vida...

Ao som d'aquella voz querida, Camilla estremeceu, como se a tocára uma pilha galvânica. Depois tombou sem forças sobre a cadeira, e procurou quem soltára aquellas palavras. Luiz Vasques descahira ajoelhado aos pés d'ella, de modo

que quando a pobre innocente o encontrou com os olhos, achou os do amante fitos em si, e radiantes da mais doce expressão de amor e de felicidade.

Camilla fitou-o alguns minutos como que allucinada. Por fim o rosto começou-se-lhe a serenar pouco a pouco, um sorriso de amor e de ventura suprema encrespou-lhe ao de leve a pequenina bocca. Fechou então os olhos, ergueu as mãos, e os lábios começaram a mover-se-lhe como repetindo uma oração intima, ao mesmo tempo que pelas faces abaixo deslisavam suavemente as lágrimas. Depois os lábios pararam — as mãos descahiram — a respiração deixou de sentir-se...

Morreria de felicidade?

Luiz Vasques assim o suspeitou por um momento. Ao vel-a assim, soltou um grito terrivel, tomou as mãos d'ella nas suas, e fitou-a com anciedade terrivel.

Mas os lindos olhos de Camilla tornaram a abrir-se. Aos pés d'ella estava Luiz Vasques, e de um lado o pai engolindo as lagrimas e remexendo-se convulsivamente agitado, e do outro o Trinta e tres fitando-a anciosamente. Um sorriso de amor e de suprema ventura tornou a enflorar os lábios da linda menina; mas a felicidade prostrára-a, e tirára-lhe as forças a ponto de a não deixar fallar nem mover-se.

Então o sargento-mór ergueu solenemente as mãos sobre as cabeças dos dois amantes, e exclamou:

—Deus vos abençoe, e me tire os annos, que ainda tenho de viver, e os centupleque em vós cheios de milhares de venturas.

De repente parou, e, voltando-se para o Trinta e tres, bradou a meia voz:

—Trinta e tres, sentido! Vai ter com o meu compadre Fernão Silvestre, e diz-

lhe o que se passa, entendes? Quanto a mim vou-me lá, vou dar cabo d'aquelle bargante da Barca...

— Perca o cuidado; já outro andou primeiro do que vocemecê — respondeu fleugmáticamente o Trinta e tres.

— Como, homem! Pois o ladrão morreu?

— Esta manhã, com Deus. Fui eu que o estoirei, e o mandei de presente ao diabo.

— Nunca as mãos te doam. Bem ha-jas — volveu o sargento-mór. — Que a bem dizer foi mal feito, entendes? e foste muito atrevido em me tirares o que me pertencia — accrescentou para não perder o costume de contradizer mesmo aquillo que mais o contentava.

O Trinta e tres encolheu os hombros, e apontou para Luiz e para Camilla.

A linda menina tinha a fronte pendida para a fronte de Luiz. Os lábios dos

dois já se tinham tocado umas poucas de vezes, e os olhos, radiantes de amor e de ventura, não se podiam desfitar, como que a communicarem-se os mil milhares de sensações, que a lingua não tinha palavras para dizer.

Era que a felicidade raiava outra vez em pleno brilho para elles.

N'essa mesma tarde o sargento e Luiz Vasques entravam nas ruinas dos paços de Encourados, e penetravam dentro do asylo do velho cavalleiro.

— Meu tio, — exclamou Luiz — venha abraçar o pai da minha noiva.

O velho cavalleiro deu um salto ao ouvir aquellas palavras, e ao vêr diante de si o seu velho camarada, que estava acanhado pela consciencia da asneira, que fizera.

— E tens cara para apparecer diante de mim, João Peres? — disse rudemente.

— Compadre, uma asneira todo o

mundo a faz, entendes? E demais eu pensava que o nosso Luiz era morto.

Seguiu-se uma polémica renhidiíssima, em que o sargento-mór contradizia com todas as forças dos seus robustos pulmões as accusações de Fernão Silvestre, entoadas com igual valentia.

Luiz Vasques deixou-os despeitorar á vontade, seguro de que a amizade extremosa, que os ligava, havia por fim de despartir agradavelmente a referta.

O sargento-mór foi quem se incumbiu de a terminar. Batido pelo amigo em todos os reductos da sua defeza, exclamou por fim :

— Compadre, sou um pedaço de asno, entendes? Tenho dito, e não me digas que não, com um milheiro de diabos! Sei o que digo. Portanto acabou-se; vamos casar os rapazes.

— Vamos, com Deus — replicou Fer-

não Silvestre, satisfeito da confissão, que o amigo fizera da sua derrota.

Os tres sahiram por fim para S. João de Areias, aonde Fernão Silvestre não teve remedio senão tornar a recolher-se, vencido d'esta vez pelas imprecacoes atroadoras do sargento-mór, e pelas mais suaves persuasoens de Luiz, que lh'o rogava em nome de Camilla.

Ao sahir das ruínas, Fernão Silvestre parou, e, apontando para ellas, disse ao sobrinho:

—Luiz Vasques de Encourados, o solar de teus pais não deve ficar assim. E' preciso levantar outra vez essas ruínas, fazer reviver o alcacer de teus grandes antepassados, mas digno de ti, digno da alta fama dos teus feitos —

Em dilatal-o cuida, que em terreno
Não cabe o altivo peito tão pequeno.

—Meu tio, —replicou Luiz Vasques

— eu penso ha muito na reedificação do solar, e, já que me falla n'isso, aproveito a occasião para lhe rogar o favor de se encarregar da direcção das obras.

Fernão Silvestre arremessou-se nos braços do sobrinho, cheio de orgulho e de satisfação.

— Obrigado, sobrinho, obrigado. Aceito.

E depois poz-se a caminho desafoadamente, e declamando em voz sonora e de cabeça alta:

Eu que bem mal cuidava que em effeito
Se pozesse o que o peito me pedia ;
Que sempre grandes cousas d'este geito
Presago o coração me promettia ;
Não sei porque razão, porque respeito,
Ou porque bom signal que em mim se via,
Me poem o inclito rei nas mãos a chave
D'este commettimento grande e grave.

Quinze dias depois os sinos da igreja do couto de Encourados andavam em bolandas, agitados pelos criados do rei-

tor da freguezia, que era ainda feitura do finado Vasco Mendes. O couto estava todo alvoroçado por festas e alegrias. A atmospherá resoava atroada pelo estoi-
rar dos foguetes, pelo estrondo dos tiros e pelo rebombar dos morteiros.

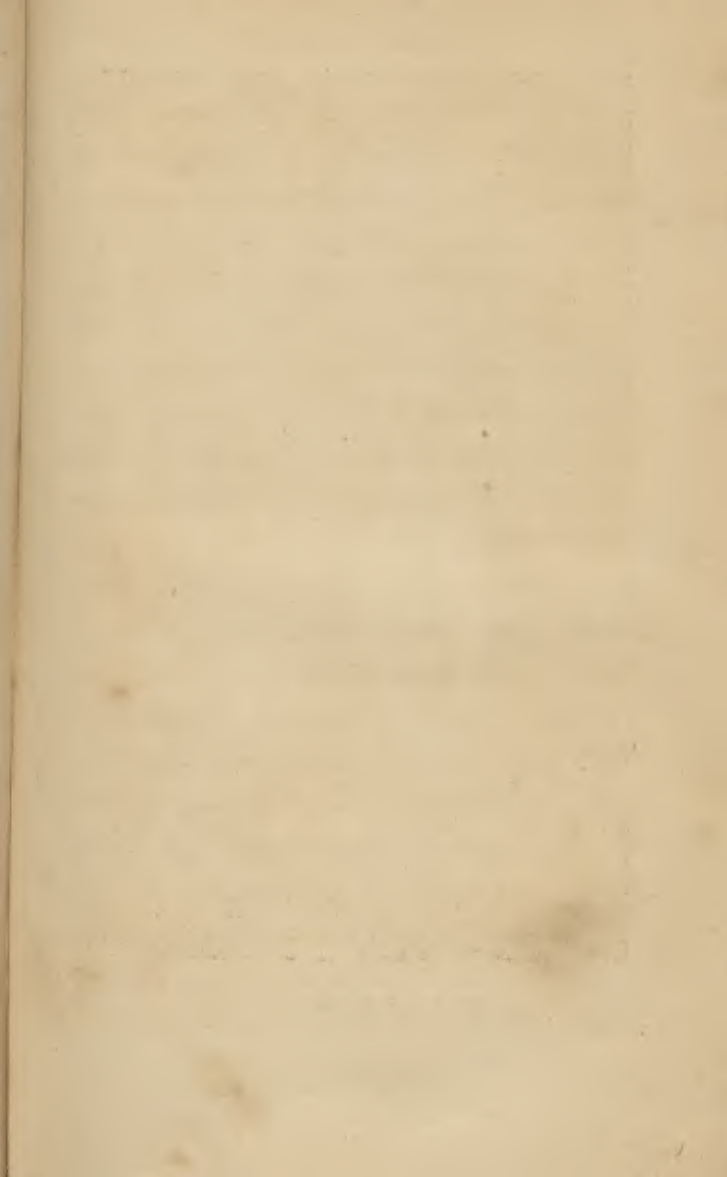
N'esse dia ás onze horas da manhã, o tenente-general Luiz Vasques de Encourados, senhor donatário d'aquelle couto, e Camilla de Villalobos, filha única do sargento-mór de Villar, juravam diante de Deus serem eternamente um do outro.

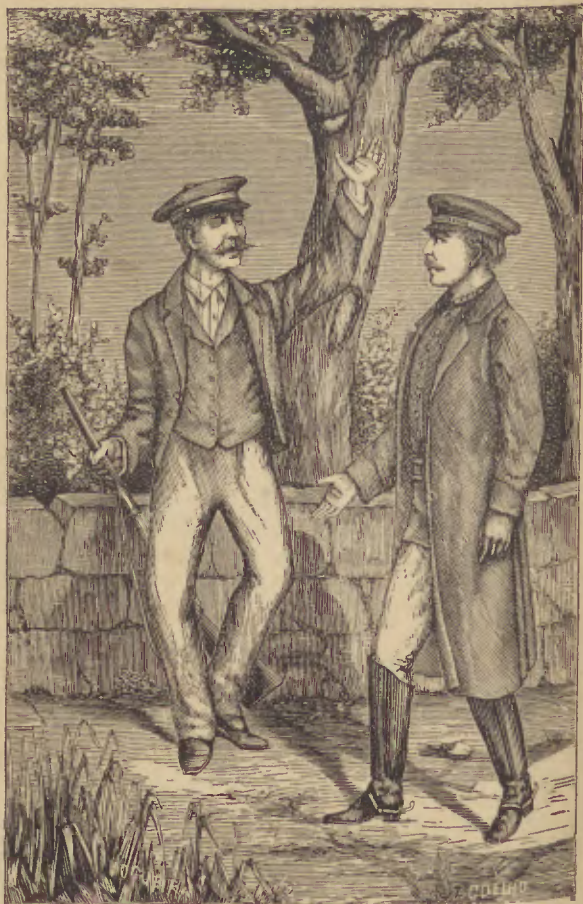
O casamento foi feito com todas as solemnidades. Houve missa cantada, a que assistiram muitos fidalgos dos arredores, que, apesar de não terem em muito respeito a fidalguia da noiva, tinham em muita veneração a fidalguia do esposo, e sobretudo os dobroens do velho sargento-mór. Este e Fernão Silvestre foram os verdadeiros heroes da festa. O

velho cavalleiro não prescindiu de nenhuma formalidade das que eram devidas ao sobrinho, e em razão d'elle á noiva. Foi elle próprio que lhes serviu de pagem durante toda a festa, de que era além d'isso rígido mestre de cerimónias, e quem no fim d'ella empunhando o thuríbulo, os incensou com a terrível fumurada dos tres ductos de incenso, a que tinham direito os senhores donatários d'aquelle couto. Fernão Silvestre estava radiante de felicidade, ao ver pôr rigorosamente em prática todas as velhas usanças, que recordavam a grandeza dos antigos ricos-homens de Encourados.

Em quanto a João Peres de Villalobos, esse gozava por outro modo. Vestido inteiramente de novo, revia-se orgulhosamente na farda côr de esmeralda, nos grandes laços de rendas da gravata, e nos cordoens que lhe atavam á

cinta a terrível espada de Belver e de Puig-Cerdá. Movia a cabeça em todas as direcções com vagarosa sobranceira, impondo com o olhar a admiração da sua grandeza, da sua felicidade e da felicidade de sua filha. De quando em quando assentava, por desfastio, um murro ou um pontapé n'algum desgraçado lapónio, que ousava passar desrespeitosamente por diante de tanta magestade. Fôra elle de mais quem abrira o cortejo para a egreja, caminhando na frente com gravidade soberana, e assombrando os espectadores com a enormidade do seu novo chapéu embicado e com a severidade magestosa com que remexia o corpo nas encóspias do vistoso fardamento. Na volta da igreja não quiz ceder aquelle logar a ninguem, apesar de ser outro o que lhe competia; e á meza do lauto jantar de boda, que, por exigencia de Fernão Silvestre, se serviu





D'esta vez sempre danço na bôda

nas ruínas do solar, despeitorou toda aquella soberanissima alegria, libando brinde sobre brinde á felicidade dos noivos, aos filhos e netos que haviam de ter, a Fernão Silvestre, aos senhores de Encourados, e por fim aos heroes de Belver e de Puig-Cerdá.

Ao Trinta e tres tocou tambem uma parte eminente na grande festa. Foi elle quem dirigiu a mosqueteria do couto, e quem teve a glória de pôr fogo ao primeiro morteiro, que atroou a freguezia em honra dos noivos. Ao jantar não foi entre os criados mais parco em brindes do que o amo o foi entre os senhores. Por essa razão foi elle quem mais estenden as honras da festa. Na manhã do dia seguinte ainda foi achado a solemnisal-a, roncando de barriga para o ar, entre as ruínas do solar com uma bem-aventurança, com que depois se confes-

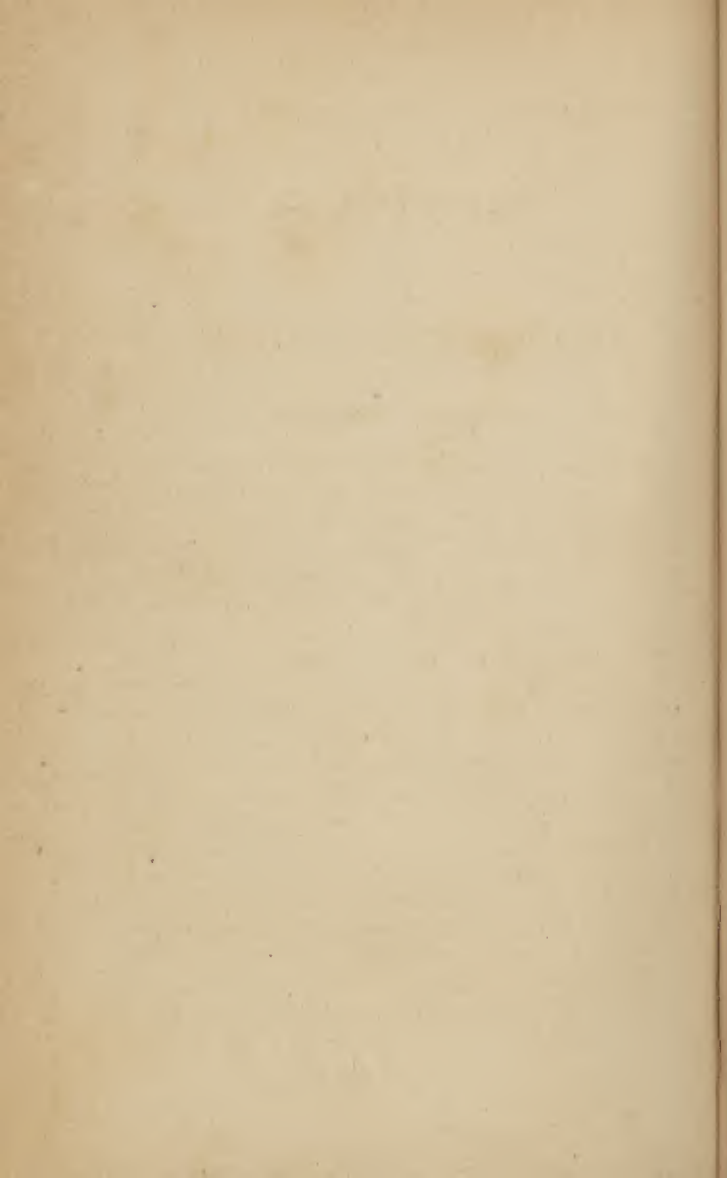
sou por bem pago das attribuições, que tinha soffrido até então.

Durante tres annos o céu fez chover, a plenas mãos, lirios e rosas sobre aquella ditosa familia. Ao fim d'elles, uma grande desgraça enluteu aquella felicidade. Fernão Silvestre, dirigindo em pessoa o apeiamento de uma das paredes do solar, que o fogo desaprumára, foi esmagado por uma pedra, que improvistamente resvalou do alto do muro. O velho cavalleiro morreu como devia morrer um homem d'aquella témpera, e morreu como desejava. Acabou dentro do solar dos seus antepassados. A realisação d'este seu desejo não deixou contudo de causar profundissima dôr a todos aquelles, que tão devéras o estremeciam, e de cuja felicidade era sincero compartilhador. Diante d'esta dôr, cahida de súbito no seio d'aquella ventura,

se elle podésse, repetiria então, com o seu poeta favorito :

Assim vai alternando o tempo irroso
O bem co'o mal, o gosto co'a tristeza.
Quem viu sempre um estado deleitoso?
Ou quem viu em fortuna haver firmeza?

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO VOLUME.



NOTAS

(DO PRIMEIRO VOLUME)

Nota I — Pag. 10

O primeiro mosteiro de monges do monte Cassino ou de S. Bento, que houve na freguezia de S. Salvador de Villar de Frades, foi fundado, segundo se diz, por S. Martinho de Dume, arcebispo de Braga, no anno de 536. Século e meio depois succedeu a invasão dos árabes, e o humilde cenóbio, que outra cousa não era a fundação do santo arcebispo, foi desolado como tantos outros de maior vulto do que elle. N'este estado se conservou até o anno de 1100, em que D. Godinho Viégas, ascendente dos senhores de Azevedo, o reedificou mais vantajadamente, e dotou de grandes rendas, reservando-se certas regalias e privilegios, de alguns dos quaes continuaram a gozar os seus successores até á total extincção do convento, em 1832. Todos sabem o auge de opulencia e poderio, a que chegou a ordem dos beneditinos, e todos sabem tambem que os excessos e abusos, a que esta opulencia a levou, a fizeram cahir tão abaixo, como cahiram mais tarde os jesuitas, que séculos depois conseguiram exceder a antiga grandeza d'ella. No século xv o mosteiro

de Villar estava abandonado, porque a ordem já não podia sustentar dois mosteiros tão próximos como eram Tibaens e Villar. N'esta época Villar já era dominio dos arcebispos de Braga. Foi então que da seguinte maneira se levantou a nova congregação monástica, que possuiu Villar até 1832. Mestre João, famoso médico de el-rei D. João I, que depois foi bispo de Lamego e de Vizeu, e Afonso Nogueira, doutor bolonhez *in utroque jure*, que depois foi bispo de Coimbra e de Lisboa, juntando-se com Martin Lourenço, afamado pregador, e outros amigos, resolveram abandonar o mundo e recolher-se aonde podessem servir a Deus em vida contemplativa. Com esse intento sahiram de Lisboa, e vieram peregrinando até o Porto, onde o bispo D. Vasco II, grande amigo de mestre João, que em Lisboa o havia curado de grave enfermidade, os acolheu benignamente, e lhes deu, para habitarem, a igreja de Santa Maria de Campanham. A transferencia de D. Vasco para o arcebispado de Evora foi grande calamidade para a devoção dos pobres cenobitas. D. Durando, que lhe succedeu, não tendo as mesmas rasoes de affecto para com mestre João, consentiu que o cura de Campanham, que via com maus olhos os intrusos habitantes da sua igreja, os expulsasse, e lançasse á força fóra d'ella. Viram-se os pobres devotos sem abrigo, e, assim desalentados, continuaram a sua peregrinação até Braga, onde foram bem recebidos pelo arcebispo D. Fernando da Guerra, que, condoído d'aquella orfandade, fez mestre João pároco de Villar, aonde se acolheu com os companheiros. Succedeu isto em 1423. O que lhes acontecera no Porto trazia, porém, sobresaltados aquelles bons homens, que de um mo-

mento para outro poderiam ser expulsos de Villar, como o tinham sido de Campanham. Aquelle trágico exemplo avisou-os que não deveriam descansar unicamente no respeito que a sua vida exemplar e devota inspirava aos fieis, pelo que, para occorrer a novas provações, pensou mestre João, e pensou bem, que era melhor fazer de Villar coisa sua, do que usufruil-a por beneplácito de estranhos. Tomou, pois, o caminho de Roma, e lá, depois de muitos trabalhos e sollicitações, alcançou por fim, por influencia de D. João i, que Martinho v, célebre papa, por ter a sua eleição despartido o scisma, que então laborava a egreja, confirmasse a sua congregação, que já era conhecida entre o vulgo pelo nome de beguínos ou bons homens de Villar. Apez esta confirmação despediu mestre João para Portugal o seu amigo e companheiro o doutor Affonso Nogueira, o qual, vindo por Veneza, trouxe de lá o hábito azul e a regra dos cônegos de S. Jorge em Alga, e vestiu e regularizou d'esta fôrma a nova congregação monástica. Mestre João ficára em Roma e não sem intento. Depois de confirmada a congregação, restava empenho igualmente essencial, restava dar-lhe vida propria, libertando-a da dependencia do arcebispo. Mestre João, auxiliado pela influencia da côrte portugueza, foi por fim tão feliz n'este empenho, como o tinha sido no primeiro. Eugenio iv, successor de Martinho v, desmembrou Villar dos bens do arcebispado, e deu o velho convento aos bons homens do mestre João *in perpetuum* e sem dependencia alguma. Esta infracção do direito de propriedade, e a ingratidão dos beguínos, irritou justamente o arcebispo D. Fernando, que se oppoz tenazmente ao desmembramento, e fez tremer os

novos frades, em razão do muito valimento que sabiam que elle tinha em Roma. Aqui interveio o affecto de D. João 1 pelo seu antigo médico. A rogo de El-Rei o arcebispo pacificou-se, mas com a condição de que o reitor de Villar nunca poderia entrar em jurisdição, sem ir a Braga receber do arcebispo confirmação da sua eleição, e pagar-lhe um marco de prata em reconhecimento de dependência e senhorio. Para consolar mestre João, D. João 1 fez ao mosteiro muitas mercês de dinheiros e terras, azando com este favor que por muito tempo passasse por moda, entre os grandes donatários e gente opulenta, o beneficiarem pingueamente o mosteiro dos loyos de Villar. D'aqui proveio o tornar-se o convento senhor do couto de Villar, que D. Sancho 1, a rogo do bispo D. Pedro Salvador, contára a favor do mosteiro de D. Godinho Viégas, e tambem do ainda mais antigo couto de Manhente na margem direita do rio. Além d'isto o mosteiro apresentava e collava, como padroeiro, dezenove ou vinte freguezias, era isempto de muitos impostos, e tinha regalias e privilegios de tal ordem, que era considerado um dos mosteiros mais opulentos de Portugal.

Tal é em resumo a historia do mosteiro dos padres de S. João Evangelista, loyos, beguinos ou bons homens de Villar, que com o auxilio de tantas riquezas levantaram sobre o pobre cenóbio benedictino de S. Martinho de Dume, e sobre o mais espaçoso mosteiro de D. Godinho Viégas, o magnífico edificio, que ainda hoje existe sobre as margens do Cávado, a pouco mais de uma légua de Braga.

Nota II — pag. 12

Quem quizer fazer ideia perfeita do que eram entre nós as ordenanças, leia o *Regimento dos capitães-móres*, etc., de 10 de dezembro de 1570, a *Provisão das ordenanças* de 15 de maio de 1574, e o Alvará de 18 de outubro de 1709. Para a anterior organização militar portugueza consulte-se o *Regimento da guerra* de El-Rei D. Diniz, na Ordenação Affonsina, L.^o 1, tit. 54-70, e tit. 74, onde se encontra o *Regimento dos coudeis*, e a cada passo nos outros livros, onde apparece em muitos parágrafos de differentes titulos legislação concernente a este assumpto.

Antes da guerra da independencia, principiada pela revolução de 1640, não havia entre nós exército regular, exército na acceção em que hoje se toma. Até então todo o homem era soldado, e como tal era obrigado a ter armas, segundo a qualidade de sua pessoa e os haveres que possuia. Póde dizer-se que até essa época todo o paiz era vasto quartel de tropa, onde os soldados estavam em descanso, mas que tomavam as armas ao primeiro toque de alarme, e seguiam para a guerra sob o commando dos differentes chefes, que a organização social e militar d'essa época lhes designava. As ordenanças foram um maior gráu de organização dado a esse todo disperso e informe; mas apesar d'isso não lhe imprimiu o character de exército. Era como uma immensa guarda nacional e nada mais. A longa duração da guerra da independencia e a vinda do marechal de Schomberg por essa occasião a Portugal, foi que fez apparecer a primeira amostra de exército regular entre nós, a

qual se foi depois reformando pouco a pouco á imitação do que já estava em uso na França, na Espanha, e na Allemanha.

Nota III — pag. 21

Assim se chamam nas esfolhadas do Minho as espigas de milho vermelho. O feliz, que depára com ellas, tem direito a abraçar aquella das raparigas presentes, que mais lhe agrada.

Nota IV — Pag. 28

A invasão franceza de 1808 foi auxiliada pela Espanha, que ao mesmo tempo que Junot se encaminhava a Lisboa, nos invadia pelo Minho com um exercito ás ordens do general Taranco, e pelo Alentejo e Algarve com outro commandado pelo marquez del Soccorro. Uma divisão de quatro mil homens, ás ordens do general Carrasa, acompanhou tambem o exercito francez, que entrou em Lisboa, obedecendo como general em chefe a Junot.

A prisão de Fernando vi e a nomeação de José Bonaparte para rei de Hespanha levantaram os espanhoes contra Napoleão. Os exércitos, que tinham em Portugal, tiveram logo ordem de retirar para Espanha. O marquez del Soccorro, general do exercito do sul, obedeceu logo; mas Carrasa, que tinha succedido a Taranco, que morrerá no Porto, no commando do exercito do norte, declarou-se por Napoleão em Lisboa, e entregou a Junot as tropas do seu commando que ali estavam com elle. D. Domingos Ballesteros, que commandava no Porto, não seguiu o exemplo do seu general em chefe; e em cumprimento das ordens que

recebera da Espanha retirou do Porto no dia 7 de junho de 1808, levando consigo o general Quesnel e mais authoridades francezas, de que se蜘蛛derára no dia anterior.

Desde o dia 7 até o dia 18 de junho o Porto esteve sem governo, concitado por indecisoens e receios devidos pela maior parte ao ânimo, ou covarde ou talvez que afeiçoado á dominação franceza, do brigadeiro Luiz de Oliveira da Costa, que fôra anteriormente governador das armas. D'estas indecisoens e d'estes receios foi a cidade tirada no dia 18 pelo capitão de artilheria, João Manoel de Mariz, que sahindo do quartel de S. Ovidio, á frente de alguns soldados, proclamou a restauração da casa de Bragança, e deu azo, com este passo, a definir-se de todo a situação. Immediatamente depois d'este acontecimento nomeou-se popularmente uma Junta de supremo governo, de que foi presidente o bispo D. Antonio José de Castro, que nomearam tambem governador, e vogaes o doutor provisor Manoel Lopes Loureiro, o vigario geral Luiz Dias de Oliveira, o desembargador juiz da corôa José de Mello Freire, o desembargador aggravista Luiz de Sequeira da Gama Ayala, o capitão João Manoel de Mariz, o major Antonio da Silva, Antonio Matheus Freire de Andrade e Manoel Ribeiro Braga.

Esta Junta desagradou desde logo a Mariz, apesar de ser membro d'ella. Mariz, ao que parece era homem de coragem e de acção, mas de intelligencia de pouco alcance. Os seus actos e as suas opinioens eram totalmente dirigidos pelo tenente-coronel de engenheiros Luiz Candido Furtado, de quem era intimamente amigo. Como homem de vistas largas e de vasta intelligencia, Luiz Can-

dido comprehendeu logo que o único governo possível n'aquella occasião era um governo puramente militar, não só para se proceder immediatamente ao armamento do paiz, mas para refrear com mão energica as demasias populares, que começavam já a prognosticar o que viriam a ser de futuro, em razão das condescendencias que n'essa occasião foi preciso ter para com o entusiasmo patriótico do povo. A Junta, presidida por um bispo e composta na sua maioria por homens togados e paisanos, desagradou-lhe, e este desagrado transformou-se em rancor, quando viu convidar o general Bernardim Freire de Andrade a vir occupar o seu logar de governador das armas, logar a que elle aspirava, e que esperava conseguir por influencia de Mariz. A chegada de Bernardim Freire exasperou-o. Tramou logo contra elle uma sublevação popular, e, auxiliado por Mariz que facilmente arastou consigo, tentou tambem fazer depôr a Junta e todas as outras authoridades constituidas.

A energia de Bernardim Freire e o respeito que o povo tinha pelo bispo fizeram abortar a sublevação. Mariz e Luiz Candido foram presos e levados diante dos tribunaes. Mariz foi condemnado a degredo perpétuo para Angola, e Luiz Candido a morrer enforcado. D'estas duas sentenças nenhuma se cumpriu. Chegou-se a designar dia para a execução de Luiz Candido, chegou-se a levantar a forca na Cordoaria, chegou o povo a agglomerar-se para ver executar o condemnado, mas tudo aquillo não passou de mera burla, com a qual o bispo o salvou das iras populares. Na noite que precedeu o dia marcado para a execução, Mariz e Luiz Candido foram embarcados a bordo de um navio, que partiu immediatamente com elles para

o Rio de Janeiro, remettidos á justiça do principe regente para d'elles fazer o que julgasse conveniente.

Estes são os factos, a que se allude no texto.

Nota V — Pag. 33

As casas de todos os lavradores opulêntos do Minho têm para o lado da *estriqueira*, a qual é geralmente nas trazeiras d'ellas, um amplo espaço, ao rez do pavimento superior e a toda a largura d'elle, coberto pelo telhado, que d'este lado se estende para fóra da casa, como nos *chalets* suissos, sustentado sobre esteios de pedra ou de madeira. Este espaço sem resguardo algum mais do que o telhado, é o que no Minho se chama *varanda*. Para ella se sóbe da *estriqueira* por escada de pedra, e, com raras excepções, por ella se entra para a cosinha, que é geralmente a parte do edificio que tem porta para alli.

Nota VI — Pag. 51

Como a sciencia do brazão é de certo desconhecida pela maior parte dos leitores d'este livro, não é fóra de propósito o dizer aqui d'ella o que é necessario, para se comprehender bem o valor das armas dos senhores de Encourados.

Elmo aberto — Só podiam uzar de elmo aberto nas armas os fidalgos de antiga linhagem. O elmo cerrado indicava fidalguia recente. Só depois da quarta geração é que se podia abrir o elmo.

Cruz firmada no escudo — Cruz cujas pontas terminam nas extremidades ou orla do escudo; que o occupa de lado a lado, e não fica isolada

no campo, deixando algum espaço entre as pontas d'ella e a orla d'elle.

Paquife — Assim se chamam as folhagens, que sabem do elmo pelos lados do escudo. Em boa armaria o paquife não pôde ser de outra côr nem de outro metal, senão d'aquelles de que se compoem o escudo.

Timbre — É a insígnia que orna o alto do elmo. O timbre é reputado a parte mais illustre das armas; porque estas pôde-as uzar qualquer fidalguelho, por mais recente que seja em data; mas o timbre, em boa lei de armaria, só pôde ser usado por fidalgo antigo e de ascendencia illustradissima.

Toiro arremetente — Em armaria todos os animaes se representam com as qualidades, que os caracterisam, e segundo ellas se dominam. Assim o leão diz-se rompante, o toiro arremetente, o cavallo corrente, o urso levante e ameaçante, o lobo caçante, o cervo corrente, a onça saltante, o elefante andante, a raposa espreitante, a águia voante, o gavião caçante, a cabra passante, o porco montez fugente, etc. — O animal do timbre significa quasi sempre que aquelle que o tomou praticou algum feito com ânimo igual ao do animal representado.

Toiro, armado de vermelho — Quando se diz que o animal está armado d'esta ou d'aquella côr ou metal, vale o mesmo que dizer que tem os cornos, os colmilhos, a lingua ou as unhas d'aquella côr ou metal, de que se diz estar armado.

A respeito dos metaes e côres ouça-se o que diz Antonio de Villas-Boas Sampaio, na Nobiliarchia, cap. xxvi:

«Para a composição dos escudos no uso da

ármaria servem sómente os dois metaes de oiro e prata; e quatro côres naturaes correspondentes aos quatro elementos de que se formou o mundo. São estas — a côr vermelha que se chama *gules*, e corresponde ao fogo; azul que se diz *blao*, e corresponde ao ar; verde que se nomea *sable*, e corresponde á agua; negra chamada por outro nome *sinoble*, e corresponde á terra. Dos metaes, o ouro significa nobreza, fé, sabedoria, fidelidade, constancia, poder e liberalidade; a prata denota vencimento, eloquencia, limpeza, humildade e riqueza. As côres também tem diversos significados. O vermelho significa victorias, ardis e guerras; o azul zelo, caridade e lealdade; o verde esperança e fé; o negro firmeza, obediencia, honestidade e cortezia. As outras côres, que não são tidas por naturaes, como pardo, amarello, e outras de misturas, não servem para a ármaria, sob pena de ser tido por falso e não nobre o escudo que as tiver. Todo o escudo de armas ha-de estar composto d'estas quatro côres e d'estes dois metaes, ou de parte de uns e outros.»

Nota VII—Pag. 113

De Joanne, o pobre, nenhum dos muitos escriptores, que d'elle fallam, conta outra coisa mais do que dizer que era descendente dos condes de Urgel, e que veio de Espanha a Portugal, onde se fez ermitão, primeiro no monte de Sampaio de Midoens, a pouca distancia de Airó, onde fundou uma ermida em honra de S. Silvestre, e depois aqui no Airó, onde levantou outra ermida com a mesma invocação. O mais que d'elle dizem é que foi muito acceto á rainha D. Filipa e a D. Affon-

so, primeiro duque de Bragança, que o consultavam muito a miude, e o veneravam como santo. Vid. Jorge Cardozo, Diccionario Geographico de Portugal, verb. Airó; Carvalho, Corographia, vol. I; Villas-Bôas, Nobiliarchia, cap. VIII; Ceu aberto na terra (Chronica dos loyos), Agiologio lusitano, etc., etc. A Chronica dos loyos diz que elle morreu a 12 de janeiro de 1436.

No capitulo v d'esta novela ponho na bocca do cônego Valentim o que penso ácerca d'este personagem mysterioso.

Em 1809 já nada existia da ermida de Joanne, o pobre, cujas ruínas tinham sido aproveitadas para a construcção da que em 1650 foi levantada no mesmo local pelo ermitão Sinão Alves de Lemos, com a invocação da Senhora da Boa Fé. Vid. Cardozo, Dicc. Verb. Airó, e Fr. Agostinho de Santa Maria, Santuario Marianno, L.^o 1.^o, tit. 37, vol. IV, pag. 449. Da ermida da Senhora da Boa Fé, que segundo diz o padre Cardozo, era um pequeno eremiterio, que tinha algumas cellas para quem ali quizesse viver em penitencia, ainda ha poucos annos existiam as ruínas e a capella. Eu proprio as vi, e visitei muitas vezes. Hoje, segundo me consta já nada existe de tudo isso porque os aldeens das povoaçoens das abas do Airó demoliram as ruínas e a capella, levando pouco a pouco a pedra lavrada para a aproveitarem em muros e soleiras de casas.

Nota VIII—Pag. 154

Ductos de incenso é o que vulgarmente chamam incensadellas, o acto emfim pelo qual aquelle que empunha o thuribulo, o levanta pela cadeia á

altura do rosto, e depois, baloiçando-o, arremessa a fumaceira á cara do incensado. A cada acção d'estas chamavam antigamente um ducto. Cada posição official, civil, militar ou ecclesiastica tinha direito a um certo numero de ductos — dois, tres, quatro, cinco, segundo a pragmática das incensações.

E' preciso confessar que a comedia humana, se porventura foi em outros tempos mais honesta do que hoje, tambem foi mais ridicula e burlesca.

Nota IX — Pag. 351

A impossibilidade, que achei em harmonisar as admiraveis contradicções dos contemporâneos ácerca da figura de Bernardim Freire, levou-me a descrevel'a pelo retracto que d'elle fez o famoso Domingos Antonio de Sequeira, que, por ser feito por tal pintor, deve ser reputado perfeitamente semelhante.

(DO SEGUNDO VOLUME)

Nota X — Pag. 38

A respeito da prisão e assassinato de Bernardim Freire, veja-se o officio do barão de Eben, datado do Porto a 26 de março de 1809, (depois de ter fugido de Braga), e a sentença do conselho de guerra instaurado em Vianna para investigar ácerca das causas do assassinato do mesmo general e dos outros officiaes, a qual foi proferida a

48 de novembro de 1809 e se acha nas Ordens do dia de Beresford, anno de 1809, pag. 488.

A respeito das intrigas de Eben e infamia com que abandonou Bernardim Freire ao furor da plebe, veja-se a *Memoria* dos factos populares na provincia do Minho em 1809, escripta por José Valerio Velloso, conego da collegiada de Barcellos.

Nota XI — Pag. 112

Historico. D'esta fôrma é que foi salvo, n'esta mesma occasião o conego José Valerio Velloso. Vide *Memoria* citada, pag. 48, edicção de 1823.

Nota XII — Pag. 168

A scena do assassinato do brigadeiro Luiz de Oliveira da Costa, foi-me contada pelo meu amigo o sr. Manoel Ferreira Quiques, que d'ella foi casualmente testemunha presencial.

O meu amigo o sr. Carlos Gandra possui um volumoso manuscripto de que é author um ecclesiastico, contemporâneo d'este acontecimento, e que se intitula *Memorias chronológicas, criticas e circumstanciadas da invasão dos francezes em 1809, e privativas da muito nobre e sempre leal cidade do Porto*, no qual se narra da seguinte maneira o assassinato de Luiz de Oliveira: —

«Não param aqui os horrorosos attentados, e novos crimes amontoam sobre os outros. Concebem o atroz projecto de mattarem o ex-governador das armas Luiz de Oliveira e outros, que estavam entregues á justiça e presos nas ditas cadeias (Relação). E o mesmo foi pensal-o que executal-o! É por força arrancado o brigadeiro Luiz

de Oliveira da cadeia, o qual apparece tremendo e quasi nú, e abraçado com uma imagem de Nossa Senhora, a quem se encommendava como na sua derradeira hora de vida. Não são bastantes as suas supplicas para lhe concederem a confissão; e, á força de golpes de ferro, é desgraçadamente morto, sendo um dos principaes malleitores Constantino Gomes de Carvalho, soldado de pé do castello da Foz e natural de Barcellos, o primeiro que descarregou uma cutilada no desgraçado Luiz de Oliveira!!

Como se vê, a narração de MS. Gandra diverge da do snr. Quiques, em quanto á pessoa que primeiro feriu Luiz de Oliveira. Comquanto o manuscripto, apesar de ser redigido sem criterio, sem estylo e mesmo sem grammatica, seja documento importantissimo para a historia d'aquella época, não só por historiar pelo miudo todos os acontecimentos, mas, e sobretudo, por ser o reflexo da opinião do vulgo ácerca dos factos, que se succediam uns aos outros com espantosa rapidez, ainda assim preferi a narração do snr. Quiques, por ser de testemunha presencial e de toda a maneira insuspeita, á do author do MS. que além de se não dar por testemunha de vista do assassinato, era membro da classe, a que, segundo o snr. Quiques, pertencia o primeiro assassino que feriu o desgraçado Oliveira.

Nota XIII—Pag. 187

Do MS. Gandra copio em favor do leitor, amigo d'estas curiosidades históricas, os trechos seguintes relativos ás linhas de fortificação e sua defeza:

«Na grande e dilatada linha de defesa da parte do norte da cidade haviam, como já disse, 35 baterias, que estavam dispostas e repartidas pelo espaço de duas léguas, que tanto occupava a dita linha: — a 4.^a era S. Cosme em Campanham; a 2.^a S. Luiz, no alto do Pinheiro ou Cavádo, e eram defendidas pelo primeiro batalhão da primeira brigada (1); A 3.^a era a bateria do Senhor do Padrão, por detraz da capella do Senhor do mesmo nome; a 4.^a S. Jorge, no alto do pinhal do monte Cativo; estas eram guarneccidas pelo 2.^o batalhão da 4.^a brigada: A 5.^a S. Pantaleão, no monte das Enfestadas; a 6.^a S. Maria, no alto do Monte Cativo; que eram defendidas pelo 3.^o batalhão da 4.^a brigada; a 7.^a S. Salvador, ao Senhor do Bomfim; a 8.^a Santa Clara, no Moinho de Vento do Senhor do Bomfim, e a 9.^a Senhor da Boavista, sobre a estrada das Antas; que eram guarneccidas pelo 4.^o batalhão da mesma 4.^a brigada. A 10.^a bateria era Santo Ildesonso, na Póvoa de Cima; a 11.^a a de S. Filipe, à quinta dos Congregados; eram defendidas pelo 1.^o batalhão da 2.^a brigada. A 12.^a bateria era a da Senhora do Carmo, na eira da Empegada; a 13.^a era a de S. João Evangelista, no moinho do Fernandes; e eram defendidas pelo 2.^o batalhão da 2.^a brigada. A 14.^a bateria era S. Pedro no Lindo Valle; a 15.^a era S. Domingos na Arrotea, que eram defendidas pelo 3.^o batalhão da 2.^a brigada. A 16.^a bateria era a Senhora da Lapa, no monte da Lapa; a 17.^a S. Fructuoso; no logar do Serio; e a 18.^a Santo An-

(1) Refere-se ás brigadas de ordenanças de que fallo no texto.

tonio, no monte do Regado, que eram defendidas pelo 4.º batalhão da mesma 2.ª brigada.

A bateria 19.ª S. Francisco, no Monte Pedral, era o quartel general d'esta grande linha, e o centro d'ella; e era defendida pelos corpos de reserva, e independente dos outros commandos. A bateria 20.ª S. Paulo, na Falperra; a 21.ª S. Thomé; eram defendidas pelo 1.º batalhão da 4.ª brigada.

A 22.ª S. Gonçallo, e a 23.ª S. Barnabé, á Prelada, eram defendidas pelo 2.º batalhão da mesma brigada; a 24.ª S. Sebastião; a 25.ª S. Thiago; eram defendidas pelo 3.º batalhão da mesma brigada. A 26.ª S. Miguel, em Lordello, era guarnecida pelo 4.º batalhão da dita 4.ª brigada. A 27.ª, S. José, ao Prado da Fabrica, e 28.ª S. Mathias, em Ramalde, eram defendidas pelo 1.º batalhão da 5.ª brigada. A 29.ª S. Martinho, e a 30.ª S. Duarte, aquella em Ramalde e esta no Campo das Casas, eram defendidas pelo 2.º batalhão da dita brigada. A 31.ª S. Gregorio, e a 32.ª S. Braz, eram defendidas pelo 3.º batalhão da mesma brigada. A 33.ª S. Bruno, reducto do Pí-nhal; 34.ª Senhora da Luz, 35.ª S. Raimundo, eram defendidas pelo 4.º batalhão da dita 3.ª brigada.

As baterias da parte do Sul da cidade e rio Doiro eram as seguintes: — 1.ª Santo Antonio e a 2.ª a Raza, que eram defendidas pelo 1.º batalhão da 5.ª brigada. A 3.ª Senhor dô Padrão, e a 4.ª Monte Alto, que eram defendidas pelo 2.º batalhão da mesma brigada. A 5.ª a bateria do Monte grande, que era defendida pelo 3.º batalhão da dita brigada; e a 6.ª bateria da Serra, que era defendida pelo 4.º batalhão da dita 8.ª brigada.

Era esta a ordem da defesa em torno da cida-

de do Porto, que apesar de seu grande valor na porfiada defesa é sacrificada por fim ao desapiadado furor do brutal inimigo!... »

Tudo o mais que digo no texto relativo á organização da defesa d'estas linhas é, com pequenas modificaçoens suggeridas pelas partes officiaes, copiada tambem d'este MS.

Nota XIV — Pag. 207

Assim o diz uma carta de um official inglez, escripta de Coimbra a 2 de abril de 1809, isto é, quatro dias depois da tomada do Porto, publicada no *Correio braziliense*, de 1809, pag. 520.

Tudo o mais que narro do acontecido durante os tres dias, que Soult esteve em frente das linhas, é tirado do mesmo *Correio braziliense*, de 1809, pag. 510-515, e 520-522; e do MS. Gandra na extensa parte, que corresponde a estes successos.

Nota XV — Pag. 275

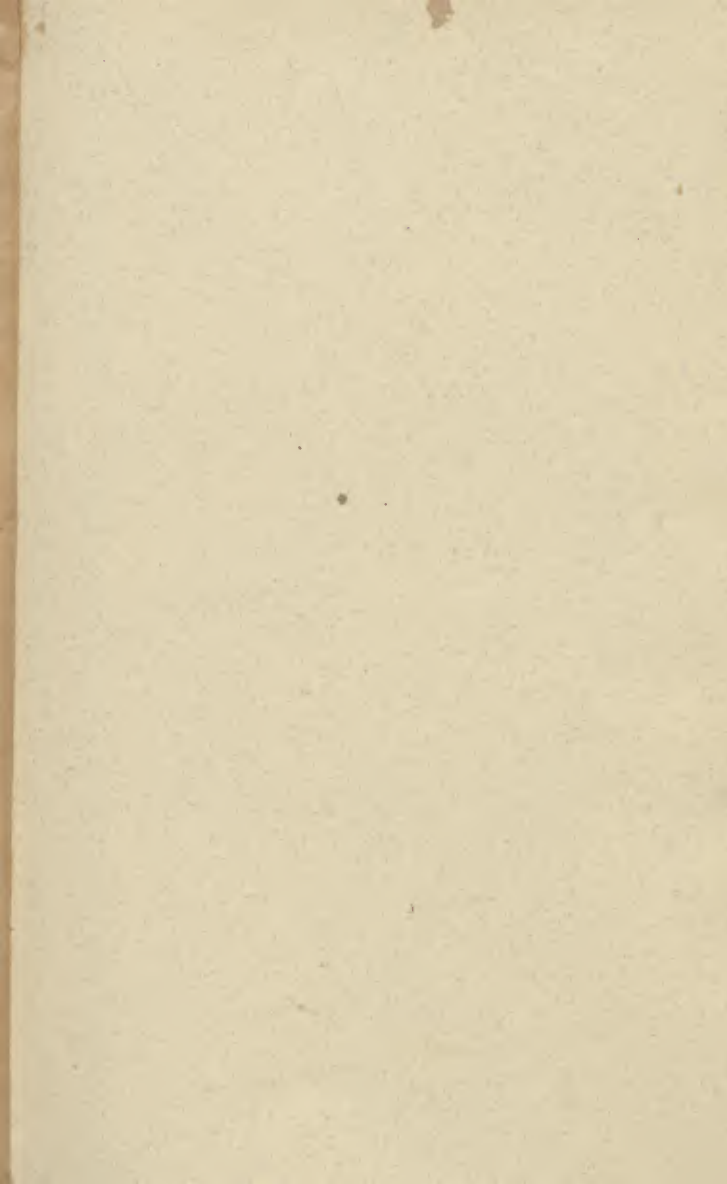
Isto conta o MS. Gandra do conego José Valerio Velloso, author da *Memoria* acima citada. A verdade d'esta asserção deduz-se claramente da *Memoria* de Valerio, que segundo o MS., era em vaidades um admiravel parlapatão.

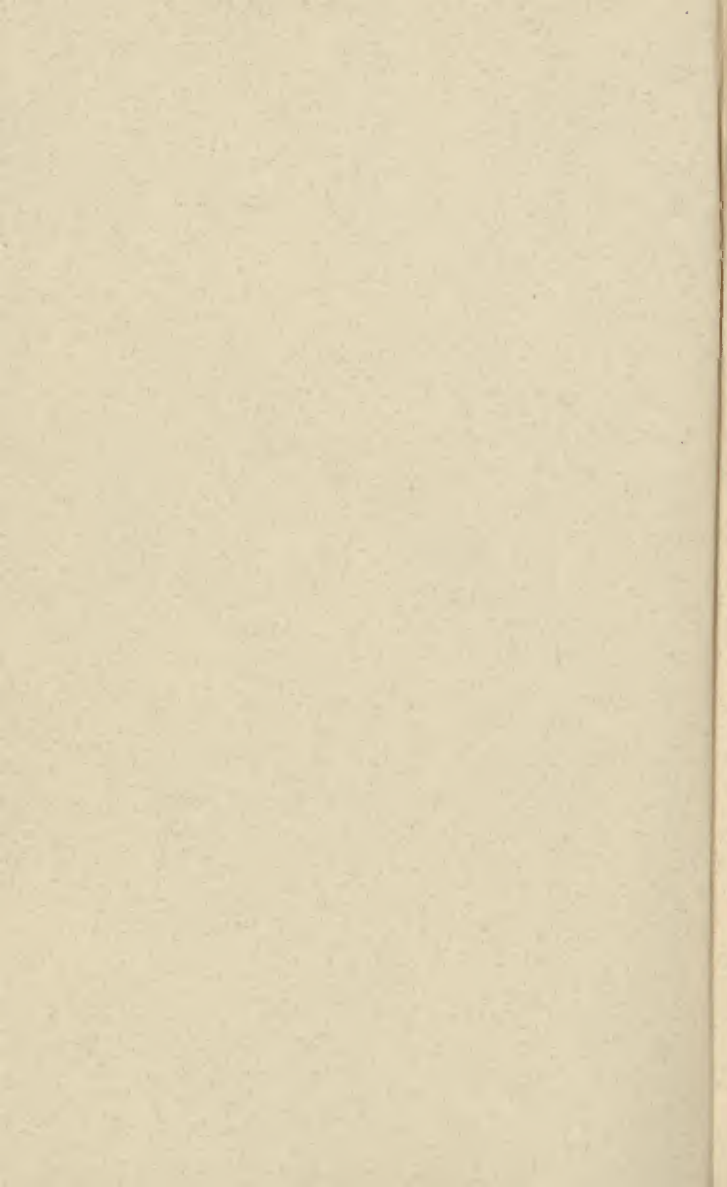
COLLOCAÇÃO DAS GRAVURAS

Valente defeza, entendes ? pag.	79
<i>Que é isso, Luiz Vasques?</i> pag.	136
Viu então o sargento-mór de Villar com os cabellos irri- cados... pag.	248
És tu, sobrinho, és tu ? pag.	324
Prometta-m'o, meu pae, pag.	398
D'esta vez sempre danço nas bodas, pag.	417

2015-2016 210 210-210

The first part of the report is a general
description of the project. The second part
describes the results of the project. The third part
describes the conclusions of the project. The fourth part
describes the recommendations of the project. The fifth part
describes the future work of the project.







biblioteca
municipal
barcelonés



5211

© Peregrin - Mònica Villar